FON – FON
ANNO XXVII — N.º 37
Rio, 16 de Setembro de 1933
— PREÇO: 1$000 —

O CONTO BRASILEIRO

REFLEXÃO

De Reynaldo Reis

PAULO ficou pensando, o cigarro a queimar-se lentamente. Então elle era um vulgar "chasseur de femmes"? Glauce teria razão? Por que lhe havia dito ella, no meio de um "fox-blue" ha tanto tempo pedido, que o considerava incapaz de uma affeição seria?

Não. Estava errada. Realmente, as apparencias condemnavam-no. Mudava de namorada como quem troca de gravata. Seria pelo desejo de sensações novas? Não era. Por achar mais interessante cada mulher ainda desconhecida? Tambem não. Pelo prazer da aventura? Não se dava isso. Pelo que era, afinal?

Sexualismo?

Espiritualidade?

Nervoso, levantou-se. Jogou fóra a ponta de cigarro. Abriu a "caixinha dos sonhos", como elle a chamava. Cartas, retratos, flôres murchas, lencinhos de renda e mil outras pequenas coisas da mesma pouca importancia. Aquelle amontoado de recordações representava uns quatro ou cinco annos de aventuras.

Reviu algumas cartas: "Tua, de sempre,"; outra: "Quero-te como jamais pensei querer alguem"; outras mais: "E's a unica razão da minha vida", "Sinto que, si me abandonares, não resistirei ao desgosto". Parou nesta. Lá estava a assignatura: "Maristella". E, mais abaixo, a seguinte nota a lapis: "Casada com aquelle portuguê rico, o Adriano. Foi para Pernambuco, após o casamento."

"Não resistirei", etc. As palavras ficaram dançando nos seus olhos. Que bôa pilheria! Pois si fôra ella que, sem mais nem menos, acabára tudo...

Pegou em uma photographia. "Praia do Pharol, 18 de setembro". Atraz do retrato estava, em letra fina e caprichosa: "Para você, Paulo, com todo o amôr da sua Wanda". Wanda? Gomes? Não era Gomes. Albuquerque? Não... esfera. era Albuquerque mesmo. Uma de olhos verdes e cabello negro. Tantas vezes lhe havia dito que os seus olhos tinham a côr da esperança e do mar inconstante... Ella ria, faceira, para mostrar os dentes meudos que, na verdade, eram lindos. "Wanda, eu tenho medo dos seus olhos, porque me fazem esperar um bem que talvez nunca seja meu". Como tinham sido bons aquelles mezes de verão!... Haveria ainda outras noites de luar tão bonito?

Tornou a lêr a dedicatoria: "Todo o amôr..." Hum!... Como se explicava então o noivado com o Miúu, aquelle incrivel sujeito que usára uma vez polainas brancas com o smocking? Teria sido a barata de 8 cylindros? Sim, fôra isso mesmo. Automovel, alguns contos de reis, a perspectiva de vestidos caros e o desejo de deslumbrar as amigas.

Voltaram as palavras de Glauce: "Você não poderá jamais gostar de alguem." Devia estar certo. Para que gostar? Acaso o primeiro boçal que acenasse com uma caderneta de banco não valia mais do que cultura, educação e amizade?

O juiz. — O senhor commetteu seis roubos em uma semana. E' phantastico!
O ladrão. — Si todos trabalhassem como eu, senhor juiz, não haveria mais crise nesta terra...

Olhou com ironia a saphira do seu annel de engenheiro. E ficou pensando si, em logar daquelles cinco annos de lutas contra os innumeros contratempos da vida, melhor não teria sido empregar-se em algum armazem de "seccos e molhados" e, naquella occasião, estar commodamente sentado na macieza de um mapple. Não daquelles mapples de imitação que havia em casa do "Sr. Commendador" Antonio Dias. Um verdadeiro. Sorriu...

Haveria alguma dellas sincera? Talvez. Mas o tempo de Diogenes já tinha sido tão longe...

Não. Decididamente, quem estava certo era elle. Continuaria. Podia até parodiar a antiga sentença: "E' mais facil um camello passar pelo fundo de uma agulha do que encontrar-se uma mulher sincera".

Mas, apesar de tudo, a sua alma estava cansada de tantos namoros faceis, que não saciavam o corpo e faziam mal ao espirito, porque ao fim de cada um vinha sempre a mesma sensação desagradavel de que faltava alguma coisa. Por que proseguia então?

Talvez o pudesse explicar um retrospecto pela sua vida anterior, pelas illusões dos 18 annos, idade em que elle, como todos os collegiaes, fazia sonetos que, para si, reputava mais sonoros que os de Castro Alves e muito mais expressivos que os de Bilac. Bom tempo, esse... Era tão sincero e crédulo... Compraria o primeiro bonde que trouxesse uma mulher bonita como conductora.

Porém aquella ingratidão envenenára-lhe a existencia. Seria capaz de querer bem novamente? Talvez. Mas não valia a pena. Para que? Não dava certo.

Acabou de vestir o smocking. Perfumou o bigodinho petulante. Ageitou o laço da gravata. Accendeu outro cigarro e lá se foi para o baile...

(Do livro inédito "Destinos").

RAPAZ INNOCENTE

— HORTENSIA! Hortensia! — disse o senhor Antonio Lard a sua mulher. — Teu filho ronca verdadeiramente muito forte!

— Meu filho! Meu filho! — respondeu a senhora Lard. — Mas, Antonio tambem é teu, tambem é teu filho.

O senhor Lard, que não punha em duvida semelhante coisa, rendeu por isso, homenagem ás virtudes conjugaes de sua esposa, e exclamou:

— Isso não é motivo para que não se reconheça que esse rapaz ronca muito. Não é natural. Elle deve ter alguma coisa.

Com effeito: os ronquidos do joven Alfredo Lard, através das portas e das paredes, se ouviam até o quarto de seus paes.

— Ah! meu Deus! — exclamou, de repente, a senhora Lard, no auge da inquietude. — Nem ha duvida. Está doente! Bem notava eu desde alguns dias atrás que o rapaz não comia. Que terá, então? Uma enfermidade da garganta? estou certa de que hontem tomou gelado. Antonio, levanta-te! E' preciso ir chamar um medico.

O senhor, Lard que estava muito á vontade em sua cama, procurou tranquillizar aquella mãe impressionavel.

— Mas não é necessario, querida. Bem sabes que elle ronca dessa maneira ha cerca de um mez.

Mas a senhora Lard não queria ouvir nada. O marido dizia aquillo para tranquillizal-a, pois, como elle mesmo acabava de declarar, havia um momento, aquelles ronquidos não eram naturaes.

— E' que talvez esteja deitado em má posição. Vou despertal-o, e has de vêr como deixará immediatamente de roncar.

Que pensava fazer o senhor Lard? Despertar daquelle modo um rapaz em pleno somno, com risco de causar-lhe um susto de morte! E ella que sabia quanto impressionavel era Alfredo. O pobre rapaz que se fechava em seu quarto com duas voltas á chave da porta, tanto era o medo que tinha na escuridão!

— Muito bem! — observava judiciosamente o senhor Lard. — Mas, si fosse chamar um medico, seria preciso despertar o rapaz.

Era verdade. A senhora Lard não havia pensado nisso.

Mas, no dia seguinte, sem falta levaria seu filho a um especialista de doenças de garganta.

O senhor Lard não via nisso inconveniente algum. Mas, naquelle momento, a unica coisa que pedia é que o deixassem dormir.

E, egoista como todos os homens, voltou-se de costas e em breve estava sepultado no somno, emquanto que a senhora Lard, devorada pela inquietude, via já seu filho atacado por todos os males que perseguem a garganta dos homens.

E' que Alfredo Lard, que havia pouco completára seu decimo sexto anniversario, estava rodeado de tão estreita solicitude como nenhum outro do mundo.

Desde que nascêra, fôra alvo de toda sorte de cuidados. Tendo vindo ao mundo depois de dez annos de união estéril, era tudo para aquella mãe.

Quando ainda menino de calças curtas, não sahia no inverno sem meias compridas e o pescoço agazalhado. Duplas meias de lã protegiam suas pernas contra o frio e seu pescoço trazia sempre um grosso cachecol.

Tambem nunca fôra ao collegio, onde os meninos costumavam ser violentos e frequentemente mal educados.

Um professor lhe havia dado, em casa, as primeiras noções escolares. Seus estudos eram cuida-

O perigo de dizer-se a uma mulher:

"E's uma flôr"...

Si se está perto de uma colmeia...

De Fortune Paillot

dosamente vigiados, para que sua imaginação não trabalhasse mais do que devia. Nunca puzéra os pés na rua sem ir acompanhado, e os collegas com quem lhe permittiam manter relações eram todos meninos exemplares.

Mas, tambem quantas satisfações proporcionava a sua carinhosa mãe!

Era uma verdadeira menina pela timidez, a innocencia e a candura de suas maneiras.

E felizmente para a senhora Lard, que tremia incessantemente por elle e que teria morrido de inquietude si elle fôsse um desses meninos a quem não se póde conter e que se fazem homens muito cedo.

Na manhã seguinte, á hora do café, a senhora Lard verificou que a cara do rapaz não era bôa. Sim, sim. Ella não se enganava. Os olhos de seu filho estavam com olheiras, suas feições contrahidas. Estava, evidentemente, enfermo.

Para roncar como roncára durante a noite, era preciso que estivesse muito mal. Não queria confessal-o mas a prudencia ordenava que fosse consultar a um especialista em doenças de garganta.

O especialista examinou cuidadosamente o joven Lard, e nada de anormal descobriu nelle.

— E' curioso! — disse o medico. — Mais não noto nada. Sem duvida esse rapaz dorme com a bôcca aberta. Seria preciso que se acostumasse a resperir pelo nariz. Não ha outro remedio para esta ligeira enfermidade.

Alfredo Lard foi, assim, convidado a respirar pelas fossas nasaes. Devia exercitar-se nisso durante todo o dia para que sua respiração nocturna continuasse fazendo-se normalmente.

Nada, porém, se conseguiu, e seus ronquidos não cessaram.

— Acaba sendo intoleravel! — grunhiu, uma noite, o senhor Lard. — Com semelhante ruido não é possivel dormir. Que vamos fazer com elle?... Bem, vou despertal-o!

— Por Deus, Antonio! — exclamou a senhora Lard. — Elle vae assustar-se...

— Deixa-me!... Em sua idade, o homem precisa ser um pouco forte. Além disso, vou apenas assobiar á porta. Póde ser que elle desperte...

Mas o assobio não deu resultado. Não só continuaram os roncos de Alfredo, mas sua insolita sonoridade chamou ainda mais attenção do senhor Lard.

O senhor Lard chamou a esposa.

— Hortensia, sem escutar. O rapaz certamente, está sentindo alguma coisa.

A senhora Lard, em camisa e com o cabello preso, surgiu, espavorida, verificando o estranho ruido que Alfredo fazia roncando.

— Mas... si está com estertor! — exclamou, afflicta, a pobre mãe. E' preciso despertál-o.

E resolveu bater na porta do adormecido.

— Alfredo!... Alfredo! Queridinho meu, não tenhas medo... Sou eu...

Alfredo continuava roncando. A senhora Lard bateu mais forte. O proprio senhor Lard sacudiu a porta com vigorosos murros.

O joven Lard roncava, roncava e não respondia.

— A chave, depressa, a chave! Creio que a chave do salão abre este quarto. Experimentemos. Meu Deus! Depressa, que o rapaz morre asphyxiado!

A chave do salão não entrava na fechadura, mas a da sala de jantar conseguiu fazer correr a lingueta.

O senhor e a senhora Lard penetraram no quarto de seu filho.

Alfredo não estava em seu aposento. Mas, sobre uma mesa, o phonographo, que lhe haviam presenteado no dia de seu santo, imitava perfeitamente, com seu ruido regular, os ronquidos humanos...

A ENDOCRINOLOGIA

E O PODER DOS HORMONIOS

O falso pudor que predominava até nas camadas mais cultas da sociedade, impedindo que se estudasse á luz da razão e da verdade todos os problemas sexuaes, sem duvida da maior importancia para o genero humano, parece que tende a modificar-se, o que representa uma util conquista da civilização.

Quantos individuos portadores, sem o saber, de uma grave insufficiencia endocrinica, que lhes perturbava totalmente a actividade, estão, hoje mercê do que aprendem dos ensinamentos feitos pela imprensa, procurando o caminho seguro de se livrarem desse estado de verdadeira penuria organica e que, agora, passaram a gozar uma vida sã e bôa para si e tornaram-se tambem, uteis á sociedade?

Por conseguinte, divulgar os grandes feitos das sciencias, dentro daquelle ramo e indicar aos que soffrem como aproveitál-os é, parece, uma missão humanitaria. Pois, este é o nosso proposito, quando pômus á disposição dos que se acham sob a tortura de uma neurasthenia sexual, com todo o seu penoso cortejo, ou dos que são victimas de disturbios e insufficiencias glandulares, o consultorio medico situado á Avenida Rio Branco n. 173-2.º, nesta capital e á rua S. Bento, 49-2.º em S. Paulo. Nesses consultorios se prescreve, sempre que haja indicação, o uso dos hormonios que o Prof. Magnus Hirschfeld, conseguiu seleccionar e com os quaes formou as Perolas Titus. O tratamento, que é gratuito, é sempre acompanhado pelo medico assistente e são nelle adoptadas as regras de hygiene indicadas a cada caso.

As observações clinicas registadas nesse consultorio, e por outros observadores clinicos, confirmam o alto valor da medicina endocrinologica no tratamento de todas as perturbações sexuaes, em ambos os sexos, e em todas as edades.

As Perolas Titus são tambem encontradas: em **Porto Alegre**: Caleria Chaves, Ap. 15; em **Bello Horizonte**: Rua da Bahia n.º 938; em **Juiz de Fóra**: Rua Baptista de Oliveira n.º 622; em **Victoria**: Avenida Cleto Nunes n.º 45; na **Bahia**: Rua Corpo Santo n.º 33-1.º andar; em **Maceió**: Rua 2 de Dezembro n.º 116; em **Recife**: Rua João Pessôa n.º 253-1.º andar; no **Ceará**: Rua Major Facundo n.º 244; em **S. Luiz do Maranhão**: Rua Nina Rodrigues, 74-84; em **Belém do Pará**: Rua Gaspar Vianna, 111; em **Manáos**: Rua Guilherme Moreira, 13; em **Curityba**: Praça Tiradentes, 554.

JUSTIÇA ASSASSINA

COMO pratiquei um crime?

E depois de beber de um trago seu sexto cocktail:

— Morava, então, em uma villa: uma especie de solar do seculo XVIII, edificio de granito, isolado entre algumas arvores velhas e torcidas, e que dominava um dos pontos mais selvagens da costa bretã. Uma tarde tempestuosa, á hora do crepusculo, ouvi bater. Eram quatro vultos que fugiam ao aguaceiro, mettidos em seus impermeaveis, parecendo mais umas phocas. Fil-os entrar. O homem, alto de figura quadrada e solida, perguntou:

"— Não me conheces?

"Aproximei a luz e, pouco a pouco, julguei ver, como um fantasma entre a neve, um companheiro de collegio. Porem, aquella evocação tão vaga não me ajudava a formular um nome. Foi elle quem me deu as indicações desejadas. Com effeito, fomos collegas em outra época. E elle m'o lembrou. Consegui despertar minha memoria. Para falar a verdade guardára delle uma impressão bem desfavoravel. Crescêra muito depressa e tinha fama, pela sua brutalidade e genio violento. Nunca sympathizamos um com o outro. Tinha-lhe medo e me affastára delle.

"— Nossa presença aqui deve surprehender-te. Viajo em auto descoberto com minha esposa. Damos um giro pela Bretanha. Uma "panne" nos immobilizou a quinhentos metros daqui. Ja é quasi noite. Um camponez disse o teu nome e mostrou-me tua casa. Por isso, tomámos a liberdade de vir pedir um asylo, já que estavamos perdidos na floresta. Amanhã arranjarei o auto, porem, esta noite, com a tormenta e a escuridão, era impossivel.

"Disse-lhe que tinha o maior prazer em hospedál-os e mandei preparar os quartos. A mulher contrastava, por sua doçura e sua graça delicada um tanto doentia, com a brutalidade do marido. Tinha lindos olhos, de um azul claro. Suas mãos eram de uma extraordinaria finura, mãos de princeza ou de archanjo. Um sorriso animava-lhe a bocca de labios perfumados. Depois do jantar, subiram para seus aposentos. Momentos depois, ouvi um ligeiro ruido. Era ella. Esquecêra-me de deixar os phosphoros sobre a mesa e vinha pedir-mos. No momento em que lhe entreguei a caixa, dizendo-lhe que pedisse tudo o que precisassem, ella me dirigiu um olhar tão doce e commovedor, que meu coração se opprimiu. Depois accrescentou:

"— Elle já dorme. Deitou-se vestido... Conheço-o... só acordará amanhã...

"Como parecia não ter somno, convidei-a a ficar ainda um instante junto ao fogo, onde seguramente estava melhor do que em cima, naquelle quarto, onde o vento entrava por baixo da porta. Acceitou-o e ficámos um em frente do outro, ouvindo o ruido das rajadas do vento e o tic-tac solenne do relogio.

"Pouco a pouco, chegamos ás cofidencias. Havia dois annos que estava casada e seu marido procurára anniquilal-a. Depois, contou uma historia que me

De Paul Reboux

pareceu bastante complicada e deu-me a certeza de que estava deante de um ser a quem o destino perseguia, pois encontrára em meu antigo collega, mais do que um senhor, implacavel, um verdugo. Estava impressionado em presença daquella creatura, victima innocente, quasi resignada de seu destino, que me contava sua desgraça naquella solidão nocturna sem pedir o meu apoio... Concluiu:

"—Que quer?... E' espantoso!... Porem, que posso fazer?... Sei muito bem que um dia elle me matará. Basta um passo em falso á beira de um desses caminhos, por onde me leva agora... Não espero mais nada da vida... E' para mim um inferno!... E' melhor acabar..."

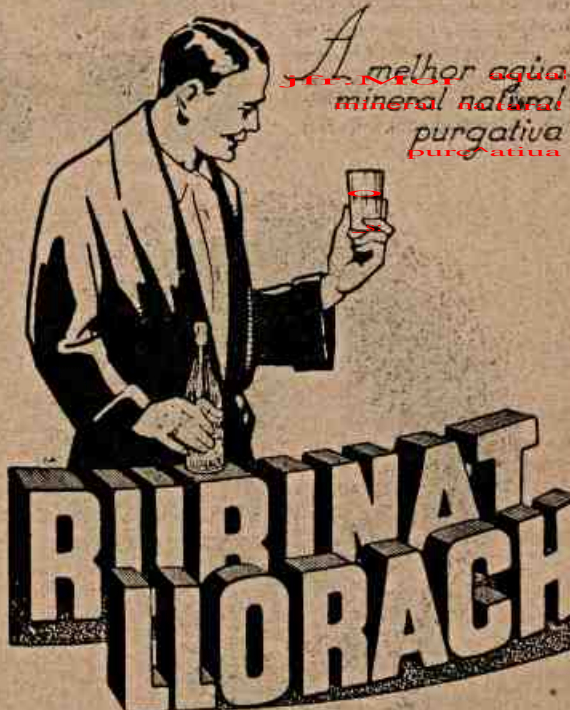
* * *

NA manhã seguinte, acompanhei meu collega até o auto; o desarranjo era maior do que suppunha. Precisava mudar uma peça; tinha que mandar buscar á cidade. Impossivel partir nestas condições. Ao voltarmos á casa, passamos perto de um lago, atravessámos uma ponte improvisada e costeámos o precipicio. De repente, o meu companheiro viu do outro lado uns cardos azues, que cresciam ali, apesar do vento.

"—Ah! disse. — As flôres de que tanto ella gosta! Vou apanhal-as.

"Confesso que me repugnou aquelle cynismo. Aquelle homem, aquelle verdugo, fingir sentimentalismo!... Aquella hypocrisia me revoltou. Elle desceu o escarpado caminho e pôz o pé na areia, para ganhar a outra margem... Meu coração começou a bater com força... Aquella areia era conhecida como o ponto mais perigoso da costa. Firme nas bordas, tornava-se repentinamente movediça, a ponto de tragar, de submergir, sem remedio, o imprudente perdido naquelle logar de apparencia inoffensiva. Nem uma testemunha. Occorreu-me uma idéa atroz, porem tenaz, de que, si não o avisasse, elle continuaria seu caminho e se afundaria no trahidor abysmo. Tive uma espantosa vacillação... Gritaria para avisal-o?... Calar-me-ia para salvar aquella pobre infeliz? Puz a mão nos olhos, prolongando o debate em minha consciencia. Quando olhei de novo, vi que levantava as pernas alcançado já pela areia mortal. Gesticulando, perdeu o equilibrio. Lentamente, se afundava. Seu grito inutil se perdeu no espaço. Uma mão se crispou, um instante, sobre a extensão tranquilla. Depois... nada...

Quando voltei, tive que annunciar o drama á esposa; recebeu a noticia sem emoção; aquella tranquillidade me causou certa surpreza. Aquella mesma tarde tomei o trem para leval-a aos seus. E foi ali que eu soube da horrivel verdade. Ella estava louca, padecia de uma mania de perseguição, e seu marido, cheio de ternura, fizéra todo o possivel para evitar encerral-a num manicomio...

"Eu, que me julgava um juiz, não era mais do que um assassino."

ESTRELLAS DE HOLLYWOOD

Não é certo que a sua estrella favorita não envelhece nunca? Nenhuma mulher de tino tem por que temer a perda de sua cutis de moça, sempre que se decida a abandonar de uma vez por todas, os cremes, as pinturas, os pós e todos os demais enfeites, nocivos e contraproducentes. Para desterrar do rosto todas as imperfeições, manchas, rugas, espinhas, basta applicar-se, todas as noites antes de deitar-se suave Cera Mercolized, a que de modo insensivel elimina toda a tez gasta, fazendo apparecer em seu logar a nova e formosa cutis que toda mulher possue encoberta pela velha cuticula exterior. Em seu magazine, pharmacia ou perfumaria, encontrará Cera Mercolized.

Dissolvendo uma colherinha das de café de granulado "Stallax", em uma chicara de agua quente, deixa ampla margem para fazer uma magnifica lavagem de cabeça, deixando a cabelleira naturalmente ondulada, com um tom brilhante e suave.

O Crime

De NENÊ MACAGGI

ERA um dia quente, azul, vivo, festivo, em que o sol, jorrando borbotões de luz, doirava as calçadas, inflammando as pedras, incendiando a poeira tenue do ar, pondo reflexos de crystal nas vidraças, no mar, nas casas, dando-lhes uma deslumbrante faiscação de cal, dum vivo monotono e silencioso.

No jardim publico voejavam as borboletas sôbre as flôres esmaltadas de côres vivas, sôbre o verde brilhante das plantas; tudo era luminoso e parado, sem um bolir de folhas, acalentado apenas pelo canto liquido dos repuxos e pela pulverização fina da luz.

Tudo azul! Céu, terra, mar, atmosphera!

Acompanhando a curvatura da calçada, arqueado, de estatura diminuta, de ossos e musculos atrophiados, pelle secca, olhos encovados e sem brilho, palpebras cahidas, um pobre demente senil, modestamente trajado, marchava, em passos miudos, com as pernas trementes, encolhido, tiritante, como se estivesse com muito frio.

Parou mais adeante, cansado, e debruçou-se á amurada da praia.

Tirou de vagar o chapéu da cabeça, reluzindo esta ao sol, quasi despida de cabellos, e, com a vista escassa que possuia, olhou o mar, ao longe, como se estivesse a admirar-lhe o colorido intensamente azul.

Alli ficou durante algum tempo, entregue a uma somnolencia que traiçoeiramente lhe vinha conquistando o organismo, sempre que demorava algum tempo em qualquer lugar. Reagiu, porém, com certa difficuldade, e continuou a caminhar, olvidando toda essa belleza presente que não lhe interessava, para recahir no passado.

Delle vivia. Desde que começára a doença incuravel, de origem alcoolica, perturbou-se muito sua memoria; esquecia as cousas, esquecia os nomes; mas o passado, esse recordava-o detalhadamente com factos de sua infancia e mocidade, que lhe faziam vir agua aos olhos.

Elle notava esse desmemoriamento e entristecia, magro, abatido, somnolento, mudo, emporcalhando de saliva grossa a roupa remendada.

Numa queda rapida de organismo, o coração hypertrophiado, grande sensibilidade ao frio, vista fraquissima e frequentes zunidos ao ouvido, tremendo o corpo e as mãos, apossára-se delle uma grande melancolia, que o fazia ficar dias e dias no quarto, sem sahir, sem olhar para nada, sem ver alguem.

Ficára assim pelas emoções repetidas, provenientes da desgraça que ferira sua familia, sepultando-a, á excepção da filha ingrata com quem vivia agora, no mar, num horrivel naufragio.

O choque fôra violento demais. Julgou enlouquecer. Comtudo, os cuidados interesseiros da filha fizeram-no voltar á vida; mas para sempre marcado.

Ficára-lhe o esgottamento nervoso, que avidamente se apossou daquelle debil organismo gasto pelos esforços physicos e psychicos. E os desgostos continuos que lhe dava a filha, desquitada do marido e levando uma vida de orgias continuas, lhe trouxeram a demencia senil, em fórma branda.

No principio, lhe dominaram as idéas de auto-accusação, dizendo-se um miseravel que fazia soffrer todos os que amava, merecendo as penas do inferno... e cahia em engolfante tristeza, crente na sua desgraça irremediavel. Logo depois via-se accusado, perseguido injustamente. E não sahia do lugar, horas, semanas, de medo que o prendessem, vivendo uma vida miseravel e solitaria.

Agora, tinha, todavia, um consolo na sua existencia: o neto, pobre sêr repellente, do qual todos fugiam como de um animal asqueroso!

Uma nevoa de lagrimas lhe molhou a face encanecida e murcha, quando chegou onde o netinho estava.

Durante uma toxi-infecção materna, em vida ainda intra-uterina, gerou-se aquelle mostro, cuja belleza toda fôra para a mãe, mais linda e esplendorosa depois do nascimento do primeiro e unico filho.

A criança não cresceu, a ossificação toda se desenvolvendo com extraordinaria lentidão, sem intelligencia alguma, curvada, as perninhas tortas, o pescoço curto, o nariz muito achatado, os olhos afastados exaggeradamente um do outro.

Desde a primeira dentição, seus dentes se estragaram logo, e aos cinco annos era quasi pelladó, desdentado, com as pernas curtas como se alguem as houvesse cortado, barrigudo, a bocca de labios enormes, sempre entreaberta, a pelle edemaciada e secca, a cabeça chata e grande!

Mas o avô achava-a linda!

do louco

(Especial para FON-FON)

Era seu unico amigo. Ambos repellidos por todos, juntaram-se numa affinidade de soffrimento, vivendo um ao lado do outro, felizes por se comprehenderem e amarem.

Alli naquelle claustro forrado de verde, onde a hera crescia ao abandono, penetrando pela grade de janella, humido e frio, os dois, isolados do mundo, escorraçados por todos, se falavam, se acariciavam, num aconchego de animaes amedrontados.

E o avozinho, carinhoso, brincava com o neto, fazendo de cavallo, pondo o aleijadinho na garupa, arrastando-se no soalho de cimento, esburacado e sujo. Como a criança ria! Ella, que difficilmente ria, com que prazer escancarava a boquinha torta, quando, dando um pontapé na barriga do avô e puxando-lhe a redea feita de um galho de hera, este se punha a pinotear e a fingir que relinchava!

E o avô, contente, limpava o sangue dos joelhos feridos nos buracos e parava uns instantes para acalmar a dôr das costas, feliz por dar um pouco de alegria áquelle pobre desgraçado. E ria, elle tambem, ria, ria, para depois, quando o neto não visse, enxugar depressa os olhos cheios de lagrimas.

Pequeno ainda, com dois annos, haviam-no jogado alli, porque "lá em cima ninguem o podia ver". A criança, como se comprehendesse, caminhou para um canto e alli ficou, muda e entorpecida, longe da luz, como se temesse molestar tambem com a sua presença aquelle velho que a olhava com tanta ternura.

O avô tomou-a ao collo e, erguendo-lhe a facezinha mirrada, disse-lhe:

— Todos te repellem, meu amôr! Elles têm nojo de ti, porque não és bonito! Como se tivesses culpa de Deus te ter feito assim! Eu serei tudo para ti e não serás mais repellido! Far-te-ei carinhos, abrigar-te-ei no meu coração! Já não me assustarei mais com a solidão e tu terás uns braços sempre abertos para te recolheres nelle! Pobre do meu anjo, tão bonitinho!

E o avô, commovido, abraçou-se ao corpinho magro da criança, beijando-a, acarinhando-a, molhando-a de lagrimas.

E assim foram vivendo. Já os dias não o acabrunhavam muito, nem as noites lhe traziam tanto terror, como se todos os seres do inferno dançassem ao seu redor, assobiando e sapateando.

No principio tentou passear com a criança no jardim, mas isso lhe foi terminantemente prohibido, porque fóra paravam as pessôas para ver aquelles aleijados de aspecto risivel.

E o infeliz teve de se contentar com a luz macia que, escorregando do azul celeste do céu, lhe entrava pela janella e pela porta e vinha doirar o chão escuro, trazendo um pouco de calor ás faces pallidas da criança.

Dois, tres annos se passaram e a vida, naquella casa, continuou a mesma: em cima, o luxo, o conforto; em baixo, a miseria sombria, a falta de saúde, o desejo de acabar...

Era o avô que lhe arrumava as roupas, costurando com uma agulha de talagarça os remendos, amarrando-lhe com tiras o que não conseguia prender. De manhã acordava-o com beijos, limpando-lhe a baba e o pus dos olhos, lavando-lhe com agua e sabão o rosto de pelle grossa, penteando-lhe os poucos cabellos com um pente sem dentes; depois sentava-o nos joelhos e dava-lhe o café mal tinto de leite que lhe trazia a criada, sem olhá-los, com terror, como se estivesse entre duas féras bravias. Cortava o pão em pedacinhos e punha-os dentro do leite, dando-o ás colheradas na bocca da criança. Se ella não queria comer, o velho, numa voz de chôro, supplicava-lhe:

— Papize, filhinho, senão o vovô fica zangado! E o vovô vae bater no netinho!

Quando a criança obedecia, elle tomava-a ao collo, erguia-a, abaixava-a, beijando-a, apertando-a, fazendo-a gemer ás vezes sob a sua caricia rude.

Passavam os dias a garatujar nas paredes, a contar as folhas e flôres que nasciam da hera, a notar como se alastravam ou contrahiam as resteas de sol e como uma aranha pequenina tecia a sua teia entre as grades da janella.

Dormiam grande parte da tarde, ambos somnolentos e amollecidos, ouvindo, com muito esforço, o canto monotono das cigarras, sob o silencio luminoso das tardes tranquillas.

Em outras occasiões, emquanto o netinho seguia o vôo de algum beija-flôr, o avô encostava-se á porta e se punha a pensar, sempre no passado, recordando-se de factos que durante annos haviam jazido adormecidos na sua memoria.

Duas vezes por semana o vovô tomava o netinho ao collo, dava-lhe banho e cortava-lhe as unhas com um canivete, que lhe servia de thesoura e de faca.

(Continúa na pag. seguinte).

O CRIME DO LOUCO

(Continuação)

A criança sentia cocegas nos dedos e dava gosto ver-se as risadinhas que ella soltava, emquanto o avô pacientemente lhe ia cortando as unhas grossas e sujas.

Um dia, porém, o netinho amanheceu doente; sentia uma grande dôr de cabeça, que lhe descia pela nuca; durante toda a tarde teve febre e de noite duas convulsões.

O velho ficou aterrado! Correu (como se elle pudesse correr!) para a filha, a pedir-lhe que mandasse chamar um medico.

— Agora não tenho tempo. Amanhã verei isso.

Elle desceu as escadas cambaleando, o coração parado de surpreza e de dôr.

Chegou á beira da cama. Lá estava o netinho, tão pallido, enleado nas cobertas esfarrapadas!

O avô olhou-o, chorando, e collocou-lhe na cabeça pannos embebidos em agua fria. A criança deixava-o agir, movendo a cabeça enorme de um lado para outro. Depois elle esquentou um pouco de chá e deu-o, ás colherinhas, na bocca resequida da criança.

O doentinho engulia resignadamente, sempre movendo a cabeça.

A' noite lhe voltaram as convulsões, agora mais demoradas. O avô passou-a em claro, sentado perto da criança. O silencio aterrava-o, cortava-lhe a alma o gemer constante do doente.

Pela manhã, ás caricias tepidas da brisa primaveril que assetinava o ar, pareceu melhorar.

O avô, contente, sorria-lhe, acariciando-o, beijando-o repetidas vezes.

Por volta do meio-dia, voltaram-lhe as convulsões e, mais forte, a dôr de cabeça. Gemia, agora mais alto e falava ao velho:

— Ai, vovô, estão me queimando a cabeça! Quero sahir daqui! Ai, vovozinho!

O velho, nervoso, tirou-o da cama e pôl-o um pouco no chão; mas a criança já não podia andar!

Pela tarde se foi tornando rija e deixou de falar. Em vão o avô, desesperado, tentou ouvir a sua vozinha.

Ella gemia, gemia sem parar, os olhinhos pequeninos e fundos brilhando de febre.

Inutilmente, o pobre velho esperou a filha.

A' noite, notou, afflicto, que o corpinho da criança se tornára inteiramente rijo e a cabeça fôra virando para traz.

Convulsões violentas saccudiram aquelle debil corpinho até de manhã.

E o velho viu, ao clarear dalba, que a criança tinha a cabeça completamente arqueada para traz, em semicirculo, e o dorso não encostava na cama! E, se penetrar a luz no quarto, ella gemia mais forte accusando dôr maior.

O velho desesperava-se com aquelle soffrimento. E subiu mais uma vez as escadas luxuosas, para falar á filha. Ella não estava.

— Que vem fazer aqui, estafermo? Não sabe que sua filha o detesta?

— Mas...

— Qual mas nem meio mas. Ponha-se já para fóra daqui!

O sol ia aquecendo, uma refracção de ouro a pousar em tudo, alegrando, vivificando o que sua luz bemfazeja podia alcançar.

E lá dentro, no escuro, sem luz, porque elle interceptára, com um panno, a claridade que entrava na janella, soffria o neto, lenta, agoniadamente, sem assistencia medica, sem ninguem que o soccorresse!

Pobrezinho! Mas havia de sarar, custasse o que custasse!

. . . .

Tudo foi obra de um momento. O amôr ao neto déra-lhe coragem e Deus multiplicára-lhe as forças...

. . . .

— Quanto me dá por este relogio?

— Cem mil reis.

— Só?

— E quer mais? Talvez tambem deseje que eu chame a policia, pois este relogio deve ter sido roubado.

— Está bem, está bem, meu senhor, não se exalte! Dê-me mesmo os cem mil reis.

. . . .

Ao sahir, olhou em volta, com receio de que alguem o estivesse espiando, para ir contar á filha que elle lhe havia roubado o relogio de ouro...

Suspirou, alliviado, ao ver que não era seguido. E, como se não tivesse tremor nas pernas, pôz-se a caminhar depressa.

Ainda longe de casa, numa esquina, parou.

Uma taboleta branca lhe chamou a attenção: "Dr. Armenio de Faria. Clinica infantil. Attende a chamados a qualquer hora".

(Continúa na pag. 12).

O CRIME DO LOUCO — (CONTINUAÇÃO)

Entrou, falou timidamente ao medico e dalli a pouco, os dois sahiam, o velho adeante, frequentemente voltando-se para o medico e dizendo-lhe:

— Por favor, doutor, não percamos tempo! Andemos mais depressa! Meu neto morre!

Depois de vinte minutos de caminhada, atravessando a alameda verde de buxo, penetraram os dois no quarto frio e humido, onde o pequeno enfermo gemia dolorosamente.

O velho achegou-se-lhe e lhe disse, carinhoso:

— Prompto, meu amôr, aqui está o doutor e o filhinho agora vae sarar, vae beber todo o remedinho, pra depois brincar de cavallo e fazer riscos na careca do vovô, sim?

Mas a criança já não podia falar e com difficuldade pousou os olhos fixos e brilhantes no rosto do avô, como a extravasar-lhe toda a sua tortura.

— Doutor, pelo amôr de Deus, salve-o, salve-o! Elle é a unica pessôa que tenho no mundo!

Mas o doutor abanou negativamente a cabeça. A criança não se salvaria. Já não podia deglutir e as funcções urinarias haviam paralyzado.

Sahiu, compungido, levando os cem mil reis da visita.

O velho emmudeceu, devorando a criança com os olhos. Percorreu-lhe o corpo um tremor gelido, empallideceu e escorregou pesadamente ao solo, torcendo-se, arranhando-se, rugindo de desespero.

Essa noite passou-a numa excitação demoniaca; gritava, levantava-se da cama, arrastava-se pelo cimento, falando sózinho, derrubando as cousas. De madrugada adormeceu, mas dormiu pouco, num somno agitado e confuso. Acordou, deprimido e somnolento, um jacto de vomito a lhe empastar a camisa escurecida: era o neto, sempre immovel, que, numa contracção horrivel, jorrava verdadeiras torrentes de vomitos.

Tomou a criança nos braços e durante parte da manhã passeou pelo quarto, embalando-a, acariciando-a, sussurrando-lhe ao ouvido que não o deixasse, que o levasse tambem, pois como poderiam viver mais separados?

Ella, como se o comprehendesse, olhava-o bem no rosto, que angustiosamente se punha rente ao seu.

Depois começou a gemer mansinho, lenta, compassadamente...

O velho, desvairado, depôl-a na cama e sahiu quasi a correr. Ia em procura do medico. Não o encontrou. Vagou pela cidade, de consultorio em consultorio. Ninguem quiz attendêl-o. Amedrontavam a sua face livida, os seus cabellos revoltos, o seu luzente olhar de loucura...

Foi obrigado a voltar. Acabrunhado, curvado pela dôr, nem notou a mudança de tempo e nem sentiu os grossos pingos de chuva que lhe iam molhando toda a roupa...

Chegou ao quarto, horrivelmente humido, como se a chuva houvesse alli penetrado.

O neto continuava com os olhos fixos, molhado de vomito, respirando tumultuosamente.

O avô tomou-o ao collo, contra o peito molhado, sentando com elle sôbre a cama.

Fóra, vergastadas de chuva, rajadas de vento se atiravam, aos trambolhões, pelas paredes, ensopando os telhados e a janella do quarto; depois havia uma tregua e o vento, desalentado, fugia, para logo voltar, num remoinho, envolvendo tudo num pranto furioso; relampagos brilhavam, celeres, trazendo, a cada jacto de luz, um estremeção no corpo da criança.

VIVA «MICKEY»!

Quem não adora *Mickey*, o camondongo enluvado e calçado que, com sua intelligencia astuciosa, diverte as crianças e a gente grande, consolando-nos dos films de muito sentimentalismo monótono?

Seja qual fôr o gosto e o interesse que despertam no publico as aventuras de *Mickey*, creio que bem raros são os que concedem a esse espectaculo a justiça e o apreço que merece.

E' um facto que todos riem; mas o celebre camondongo e suas aventuras já alcançaram uma penetração moral que ninguem repara e que vae além do limite do simples divertimento.

Raros são os espectadores conscientes de que ahi se acha uma das fórmas mais elevadas da arte moderna; o refugio da poesia épica e criadora destes tempos de desgraças.

Porque, francamente, onde está mais a fantasia em nosso seculo de aço? Onde estão as entidades de sonho que por ventura se salvaram da fumaça das usinas, do mau cheiro da gazolina, da febre das cotações da Bolsa ou das angústias dos folhetins politicos? Para onde fugiram os seres normaes que se esquivaram da feira das ambições e de suas crueldades, para viver e nos fazer viver um pouco da vida inverosimil das emanações doiradas que nos guiam pelos caminhos que conduzem ao céu, entre as flôres azueis da Imaginação?

E' mistér dizêl-o! Todas as imaginações da terra; as de Gargantua, de Perrault, de Don Quixote, ou a das comedias de Shakespeare, cuja moda passou, infelizmente, se refugiaram nas aventuras de *Mickey*! O grito desse minusculo personagem, grande como um sonho, que de tempos em tempos perturba, sozinho, o severo silencio dos homens, é o derradeiro signal que nos annuncia a partida para o reino das maravilhosas excursões da fantasia.

Não é que esse inventor de mil diabruras esteja somente impregnado de bondade, de doçura, de indulgente discrição e de simplicidade. Não! E como poderia ser, desde que se parece ainda tanto comnosco?

Ha, no seu rosto, onde se exprimem todas as emoções pelo virar dos olhos e pela agitação desordenada das mandibulas, uma impassivel ironia, que é o juizo mais desapiedado para seus irmãos, os homens, e tambem para o destino

O avô casava o seu pranto ao da natureza, limpando do rostinho della as lagrimas que abundantemente desciam dos seus olhos.

De tarde, quando o temporal amainou e o sol rompeu as nuvens para vir enxugar a terra, começou a agonia.

A criança, vermelha de febre, pôz-se a agitar a cabeça, de um lado para outro; depois começou a respirar com angustia, cada vez mais rapidamente; podia então mover os braços. Passou-os ao redor do pescoço do avô, apertando-o num circulo de ferro, olhou-o demoradamente, com um olhar cada vez mais apagado, sorriu-lhe com doçura e, respirando cada vez mais superficialmente, começou a estertorar, a agonizar, até que, contorcendo-se fortemente, uma contracção horrivel a lhe dar mais fealdade ao rosto tão barbaramente marcado pela natureza, disse-lhe, numa voz sumida:

— Ai, vovô, estou sentindo uma..., ai vovozi...

Então deixou pender os bracinhos, encostou a cabeça no peito do avô e cessou de respirar.

Longo tempo esteve o velho com o cadaver ao collo, não querendo crêr que o netinho houvesse morrido, até que foi sentindo o corpo esfriar e esticar-se. Collocou-o então sôbre a cama, arrumou as cobertas ao redor delle e, mudo, impenetravel, os olhos brilhando febrilmente através da face livida, foi ao jardim, onde colheu rosas, camelias e cravos de carnação escarlate e trouxe-os, cobrindo com elles aquellas vestes remendadas, que cheiravam de azedo.

Tirou então duas velas do pacote e accendeu-as, grudando-as uma de cada lado da cama.

E depois pôz-se a procurar, na hera que entrava pela grade, os ultimos botões de ouro que haviam rebentando durante os dias de agonia da criança e,

(CONTINUAÇÃO) — **O CRIME DO LOUCO**

amarrando-as com um barbante, fez uma corôa, que collocou na cabeça do morto.

Essa noite toda passou-a num delirio crescente. Chorava alto, uivava, gritava, batendo-se na parede, para depois encostar a cabeça ao ventre estufado do morto, tomar-lhe as mãos geladas e dizer-lhe, como se elle o escutasse, como se estivesse vivo:

— Que lindo estás, meu amôr! Como os anjos te olharão, ao verem tanta flôr espalhada no teu corpo! Deus ha de te perguntar quem te fez essa corôa; dize-lhe que fui eu. E não a cedas a ninguem, ouves? Olha que essa grinalda é um presente do vovô! E o vovô fica zangado, bate no netinho, não deixa mais o netinho papixar sopinha de leite!

E ria, ria na sua demencia, vendo o neto sorrir-lhe tambem.

Pela manhã appareceu-lhe a filha, gritando, gesticulando, queixando-se da sua barulheira que não deixára ninguem dormir durante toda a noite.

O velho, que estava de cabeça baixa, ergueu-a para ella, envelhecida, branca, dois sulcos negros a lhe orlarem os olhos brilhantissimos, olhando-a com tal expressão, que ella, abrindo a bocca rubra, soltou uma gargalhada estridente, nervosa, que lhe feriu o coração.

— De que te ris, miseravel? Entra, vem ver a tua obra!

E puxou-a bruscamente para dentro do quarto.

Ella, acostumada á claridade lá de fóra, não enxergou nada; mas, adaptando a visita á escuridão, divisou, entre as duas velas que morriam, o cadaver horrivel do filho, o rosto contrahido, os olhos abertos, enormes, fixos...

Assombrada, recuou. O velho, então, prêsa de um

De Itavaz

Digo para o destino, porque os acontecimentos mais extravagantes aos quaes se mistura a figurinha de *Mickey*, são para elle uma brincadeira, desde que está naturalmente liberto das leis fataes que tornam a nossa sorte tão precaria... No mundo de *Mickey*, eliminou-se a lei da gravidade dos corpos... desequilibrou-se o equilibrio e não ha mais pressão nem densidade. Elle póde, com a mesma desenvoltura, cahir de uma casa de cem metros, assim como ser engulido por um monstro antidiluviano, ou ser achatado por um tronco de arvore infernal... No reino de *Mickey*, evocador do mundo antigo, as arvores, as nascentes, as flôres são entidades reaes, como deveriam ser, realmente, todas as cousas vivas e até os peixes (como numa scena deliciosa que se projectou ultimamente,) dançam um gracioso bailado entre cercas de coraes! Que seria a vida do pequenino heróe, entre tantas forças conscientes, e ás vezes perversas, si elle não fosse inquebravel e impalpavel? Ha trahidores, ha brutos e assassinos entre os esqueletos que giram em volta de *Mickey*. Ha mil fantasmas, nos

castellos que elle visita, e a neve, assim como as chammas, está sempre tramando contra o nosso amiguinho — tremendas emboscadas.

No meio desse imperio, onde tudo tem uma expressão, estamos em plena apotheose do pantheismo. Tudo isso é eminentemente favoravel á mais desenfreada fantasia.

E' antes, a propria fantasia que governa. Comprehende-se que *Mickey*, enjoado de mil cousas, consciente de desafiar as forças desencadeadas e os seus irmãos mortaes, continúa a provocar cataclysmas com a mais serena impavidez, porque sabe que é immortal e que sahirá sempre vivo e fresco das quédas mais tremendas e da guela dos animaes apocalypticos. Elle sabe que póde, sem perigo, ser engulido por um Dragão, esmagado por um piano, atravessar o oceano desencadeado, a bordo de um pires, assim como sabe que lhe é facillimo derrubar a muralha da China com um simples *cafuné*... Comprehende-se bem que *Mickey* tenha coragem e ande despreoccupado, deslisando sobre o *rabistequé* ou agarrado á cauda de uma aguia do Olympo, certo de que o fim da historia será, fatalmente, feliz... O seu mundo não é como o nosso; lá, tudo se arranja...

O CRIME DO LOUCO — (CONTINUAÇÃO)

delirio extremo, tomou o corpo da criança, arrastando com elle as colchas e as velas, que cahiram ao chão, e avançou para a filha que, aterrorizada, sem poder falar, se encostára á parede.

— Toma, leva-o! Elle agora morreu! Já não tem quem o trate; vae ficar sózinho! Tanto te pedi que o salvasses! Pobrezinho! Como agonizou!

E beijava, beijava a boquinha aberta, arroxeada e fria, como se quizesse transmittir-lhe todo o calor que lhe queimava o coração.

— Coitadinho! Penou cinco dias, sem ninguem! Só eu aqui para fazer-lhe companhia! Ninguem, entendes? E tu, lá em cima, a te divertires, emquanto teu filho morria miseravelmente! Vê a que nos reduziste! Se tivesses mandado o medico, o menino se salvaria! Foste tu que o mataste! E's uma mãe sem entranhas! E's...

Apossou-se-lhe de vez a loucura. Andava de um lado para outro, sempre com a criança segura ao peito, apertando-a. Depois, subitamente, jogou o cadaver ao chão, num baque surdo, e disse:

— Mas tu não escaparás! Eu te farei soffrer como elle!

Forte, engrandecido, avançou para a filha. Ella, gritando, tentou fugir. Agarrou-a pelos cabellos, arrastou-a para a cama e alli, calmo, gozando com os gemidos de dôr cada vez mais debeis que ella dava, crivou-lhe os olhos, o rosto, o peito, o corpo todo de canivetadas, que se succediam rapidamente umas ás outras, ás vezes penetrando nas feridas já abertas, de onde esguichava, aos borbotões, o sangue morno...

Novamente tomou o cadaver da criança ao collo e pôz a passear pelo quarto, mirando-o, saccudindo-o, acariciando-lhe as manchas violaceas do rosto e do peito, falando-lhe baixinho.

Quando, estarrecidos de horror, os criados quizeram segurál-o, elle fugiu pela porta, ganhou a rua, correndo sempre, como se o cadaver que levava nos braços lhe pesasse tanto quanto o fio de vida que lhe fugia aos poucos...

Redobrava-lhe a loucura, com as forças que lhe iam faltando.

Correu... correu ainda mais... Chegou, exhausto, offegante, á porta do medico... Queria que elle lhe curasse o netinho que fingia dormir... Mas, ao subir a escada, cahiu, morto, suado, abraçado carinhosamente ao cadaver do neto, de cujo nariz escorria um liquido esverdeado que se ia misturar, silencioso, ás petalas de ouro das flôres da corôa que lhe cahira pelo rosto abaixo, daquella corôa tecida pelas mãos tremulas do vovozinho ciumento...

NENÊ MACAGGI

NOCTURNO TRISTE

Noite linda lá fóra...
No meu quarto, num silencio de perfume,
baila, triste a ausencia de um carinho
e uma saudade penetrante como um gume...

Lindo nocturno! Lá fóra,
o luar sonha pelo caminho!
E no jardim silencioso,
cheio de bruma
um repuxo melodioso
canta a melodia de um luar de espuma.

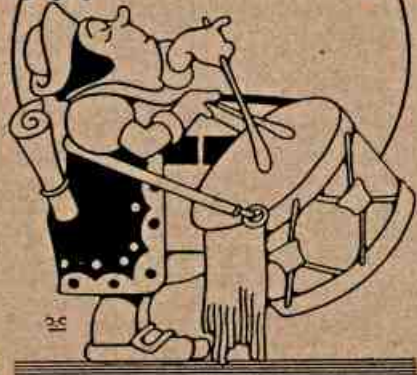
As estrellas, com alegria
num bailado de oiro que irradia,
brilham no céo uma por uma...
Cada estrella é uma bailarina
de luz, leve e fina...

E o luar, como um pássaro de prata,
maravilhosamente se retrata
no fundo macio da piscina...

Tudo é encantamento e poesia!
O luar, sonha pelo caminho!
E no jardim silencioso,
cheio de bruma,
um repuxo melodioso
canta a melodia de um luar de espuma.

Só minha alma, tonta e fria,
como folha perdida de outomno,
chora, triste, a ausencia de um carinho
levado pelo vento do abandono...

EVAGRIO RODRIGUES

Saibam todos...

IVANICE (Pernambuco) — Como? V. ex. não é poetisa? Que milagre! Não é poetisa, mas, felizmente, é prosadora: contista. Isto é, escreve contos...

Até ahi, nada de extraordinario. Virá na minha resposta.

Escreve na sua missiva de estylo franco e simples:

"Yves Não te assustes, pois não tenho a felicidade de ser poetisa; porem... desejava um obsequio: a publicação do conto que ahi vai será possivel? Peço-te o favor de responderes pelo "Saibam Todos", a secção que tão sabiamente diriges.

Ha dias, li no Fon-Fon, que vais publicar um novo livro, e fiquei muito contente, pois muito apreciei o "Suave Enlevo", e admiro immenso o teu talento de poeta, assim como de cronista, que conheço através as paginas do Fon-Fon. Infelizmente não conheço "Uma Garçonne carioca", porem, certamente, confirmaste como romancista o que és como poeta e cronista. Não é exato?

Aqui fico, esperando o teu "ultimatum". Peço-te a maior franqueza possivel.

Desde já muito te agradeço. — Ivanice."

Declara v. ex. que não conhece "Uma garçonne carioca"... Andam calumniando o meu livro, dizendo-o immoral. E não é que os incautos acreditaram na balela? Pelo menos, os que o lêem não têem coragem de confessal-o...

A esse respeito, é interessante notar o que já tenho observado. Encontrei, num certo baile, uma linda senhorita que, nem por sonho, me daria a "confiança" (ellas nunca nos dão confiança...) de confessar que havia lido "Uma garçonne carioca".

Dansando, e palestrando commigo, ella affirma:

— Lamento muito não me ser possivel ler o seu romance. E' que as minhas leituras são censuradas por papae.

Retive um pigarro, e vinguei-me della, pensando: "Hipócrita e mentirosa". Dançamos ainda dois foxs. No meio do terceiro, (eu adoro os foxs) diabolicamente, mas com um ar de innocencia e pura per versidade, voltei a falar do meu romance. E a queima-roupa, informei:

— Pois olhe, senhorita Z..., si lesse "Uma garçonne carioca", teria visto lá uma personagem elegante, chic, intelligente, com o seu nome ,o seu typo e os seus gostos...

Curiosa, mas, distrahida, ella me fitou os seus olhos cheios de interrogações e fingimentos, e admirou-se:

— E como é que eu não a vi?

Não direi que v. ex., D. *Ivanice*, esteja no caso da moça que dançou commigo, e foi apanhada em flagrante. Mas, o curioso é que v. ex., talvez por um prodigio de telepathia, escrevesse uma fantasia, que é uma synthese do XLVII capitulo do meu livro.

Façamos um confronto.

O meu capitulo é, este, em seu resumo:

Maria Lucia, sentindo que vae ser mãe, e é desprezada por todos, procura o deputado Paulo Motta, e procura convencel-o de que é elle o pae do seu futuro filho.

Paulo Motta, que lhe conhece a vida irregular, as leviandades e os peccados, zomba da insinuação. Ha entre ambos violenta troca de palavras.

Paulo Motta zomba sempre. Afinal, ferida no seu amor proprio, enxovalhada, sozinha na vida, sem amor, sem dinheiro, e sem parentes, Maria Lucia abandona a casa de Paulo, levando o firme proposito de matar-se. Mas não morre, felizmente. Na fantasia de v. ex. como no meu romance, ha uma personagem central: Maria Lucia. A sua Maria Lucia, como a de "Uma garçonne carioca", tambem viu os paes morrerem, e ficou só no mundo, entregue ao seu proprio destino.

A differença que ha é que a sua Maria Lucia teve já o seu filho; e o nome do pae é Carlos Alberto.

Para ser leal e mostrar aos leitores somente os pontos de contacto entre o meu livro calumniado e o seu conto, vou transcrever, *ipsis verbis et literis*, o seu trabalho. Escreve v. ex.:

"Carlos Alberto a abandonára totalmente, sem jamais lhe ter dado, ao menos, sustento para o filho. Da Maria Lucia que ella fôra, só restavam os olhos pretos, lindos. O seu rosto enrugado prematuramente pela "maquillage" e pela vida dissoluta que levava, era uma sombra do que fôra. Triste vida! E agora, dez annos após, envelhecida antes de tempo, abandonada por todos, Maria Lucia reflete no futuro negro que a aguarda: Morrer num leito de hospital. E seu filho, victima inocente de sua insensatez? Não era justo que elle sofresse por um mal que não praticára. Vendo que pouco poderia durar, Maria Lucia resolve procurar Carlos Alberto para que este assegure o futuro do filho. Vai á casa comercial do ex-amante, e pede para lhe falar. Depois de longa espera, é finalmente admitida no gabinete particular de Carlos Alberto. Este, sentado numa poltrona, indaga-lhe o que deseja. Ella dá-se a conhecer e expõi-lhe o motivo de sua visita, porem Carlos Alberto, com um riso escarninho, levanta-se e diz: "E' inutil, minha senhora, eu não creio em embustes; este menino não é meu filho, a senhora quer extorquir-me dinheiro, porem eu percebi a sua trama. Retire-se, do contrario, ver-me-ei obrigado a mandar pô-la na rua." Desorientada Maria Lucia resolve pôr têrmo á existencia, que sempre lhe fôra madrasta. Na mesma tarde atira-se ao mar, sendo tragada, para sempre, pela voragem do oceano, como fôra pela da vida. No dia seguinte, seu filho era recolhido a um asilo de orfãos, e começava a pagar pela falta que não cometêra."

Como telepatia é formidavel! O encontro de idéas é positivo. A thése é a mesma. As narrativas são semelhantes — tendo-se em conta as restricções que se devem estabelecer entre um capitulo de romance e um pequeno conto de moça illustre e de excellentes costumes literarios. Por consideral-o commum, tambem evitei o suicidio da moça.

Mas, de tudo isso me fica um orgulho e uma alegria intima: é que, pelo menos, a telepathia operou o bonito milagre da colisão das idéas de uma joven distincta, recatada, e escrupulosa, e que não leu o meu romance, com as idéas, a moral e as doutrinas que defendo, nesse mesmo romance malsinado...

"A quelque chose malheur"...

DÉRNA (Espirito Santo) — V. ex. me endereça uma carta muito sympathica. E como esses documentos são raros — uma vez que os máus poetas açambarcam tudo — é caso para hosanas e se pedir que se enfeite a redacção com palmas e festões.

De antemão, agradeço os elogios que me dirige; em seguida... vem a sua carta:

"Illmo. e Exmo. Yves. Os meus cumprimentos e muita saúde.

Vencendo, não sem custo, o meu receio, resolvi escrever-lhe Yves.

Não era o receio de ser ou de não ser, por você, acolhida. Mas, o receio de mim mêsma, pois reconheço minha insuficiencia, para escrever ao Yves, uma carta bonita, desfiando um rosario de têrmos elogiósos á sua bem conhecida cultura intelectual.

E' portanto, uma carta simples, de uma simples admiradôra, que gósta de lêr "Fon-Fon", devido a "secção" "Saibam tôdos"... Admirando, a gentileza, e sôbre tudo a delicada ironia, na maneira de atender a tôdos; (aqueles que se dirigm a você.)

Por esta carta, peço ao Yves, fazer meu estudo grafológico.

Isso, naturalmente, quando você estiver menos ocupado, ou tiver atendido aos "poetastros" que começaram invadir a página "Saibam tôdos..."

Quéro saber, Yves, se sou como alguns me definem...

Entre outros "predicados" dizem que sou "inconstante", "infantil."

E ficar "sur la branche" é desagradavel...

Quanto ser "infantil", não négo. Justamente, pela minha infantilidade é que faço tal pedido, porquê se tivesse uma idade mais avançada, talvês me conhecesse melhor.

Sou da terra de Rolando, o vingador Branca. Porém, sou brasileira de coração.

Revelará minha lêtra, inconstancia? Visando qualquer ponto de vista.

Resido no Espirito Santo, numa cidade prospera, que a apelido: a cidade que o Rio Dôce embala.

Bem Yves,

Não quero roubar mais, por hoje, essa preciosidade que, perdida é inconquistavel — o tempo.

Se fôr bondôso em me atender, fará o favor de fazer uso dêste: Dérna.

Aguardo o seu nôvo poema. "Azúl e Rosa".

De coração agradecida, a admiradora."

Graphologia eu só faço quando se trata de pessôas das minhas relações. Entretanto, direi uns dois detalhes da sua grafia.

Não a julgo inconstante. Julgo-a firme e dura nas suas resoluções. Denota absoluta ausencia de sentimentalismo. Não é capaz de amar quem quer que seja. E' inflexivel, obstinada, prepotente e cerebral, embora seja aparentemente meiga e delicada. A sua vontade é fria, lenta, mas persistente.

E basta, por hoje. Prometti dois detalhes, e forneci uma série delles.

As mulheres são sempre mal agradecidas. Não vale a pena perder tempo com ellas... Que diz?

CARLOS PRIMEIRO (S. Paulo) — O sr. me escreveu uma carta, na qual pedia evitar os *discursos* — as minhas considerações — sobre os trabalhos literarios que submettia á minha apreciação.

Respondi-lhe que eu era obrigado a fazer "discursos" com "ruins defuntos"; mas que estes, apesar de tudo, "resuscitavam"... com os seus sonetos detestaveis...

O sr. leu a resposta e, depois de tomar a carapuça, e confessar portanto, ser "ruim defunto"... não vacillou em "resuscitar" com um soneto horrivel... E que faz? Obriga-me a escrever novo "discurso", sobre o redivivo — que é o sr...

Vade detro! Credo em cruz!

Eis a sua carta de hoje:

"Snr. Yves. Saudações. Li no "Fon-Fon" a resposta á sua triste intervenção litteraria. Não fiquei surpreso., porem, creia que senti.

Tambem, não vou fazer choradeira, snr. Yves, mas que quer, não lhe pedi tamanho discurso *(ainda? Que coragem de defunto!)* Quanto a ser exigente e contradictorio, francamente, estou para saber por que, pois, não é o sr. quem manda nessa secção? ...e quanto a cair num poço, creia que farei o possivel para não ser num de litteratura.

"Apavorado? por que snr. Yves, é accaso algum ou um cannibal? Não, nada disso... e como defunto ruim volta, veja esse verso que acompanha a presente.

Peço-lhe a fineza de não transcrever o supra-dito, si não merecer, apenas, algumas palavras para me scientificar do resultado.

A' esta carta, creio que o senhor, aliás, desejo que não seja transcripta. Grato seu att. amº. — *Carlos I.º*

Lamento não ter podido attender á sua solicitação, de não transcrever a sua carta. Não vejo inconveniente nisso. Demais, é necessario que o publico saiba, que o sr. foi pouco amavel quando chamou *discurso* a uma consideração de ordem literaria, a que me obrigou. O sr. é pouco cortez.

Mas, passemos ao seu soneto:

SONETO

E se depois de ter soffrido e amado
[tanto,
Ter colhido desenganos no jardim
[dos ideaes
E terem seccado meus olhos de
[todo o pranto,
E perdido a confiança nos poderes
[celestiaes,

Eu tiver phrases, sem nexo, ne-
[gras e loucas,
E afogado minh'alma em tantos
[soffrimentos,
E maldizendo tudo, ver em todas
[as boccas,
Labios irônicos, sorrirem dos meus
[tormentos;

Creio, que terei um coração frio e
[emmurchecido,
E pela maior e mais amarga das
[sinas,
Transformado meu peito num
[montão de ruinas.

E restando, apenas, meu arcabouço
[envelhecido,
serão para si os ultimos mo-
[mentos meus e
Antes de a esta vida, ingloria e
[vã dizer adeus!

Carlos I.º

Ahi está! O sr., como poeta, é um "ruim defunto", que, além de nos obrigar a "discursos" e "ladainhas", é mal agradecido. "Resuscita" sempre acintoso e, cada vez mais intragavel...

Mas, deixe estar. Teima em "resuscitar? Vou mandar dizer missa de setimo dia, com eça, De *Profundis*, muitas velas, muito crêpe e outras pompas funerarias. Vamos vêr si o sr. ainda será de*funto* que ainda resuscite.

RINALDO REIS (Bahia) — Obrigado pela dedicatoria do poema *Garça morena*. Não esqueça que Severino Silva tem dois poemas com os titulos de *Garça Branca* e *Garça Morena*... Os seus contos foram entregues ao secretario.

(Continúa na pag. seguinte)

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO
Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone: 2-4136
FON-FON — 16-9-933

Data da consulta ....
Nome do consulente ....
....

BACH (S. Paulo) — Upa! O sr. se queixa de que já me escreveu tres vezes e não obteve resposta. E' possivel. Os poetas aqui não pensam senão em si proprios. Cada um delles está na supposição de que o "Saibam todos"... só recebe uma unica correspondencia: — a que cada um delles me remette. Pensa tambem que o *Fon-Fon* está aqui, de paginas abertas, á espera de cada um delles.

Cada poeta se considera um caso, uma só preferencia, uma só distincção, uma só preoccupação do redactor desta pagina.

De modo que, si no proximo numero, não receber logo a sua resposta, ou não vê o seu soneto (?) em letra de fórma, com a dedicatoria á sua déa — temos barulho no chateau...

Mas, vejamos a missiva que o sr. me dirige, aliás parecidissima com uma infinidade de outras...

"Yves: Esta é a terceira vez que me dirijo ao teu espirito critico e destruidor. Não obtive resposta, infelizmente, das duas primeiras. Espero obter, desta.

Não sou poeta; não sou escritor, mas tenho, no entanto, não só o habito de escrever como a intenção de publicar um livro sobre psicologia-social — um simples estudo — com a unica qualidade

SAIBAM TODOS...

(*Conclusão*)

de ser sincero e nascer de observações *minhas*. Sou formado em filosofia e direito, si isso te interessa. Aliás é só para te assegurar que não sou poeta (com perdão da palavra!) que eu te dou essas informações.

E' inutil ser desleal e insincero comigo; espero uma critica arrasadora: desengano ou alento; desillusão fria e indifferente ou estimulo sincero e amigo.

Si gostares deste soneto eu mandar-te-ei outros, não a "Saibam todos", mas ao amigo B. Portéla.

Cumprimentos do — *Bach.*"

Aí está. O sr. me faz declarações espantosas... E me força a felicital-o por não ser poeta, nem escriptor e, ao mesmo tempo, por ser formado em filosofia e direito.

Antes ser filosofo e jurista do que homem de letras. E a prova é que acolho com sympathia ao primeiro, e fecho a cára ao segundo — quando o sr. me ameaça com varios sonetos, além do que me envia, agora...

Não, sr. filosofo! Não direi que gostei do seu soneto... Deus me livre! Pois si o sr. me avisa que está munido de outros...

Soccôrro! Soccôrro! O sr. me obriga a chamar a policia...

CECILIO ROCHA (Matto Grosso) — Olá, caro confrade. Parabens. Agradeço-lhe a remessa da revista "Folhas da Serra", que me enviou. Desejo as maiores prosperidades á bella revista matto-grossense, ao mesmo tempo que cumprimento, efusivamente, os meus illustres collegas, cujo espirito brilhante se revela no bom gosto que presido á feitura da novel publicação, e na elegancia literaria em que toda ella está plasmada.

Accrescento ainda que as nossas patricias de Matto-Grosso são encantadoras.

Não tinha idéa de que o grande Estado central fosse tão prodigo em rostos bonitos como os que vi na sua revista.

Lembranças ás bellas matto-grossenses, pois.

ANNA MARIA (Capital) — Queira ter a bondade de informar a que é que v. ex. destina aquella importancia que acompanha a sua ultima carta. Não sei o que ella significa, pois não me dá v. ex. nenhuma explicação sobre o assumpto.

Será que deseja alguma encommenda e esqueceu declaral-o na sua missiva?

Yves

OMRI (E. Santo) — Caro leitor. Dou aqui a sua missiva, que fala por si só. Lá vae:

"Illustre Yves. Meu Saudar.

Ha tempos, escrevi-lhe sob o pseudonymo de mulher e eu não passava de um barbado que adora como você — tudo o que cheira á saia de Eva...

V. duvidou do meu "Sexo" na 2.ª missiva...

"Desirée", lembra-se della?!

Não sabe porque procedi assim!

E' que v., na sua critica serena, justa e por vezes impiedosa, implacavelmente impiedosa, costuma ser (para com os homens) excessivamente, rude? Não! Severo. Depende do seu bom ou mau humor do dia. Emquanto com as Evas... é mais camarada e gentil. Si uma o cacetear, com banalidades em poucas palavras cortezes, livrava-se della. Si o agradar — pelo estilo de sua carta e intelligencia — dava expansões á suas idéas palpaveis, dynamicas, francas e fortemente intellectuaes.

V. é tido aqui no Espirito Santo, mormente na nossa bella Collatina — a "Metropole" do Interior — o namorado-intellectual das meninas bonitas do logar. E aqui tem tantas! Todas lhe devotam um certo culto literario, e adoram tudo o que é escripto por suas mãos ironicas e demasiadamente atacantes, para com á sua fragilidade... E quem é que não sabe que as mulheres não querem outra coisa, sinão isso?!...

Enquanto intimamente, você é como eu: Adora-as a todas loucamente, ardentemente... (não esquecendo naturalmente "ella", como unica que supplanta e impera sobre todas as outras...) Errei?

Nós, homens, somos voluveis e atirados para com aquella que não amamos. Sinceros, para com a outra que nos amou, ou fingiu nos amar — não importa!

— Que o confirma aquella linda Nortista que o desilludiu (Assim ouvi falar) e que até agora não conseguiu apagar da mente, a imagem bella e encantadora, a qual fechou-lhe para sempre a alma sensivel do poeta, para o amôr, e a que é trazida pela saudade, á tona da lembrança em tudo o que você escreve. Será verdade?

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

Si é, é uma lembrança atroz, indomavel e embriagadora, meu bom amigo.

Amigo! Ser-se-á amigo sem se conhecer? Não sei! Todavia, nós, Orientaes, (Saiba que pertenço á terra de lá do outro lado do Oceano — Monte Libano — vindo para o Brasil, creança e adorando aqui, sua grandiosa Terra de S. Cruz como si fosse minha Patria. E ella é realmente minha, porque nella me convivo satisfeito (quando a namorada não me aborrece...) E feliz, porque enxergo esperançoso, proximo o meu futuro.)

Admiro tudo o que é bello, mormente a Natureza, com suas paizagens gigantescas — o que me faz recordar vagamente a do meu pequeno solo.

Mas voltamos ao que ainda não terminei: Nós, Libanezes, empregamos a palavra "amigo" para com aquelle que nunca nos fez mal, nunca nos ofendeu.

Aproximamo-nos, considerando valorosamente a quem nos trata bem, chegando mesmo a sacrificarmos por estas amizades — caso preciso — quando nos são sinceras. Logo — não leve meu "termo" a uma segunda intenção: A um pedido de publicidade, por exemplo, ou estudo graphologo, ou mesmo outro favor, menos cacete. Não! Não tenho pretenções a nada disto. Escrevi-lhe apenas pelo prazer de me aproximar do Grão de Bast.s Portella, pela admiração fervorosa que devoto a sua cultura atravez de suas delicadas obras, tão humanas, quão incontestavelmente reaes, sem entretanto o conhecer.

Resta v. me acolher bem ou indifferentemente.

V. não respondeu á minha ultima carta — como Desirée — e nem accusou o recebimento de dois retratos para o Fon-Fon da Lagôa Juparanã — A maravilhosa Juparanã! Conhece?

Estraviaram, ou tinha v. outra coisa menos banal, para o seu valioso tempo? Comtudo, meu pedido ficou insatisfeito.

Aqui fica, como sempre, conhecido ou não por você — o Oriental que o admira e que faz jús a sua intelligencia, de um Brazileiro brilhante. — E. Santo. — Omri.

Muito obrigado. O sr. me deixou encantado com as suas considerações, já que tanto homenageia a minha patria, as minhas patricias, a minha gente, em summa, retribúo tanta gentileza, declarando que as libanezas, que conheço, são formidaveis. Adoro a sua terra, pelo que ella encerra de suave e penetrante poesia. Falar no Monte Libano é o mesmo que recordar aquellas mulheres formosas de que o Velho Testamento está cheio e, que com Sulamita, povôam os bellos canticos de Salomão...

Juca bra Deus...

A mãe. — Que fizeste com os dez tostões que te dei, por teres tomado o remedio?

O filho. — Comprei cinco tostões de balas, e o resto tive que os dar ao Joãosinho, que tomou o remedio por mim.

UMA VELHA

DE PAUL MARGUERIT

DEPOIS de comer, e uma vez no jardim, sentou-se a avozinha na cadeira de junco, entre os dois recem-casados: sua neta Rosa e seu sobrinho João.

Vencida pelas fadigas do dia, inclinou sua cabeça branca no espaldar da cadeira, e adormeceu.

João e Rosa pensavam naquelle momento:

— Estará ahi ainda o anno que vem?

Primos, irmãos promettidos desde a infancia e na flôr da idade, os recem-casados tinham ido passar a lua de mel no antigo castello de Orques, residencia da avozinha e propriedade que, depois da morte da anciã, elles haviam de herdar.

O céo se ia cobrindo de estrellas, agitava-se o ar, e as flôres exhalavam delicioso perfume.

João tentou dar um beijo na nuca da mulher, e esta o repelliu carinhosamente, por causa da avozinha.

— Si está dormindo! — exclamou João.

— Avó! — gritou, então, Rosa. — Avozinha!

Ninguem respondeu, e nem se ouvia siquer a respiração da velhinha.

O feliz casal teve medo, e João e Rosa levantaram-se como que movidos por um mesmo pensamento.

— Mamã! — disse a neta. Faz muito frio no jardim e você deve abrigar-se.

— Você está bastante cansada — murmurou João — e deve ir deitar-se immediatamente. A anciã abriu os olhos. e, com voz debil, exclamou:

— Sim, meus filhos. Vou já para meu quarto. Bôa noite.

Rosa offereceu-se para acompanhal-a. Mas, a avozinha, com a abnegação dos velhos, que se julgam tolerados mais por respeito do que por amor, recusou:

— Não vos movaes. Ursula me ajudará.

E afastou-se como uma sombra que desapparece.

João e Rosa voltaram a sentar-se num banco de pedra, e se deram as mãos.

A avozinha atravessou, paulatinamente, o jardim, e, logo que tinha entrado em seu dormitorio, notou que havia esquecido sua touca no caramanchão, onde momentos antes, se achava em companhia de seus netos.

Com a avareza propria das pessôas de sua idade, a avozinha pensou, desde logo, em ir buscar o objecto esquecido e cedeu ao seu irreflexivo desejo, sem se advertir de que podia interromper os recem-casados em seu amoroso egoismo.

Pôz-se novamente em marcha, e, sem fazer o mesmo ruido ao pisar a meuda areia e a branda herva, chegou ao caramanchão.

Uma vez ali, a avozinha quiz

(Continúa na pag. seguinte)

vêr os seus netos, e gozar o prazer de contemplál-os naquelle momento.

E. avançando o passo, introduziu a cabeça entre as folhas e procurou distinguir a côr dos trajes do casal.

Rosa e João falavam da avosinha.

Esta aguçou os ouvidos e ficou dolorosamente surprehendida ao verificar que seus netos se resignavam e até exultavam por vêl-a decahir de dia para dia, e proxima da morte: elles demonstravam que acceitavam como cousa inevitavel, inilludivel, seu immediato desapparecimento do mundo dos vivos.

— Indubitavelmente — dizia João — a avosinha vae perdendo o vigor da intelligencia. Notaste como repete ella pela centesima vez a historia de pessôas que não conhecemos?

— Sim. A pobrezinha está se tronando muito pesada, e sua conversação é, ás vezes, insupportavel — respondeu Rosa.

E' mulher para muito pouco tempo.

Quando esta propriedade nos pertencer — tornou a neta — reconstruiremos a ala direita do castello e edificaremos mais uma parte, afim de ampliál-o. Bem te lembras que assim m'o promettestе.

— Mas, temos que esperar que a avosinha morra.

— E' claro, meu amor!

— Então, verás, quanto seremos felizes! Mas, não tens frio, Rosa?

— Não.

— Bem que sentes, minha filha. Vejo que estás tiritando. Abriga-te mais com a touca da avosinha. Pobre senhora!

Estas palavras cahiram como gelo no coração da velhinha.

Nada a molestava mais do que aquelle gesto ousado: quererem apoderar-se de sua touca!

Considerou aquelle acto como um roubo e como si em vida a quizessem despojar das prendas que lhe pertenciam e que ella estimava particularmente.

A anciã voltou a aguçar os ouvidos, e escutou o seguinte:

— Mas estás chorando, Rosa? — perguntou João a sua mulher.

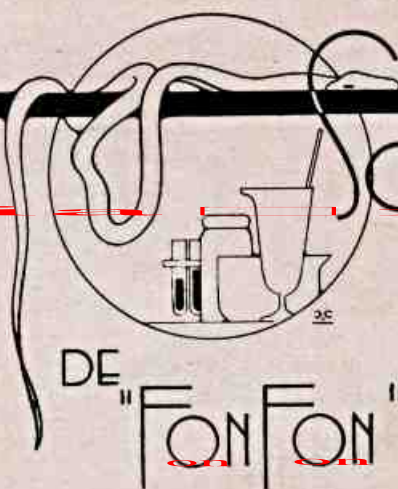
— Meu Deus! — respondeu esta. — Aterra-me a idéa da morte.

— Pensas em tua avosinha sem te lembrares que ella tem que succumbir á lei da natureza. Na sua idade, a vida é uma pesada carga. Tu tens fé e has de considerar que mais ditosa será no céo que na terra.

— Tambem morreremos nós, João, e é horrivel pensar nisso.

— Não falemos de morte, minha filha!

A pobre avó julgou-se como que enterrada em vida, e, cheia de angustia, se afastou, possuida dessa amargura que sentem os moribundos momentos antes do terrivel choque que põe termo á existencia.

Guia Scientifico

Dr. **BRANDÃO FILHO** — Rua Senador Dantas, 44. 2as., 4as. e 6as., de 3 ás 5 hs. Tel. 2 - 3737.

Dr. **DOMÉQUE DE BARROS** — Gynecologista e Parteiro. Ex-assistente das clinicas dos Professores Bumm, em Berlim e Pozzi, em Paris. Tratamento moderno e sem dôr das hemorrhoides e demais molestias das senhoras. Cons. A's 4 hs. — R. da Quitanda, 11. Tel. 2 - 8862. Res. Rua Pinheiro Machado, 7. Tel. 5 - 0593.

Dr. **LEITE DE CASTRO** — (Chefe de Clinica da Beneficencia Portugueza). Clinica Medico Cirurgica. Vias Urinarias — Electricidade Medica. Assembléa, 98 - 3.º De 12 ás 17 horas. Tel. 2 - 0346.

Dr. **ROSA MARTINS** — Da Faculdade do Rio de Janeiro e da Universidade de Bruxellas. Cirurgia, Vias urinarias, Gynecologia. Praça Floriano, 55 - 10.º andar. Tel. 2 - 7983.

Dr. **A. CRUVINEL RATTO** — Vias Urinarias e Gynecologia. Praça Floriano, 55 - 10º andar. Diariamente. Tel. 2 - 7983.

Dr. **ARTHUR BREVES** — Da Beneficiencia Portugueza. Operações. Urologia. Assembléa, 98. De 1 ás 3 e meia horas.

TRATAMENTO DA PELLE — Couro cabelludo. Cirurgia esthetica. Dr. **PIRES**. (Com pratica dos hospitaes de Berlim e Paris). Praça Floriano, 55 - 6.º andar. Tel. 2 - 0425.

Dr. **ARISTÃO GONÇALVES NEVES** — Doenças internas. Diariamente, ás 10 hs. 3as., 5as. e sabbados, depois de 3 horas. 7 de Setembro, 94 - 5.º andar. Tel. 2 - 3464.

Dr. **J. M. MONIZ DE ARAGÃO** — Assistente do Prof. Fernando Magalhães. (Livre Docente de Clinica - Obstetrica). Partos e Molestias das Senhoras. Rua Alcindo Guanabara, 26 - 1.º Diariamente, ás 5 horas.

Prof. **A. GUEDES DE MELLO** — Tratamento da pyorrhéa alveolar. Raios X. Praça Floriano, 55 - 8.º Tel. 2 - 2546.

Dr. **CHRYSO FONTES** — Medico e Dentista. Prof. da Universidade. Clinica e Cirurgia Especialisadas da bôcca e da face. Prothese restauradora. Praça Floriano, 55 - 10.º andar. Diariamente. Tel. 2 - 4386.

Prof. **ABELARDO DE BRITTO** — Da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro. Dentes e Doenças da bôcca. Av. Rio Branco, 111 - 4.º, sala n. 401. Tel. 3 - 0265.

Prof. **AGNELLO CERQUEIRA** — DENTISTA. Clinica especialisada de dentes artificiaes. Rua Rodrigo Silva, 42 - 4.º andar. Diariamente.

Dr. **RAUL PACHECO** — Parteiro e gynecologista — Operações e tratamento dos tumores do ventre e seios, hérnias, appendicite. Tratamento das disfuncções sexuaes da mulher; plastica dos seios e orgãos genitaes. 55, praça Floriano. Tel. 2 - 8305.

Dr. **MARIO BOTELHO** — Cirurgia e Clinica odontologicas. Av. Rio Branco, 183 - 10.º Tel. 2 - 7501.

Dr. **ANTONIO BRANDÃO** — Cirurgião-Dentista. Assistente da Faculdade Fluminense de Medicina. Praça Floriano, 55 - 7.º Tel. 2 - 1408.

Dr. **CARLOS FREIRE** — Clinica Medica. 7 de Setembro, 94 - 5.º andar. Diariamente, ás 2 hs. Tel. 2 - 3464 e 8 - 1479.

INSTITUTO DR. ANYSIO DE SÁ Analyses Chimicas de qualquer natureza 175 e 177, Av. Rio Branco. Tel. 3 - 0449.

Dr. **JARBAS PENTEADO** — Clinica Medica. Electricidade em Geral. Raios ultra-violeta, infra-vermelho, diathermia, banhos, condensadores, etc. Rua Ramalho Ortigão, 38 - 3.º Diariamente, das 14 ás 17 horas.

Dr. **HUMBERTO GOTUZZO** — Doenças Nervosas. Rua 7 de Setembro, 111 - 1.º andar. Diariamente, ás 5 horas.

Dr. **MORAES GREY** — Cirurgia geral e urologia. Assembléa, 67-4.º Tel. 2 - 7816.

Dr. **HERNANI LEGEY** — Da Policlinica Geral. Clinica Urologica. Quitanda, 47 - 2.º Tel. 4 - 4513. Diariamente, das 13 ás 8 horas.

Dr. **HUGO W. LAEMMERT** — Cirurgia geral, doenças da mulher e partos. Rep.ª do Perú, 98 - 3.º Das 3 ás 6 hs. Diariamente. Tel. 2 - 1797.

Dr. **MANOEL DE ABREU** — Da Academia Nacional de Medicina. Radiognostico. Radiotherapia profunda. Av. Rio Branco, 257 - 2.º Tel. 2 - 0442.

Prof. **LUIZ MEDEIROS** — Doenças da pelle e syphilis. Assembléa 67, 2.º andar. 4 ás 6. Residencia: Barão de Ipanema, 67. T. 7-2898.

Dr. **MIRANDA JUNIOR** — Doenças sexuaes. Exame pre-nupcial, diagnostico e tratamento da syphilis, urethrites, prostatites, metrites, etc. Perturbações menstruaes. Eczemas, pruridos, varizes e tumores da pelle. Praça Floriano, 87 (canto da r. 13 de Maio. Das 3 e meia ás 6 e meia. Tel. 2 - 6902.

Pr **CARVALHO CARDOSO** — Molestias internas, Tuberculose. Praça Floriano, 55. Tel. 2 - 8305. Residencia: Soares Cabral, 38. Tel. 5 - 0032.

Dr. **ASDRUBAL ROCHA** — Da Policlinica Geral. Clinica de Molestias de Senhoras. Diathermia. Diariamente, das 13 ás 17 horas. Quitanda, 47 - 2.º T. 4-1759.

Dr. **HILDEGARDO DE NORONHA** — Docente da Faculdade de Medicina. Clinica Geral. Diariamente, 4 ás 6. Rua da Assembléa, 73 - 2.º Res. Rua Professor Gabizo, 109. Tel. 8 - 1581.

Dr. **J. FERREIRA ALVES** — Cirurgião dentista. Raio X. Praça Marechal Floriano, 7. T. 2-0444.

Dr. **ALEXANDRINO AGRA** — Dentista. Diariamente, desde 8 hs. São José, 84 - 3.º Tel. 2 - 6200.

Prof. **AGRIPPINO ETHER** — Cirurgião Dentista. Av. Rio Branco, 143 - 5.º Diariamente.

Dr. **J. V. COLARES** — Docente da Universidade do Rio de Janeiro. Doenças internas e nervosas. Rua Alcindo Guanabara, 15 - 3.º

Dr. **ROCHA MAIA** — Cirurgião da Assistencia Publica, ex-assistente da Clinica Cynecologica da Santa Casa. Cirurgia Geral e Gynecologia. Rua da Carioca, 6 - 2.º Tel. 2 - 2691.

Dr. **ERNESTO CARNEIRO** — Com pratica nos hospitaes de Paris e Berlim. Trata pelo processo moderno do prof. Zueizer, de Berlim, as ulceras do estomago e do duodeno sem operação. Novos meios de tratamento da hyperchlorydia, diarréas, colites, etc. Rua da Quitanda, 11. Tel. 2 - 8862, ás 15 horas.

Dr. **VILELA PEDRAS** — Assistente Hosp. São Francisco de Assis. Molestias Internas. Rua Ramalho Ortigão, 38 - 3.º 2as., 4as. e 6as. Res. Tel. 8 - 1830.

Dr. **NELSON TORRES** — Clinica Geral. Praça Olavo Bilac, 11 - 1.º Diariamente, de 3 ás 7 horas. Tel. 3 - 5014.

Dr. **LUIZ SODRE'** — Varizes. Tratamento medico sem operação e sem dôr. Consultas diarias com hora marcada. Rodrigo Silva, 14 - sob. Tel. 2 - 0698.

Dr. **CARL BRECOUR** — Medico Operador. Clinica Geral e Molestias de Senhoras. Consultas das 12 ás 2 e das 4 ás 6. Praça Floriano, 55-10.º Tel. 2-8617.

Dr. **ELYSEU GUILHERME** — Cirurgião. Praça Floriano, 7 - 12.º sala 1217. Terças, quintas e sabbados. Residnecia: rua Aureliano Portugal, 33. Tel. 8-4885.

Dr. **P. PERNAMBUCO FILHO** — Docente e Ass. da Fac. de Medicina. Direct. Sanatorio Botafogo. Doenças nervosas e mentaes. Edificio Odeon, sala 515. Telephone 2 - 1183.

SERENIDADE

Irmã gemea talvez da caridade,
Serenidade é ausencia de rancor...
E' a sombra de Jesus na tempestade,
Estendendo o seu manto protector.

Ausencia de rancor... Serenidade...
Coragem de sorrir deante da dor...
Heroismo de perdoar sempre a maldade
De Judas, que é ruim, falso, trahidor.

Serenidade — amor das coisas mansas;
Palavras de Jesus cheirando a flor;
Mãos afagando as aves e as creanças.

Serenidade — é o riso numa cruz...
Olhar bondoso... Olhar feito de amor...
Serenidade é a vida de Jesus...

PAULO FREITAS

NÃO HA DUVIDA EU NÃO SOU NADA, NÃO!

Celebridade! Ah! Minhas illusões
na adoravel volupia de ter gloria!
Ser celebre... Viver nas multidões
como o heróe de uma ultima victoria...

Ser falado... ser lido pela historia...
Ser discutido... e ver, nas opiniões
que eu havia de ser uma memoria,
um pensamento para as gerações...

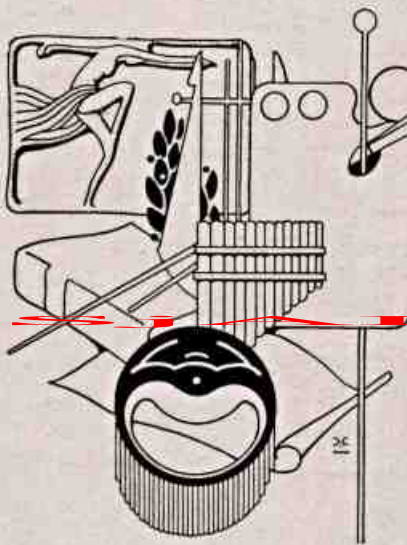
Pobre de mim! Que me valeu a fama?
Como os demais o são, eu sou um louco
feito com a mesma luz e a mesma lama.

Ser celebre... Viver passando fome.
Para mim hoje o tempo é muito pouco
Para escarrar em cima de meu nome.

ESDRAS-FARIAS

Notas de ARTE

A TEMPORADA LYRICA DE 1933. — Ha sete annos, mais ou menos, o Rio não assistia a espectaculos lyricos do valor artistico dos que se realizaram no Theatro Municipal de 3 de agosto a 10 de setembro de 1933. Graças ao m.° Silvio Piergili e seus companheiros de directoria, o m.° Salvatore Ruberti, o sr. Andréa Pacilleo, pudemos ouvir não só conhecidas celebridades da scena lyrica, como Claudia Muzio e Benjamin Gigli, mas ainda nomes novos, que já são artistas de grande fama, como Bidú Sayão, ou podem vir a ser como Ebe Stignani, Mafalda Favero, Giacomo Vaghi e Alessandre Zanelli, todos cantando sob a direcção de proficientes chefes de orchestra, entre os quaes o excepcional regente, m.° Gino Marinuzzi.

A empreza concessionaria cumpriu rigorosamente a promessa. Figuraram nas representações todas as operas do repertorio e todos os artistas do elenco, mencionados nos prospectos distribuidos ao se abrirem as assignaturas.

Italiana embora, a Grande Companhia Lyrica do Theatro Municipal, formada de elementos quasi todos do Theatro Scala de Milão, e do Theatro Real de Roma, nella figuraram tambem artistas brasileiros: a grande cantora Bidú Sayão, todo o corpo de baile do T. M. e a maioria dos professores de orchestra. De sorte que, sob esse aspecto, a empreza estrangeira nos deu uma companhia italo-brasileira. Oxalá noutras temporadas possa apresentar um quadro completo de primeiros artistas só brasileiros, ao par das grandes figuras da scena lyrica estrangeira. O que aliás não depende só da bôa vontade da empreza estrangeira mas tambem e principalmente dos cantores brasileiros, que muitas vezes, bellamente dotados pela natureza, não querem ou não podem se tornar verdadeiros grandes artistas por falta de cultura. São mais vozistas do que cantores.

Na série de 18 récitas, que tantos foram os espectaculos da Lyrica, ficaram memoraveis, *Norma*, *Rigoletto*, *Lohengrin*, *Mme. Butterfly*, para só citar as operas em que a execução do conjuncto correspondeu á celebridade excepcional de intepretes como Claudia Muzio, Bidú Sayão, Gilda Dalla Rizza, Gigli e Galeffi.

(*Continúa na pag. seguinte*)

— Para occupar esse logar de confiança, terá que depositar uma garantia.
— Senhores, sou um homem honesto!
— Nós o sabemos; mas, depositando a garantia, o senhor afastará o perigo de poder deixar de o ser...

Certo os preços dos espectaculos excederam muito os do costume. Mas é bom lembrar que a grande desvalorização da nossa moeda, reduzida a menos de 1/7 do valor normal, alliada á politica reaccionaria e contraproducente do enthesouramento do ouro, asphixiando as permutas internacionaes, a circulação do dinheiro, e o numero relativamente reduzido das localidades do T. M., que não attingem a 1.500, de que cem, no minimo, não são vendaveis — explicam sinão justificam o alto custo das entradas. Por isso mesmo seria de toda a conveniencia para o publico fosse a empreza concessionaria subvencionada pelos governos federal e municipal, de modo que pudesse proporcionar magnificos espectaculos irradiaveis por todo o Brasil, a preços relativamente modicos. Seria tambem conveniente fosse dada a concessão por espaço nunca inferior a tres annos, de modo que se não organizassem Companhias de afogadilho, e se obtivessem, com a necessaria antecedencia, conjunctos de alto valor e de valor homogeneo. A empreza actual, que sem nenhum lucro e até com prejuizos irradiou por todo o Brasil quasi todos os espectaculos, parece deva merecer, em igualdade de condições, a primazia na concurrencia publica que se fizer.

Se tal se der, pudemos desde já annunciar que, entre as celebridades da scena lyrica, nos visitará mais uma vez aquella que pela sua arte maravilhosa

Vera Janacopulus, a grande cantora brasileira de fama mundial, que vae realizar, no Theatro Municipal, varios concertos, onde mais uma vez ficará plenamente justificada a celebridade da eminente artista.

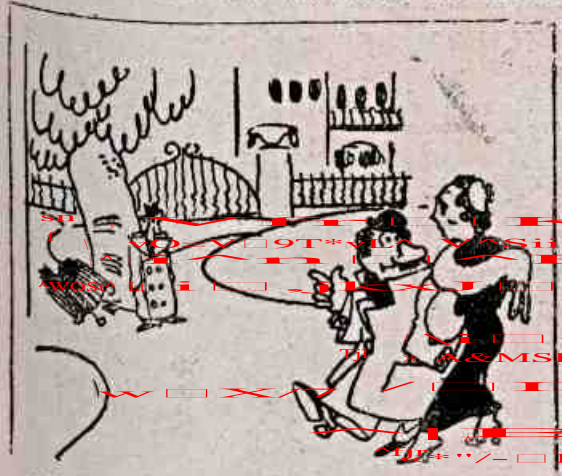
de cantar e representar é uma artista sem par, uma artista unica, uma artista insubstituivel — a sra. Claudia Muzio.

LUIZA LACERDA. — Apesar do máo tempo que cahia sobre a cidade, havia mais de 48 horas, e que não melhorára ainda em a noite de 6 de setembro, o Salão Leopoldo Miguez do I. N. M. teve concorrencia relativamente numerosa para ouvir a cantora brasileira, senhorita Luiza Lacerda, executar este programma, além de um *extra*, com a collaboração magistral de Sousa Lima (José), que a acompanhou ao piano: I) GIORDANI — *Caro mio ben*, SCARLATTI — *Violette*; GLUCK — *Divinités du Styx*; II) SCHUBERT — *La truite*, SCHUMANN — *Elle est a toi*; DUPARC — *Phydilé*, FAURÉ — *Toujours*; III) DEBUSSY — *Il pleure dans mon cœur*, SPORCK — *Les amoureux*,

MILHAUD — *Berceuse*; STRAUSS — *Sérénade*; IV) SOUZA LIMA (JOÃO) — *Numa concha*; VILLA LOBOS — *Redondilha*; OBRADORS — *Cancion*; FALLA — *Seguidilla e Jota*.

A impressão do conjuncto deixada pela cantora é de que a senhorita Luiza Lacerda chegou a um grão de cultura vocal, que precisa ouvir os grandes mestres europeus, de sorte a adquirir o maximo de aperfeiçoamento que a sua voz comporta. Mas isso não quer dizer não figure já em nosso meio e em nosso tempo como das nossas mais apreciaveis musas do canto. Ao contrario revelou-o agora mesmo brilhantemente na vida propria, na expressão viva que deu especialmente ás bellezas lyricas do *Elle est a toi*, de Schumann, de *Les Amoureux*, de Sporck e na *Berceuse* de Milhaud; á belleza dramatica de *Divinités du Styx*; de Gluck e ao *salero* communicativo das composições de Falla: *Seguidilla* e *Jota*.

Cantora e pianista foram alvo de justos e calorosos applausos.

VERA JANACOPULOS. — Mal se acaba de cerrar o velario do Municipal após o ultimo triumpho de Bidú Sayão, eis que se abre de novo para a glorificação de outra grande cantora brasileira — Vera Janacopulos. Se aquella tem os louros da musica dramatica, esta é uma triumphadora na musica de camara. Pelo que vimos e ouvimos em 1930 no Theatro Lyrico, não temos duvida em subscrever o juizo actual de Paul Landormy, critico de *La Victoire*, que a ouviu em Paris na primavera deste anno, juizo que é a confirmação do que externamos naquelle mesmo anno de 1930 em nossas chroniquetas de 1.º e 8 de novembro, e 6 de dezembro. "A sra. Janacopulos, escreve P. Landormy, *possúe toda sorte de qualidades superiores. A voz é de um timbre extremamente especial, muito incisivo, facilmente pathetico na força e capaz das mais cariciosas doçuras. Uma dicção mordente. Muito caracter na expressão. Effeitos de côr, de fantasia, extraordinariamente tocantes. Uma grande tragica e uma comediante deliciosa, ao mesmo tempo que uma cantora perfeita, para a qual convém a canção de Cherubin como as mais terriveis paginas de Mussorgsky.*"

— Lembras-te? Foi debaixo daquella arvore que nos encontrámos pela primeira vez.
— Sim, me lembro... Olha, lá está outro imbecil esperando...

E' essa artista excepcional que vamos reouvir hoje á noite no Theatro Municipal. Se a concurrencia do publico fôr proporcional ao valor da artista — e esperamos que o seja — o Municipal será pequeno para conter todos os que estão ansiosos por ver e ouvir a maior artista brasileira no seu genero, uma das maiores do occidente e do mundo — Vera Janacopulos.

OSCAR D'ALVA

QUATRO SUCCESSOS, PARA BREVE:

ANNO XXVII

FON-FON

NUMERO 37

Rio de Janeiro, 16 de Setembro de 1933

Director: SERGIO SILVA

Tentação

SOB as arcadas iguaes, symetricas, do *claustro*, abertas como grandes janellas na extensão dos pateos sombrios, contemplo a paizagem, lá á distancia. A varzea abre-se aos meus pés, num amplo tapete de verdura, riscado pelo branco das estradas de rodagem e, ao fundo, a moldura das montanhas em amphitheatro.

Recordo palavras de Ramalho Ortigão... *E por toda a parte uma vegetação de apotheose paradisiaca como um scenario de opera...* A paz virgiliana do campo desce sobre a terra, e a minh'alma, dominada pela dôr de uma saudade, recolhe-se para a contemplação interior.

Na curva das serras, os ipês derramam o amarello das frondes, numa nota bizarra do poema verde da natureza... O amarello symboliza o desespero; entretanto, a serenidade dos ipês, florindo, enche de belleza a vida do campo...

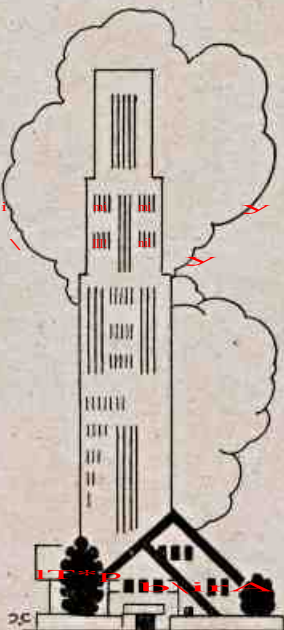
O amarello não será acaso a côr da alegria, a côr dos sonhos plenos de harmonia? Por toda a parte uma vegetação de apotheose paradisiaca... E a nota alacre dos ipês, vaidosos de sua belleza, como si fossem mulheres lindas, heraldicas, vestidas de amarello... Seismo que têm até grandes olheiras, marcadas pelos dedos das longas vigilias. O lagêdo das extensas varandas do *claustro* que me abriga é batido pelos meus passos, que martellam e ecôam no espaço. E' tão estranha a sensação do ambiente que me cerca, que sinto existir *deux hommes en moi...*

*

Possivelmente, os meus nervos, superexcitados pela vida intensa do Rio, tiveram necessidade do repouso das montanhas, entre as quaes respiro o ar lavado das manhãs envoltas em brumas e das noites cheias de estrellas. Porém, a cidade maravilhosa não me sáe da retina e o meu espirito passeia pelas suas amplas avenidas e praias, revivendo silhuetas que tanto quero, numa revista de sonho luminoso, inquietante. Isto significa não ter a montanha, para mim, o attractivo das suas manhãs quietas e das noites infinitamente longas, silenciosas. Não me basta o ar puro que respiro para sentir a vida. Anseio pelo movimento, pela trepidação do motor, pelo cheiro da gazolina, pela luz multicôr dos *placards* dos cinemas, pelo grito dos *jazzs*, por tudo quanto resume a civilização dynamica das grandes metropoles. Por isso mesmo, soffro espreitando a opportunidade, o momento de fugir da montanha para o vicio e para o peccado.

Tenho a certeza de que existe, na cidade, uma figurinha de porcelana, com o espirito voltado para a montanha, que me isola quasi, neste instante, do resto do mundo... O homem casto que procura o repouso dentro da natureza verde tem de ser vencido pelo eterno rebellado, sedento de amor, de movimento... Uns olhos que attrahem e uma bocca que chama... Como resistir á tentação da cidade?... O campo, certamente, não foi feito para os moços, mas, para a velhice contemplativa, de nervos doceis. As cidades costumam ser abysmos...

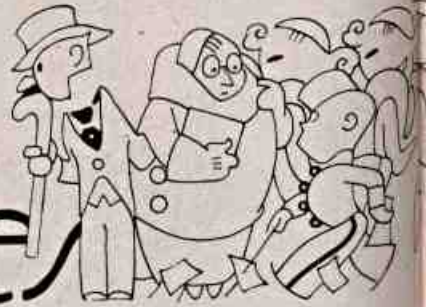
Talvez por isso nós gostamos de ser por elles tragados, levando a ultima impressão de um riso crystalino de mulher.

Eu só sei viver nos teus braços, ó minha encantadora cidade-mulher!...

MARIO POPPE

O Centro Paulista escolheu a data de 7 de setembro para dar posse, em brilhante solennidade, a sua nova directoria, que se compõe de figuras destacadas da sociedade paulista desta capital. São dois aspectos dessa festiva cerimonia o que focaliza o «cliché» acima, vendo-se, ahi, os novos directores do Centro Paulista e a mesa que presidiu aos trabalhos.

Teve uma concorrencia desusada a installação do Congresso de Editores e Autores Nacionaes, que se realizou, domingo ultimo, na séde do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros. A iniciativa desse movimento, que visa, unicamente a diffusão do livro nacional, até aqui preterido por traducções baratas de obras estrangeiras amplamente divulgadas, cabe ao editor M. Sobrinho, que tem sido, nesse particular, um batalhador incançavel. Os trabalhos foram presididos pelo nosso eminente companheiro dr. Gustavo Barroso, presidente da Academia Brasileira e uma das glorias das letras nacionaes. Da Commissão Executiva faz parte o nosso illustre e querido secretario, dr. Martins Capistrano, escriptor de não menos larga projecção no scenario da nossa litteratura. Isso para não citar outros nomes de relevo, como Herbert Moses, Almachio Diniz, Paulo Filho, d. Anna Amelia, Oswaldo Orico e editores como Oscar Mano, Freitas Bastos e Rogerio Pongetti. Esse movimento, sympathico e grandioso, pela sua alta finalidade, está fadado ao mais retumbante triumpho. A nossa gravura focaliza um flagrante bastante expressivo da solennidade inaugural desse congresso de intellectuaes.

Brilhante, sob todos os aspectos, foi a primeira recepção que o eminente embaixador da Argentina, sr. Ramon Cárcano, offereceu ao mundo official, ao corpo diplomático e á sociedade brasileira. Nos lindos e ricos salões da embaixada da Republica amiga, viam-se as figuras mais representativas da «élite» carioca, e que emprestaram á esplendente reunião um fulgor só commum aos acontecimentos de grande brilho social.

Nos luxuosos salões do Automovel Club realizou-se um lauto banquete que os membros da sociedade Polono-Brasileira Kosciusko e outros amigos do dr. Th. Grabowsky offereceram ao illustre ministro da Polonia, por motivo de sua partida para a Europa.

AUTOMOVEL CLUB

REALIZA-SE hoje um chá dançante no Automovel Club. A elegante sociedade festeja este mez o seu anniversario offerecendo, aos sabbados, estas encantadoras reuniões, para encerrar a serie com um grande baile, no dia 27. As tradições do Automovel Club na chronica das elegancias do Rio dispensam encomios. As suas festas marcam verdadeiros acontecimentos mundanos. Nenhuma sociedade reune iguaes attractivos. O Automovel Club é a aristocratica vitrine das elegancias metropolitanas.

* * *

Sabbado ultimo, de 5 ás 7, dançou-se na antiga e gloriosa séde dos *Diarios*, que o espirito moderno e progressista dos actuaes directores baptizou em bôa hora, com o nome de Automovel Club do Brasil.

Foi um encontro de marcante brilho social, de animação e de bom gosto. Uma parada de elegancia e de belleza. Vi: Senhora Francisco Medina, senhora Delamare São Paulo, senhora Rodrigues Alves, senhora Armindo Rangel, senhora Amaryllio de Noronha, senhora Agostinho Porto, Senhora Homero Galvão e Francisco Bahia, senhoritas Anysio de Sá, etc.

* * *

Dançou-se na pista illuminada do Jardim de Inverno. Ambiente encantador. Concurrencia selecta. O incansavel director de festas do Automovel Club, o *gentleman*, que é o doutor Anysio de Sá, estava radiante com o exito do primeiro chá das festas de anniversario do Club. Hoje, a reunião promette revestir-se de um encanto singular. Não faltarei. Meu livrinho de notas registra, apenas: "5 ás 7, no Automovel Club. Infallivel."

SEMANA DE CHUVA

ESTAMOS positivamente no fim do inverno. A semana passada foi de chuva. De chuva continua e interminavel. Agonia do inverno. Eis ahi um thema lyrico, que se perdeu. Como se perderam outras opportunidades, inclusive a da collecta popular em favor das obras novas da matriz de N. S. da Conceição Apparecida, do Meyer, annunciada para o ultimo sabbado. São *patronesses* da piedosa iniciativa as senhoras: Eugenio Osorio, Estelita Werner, Henrique Soido, Argeu Maia; as professoras Maria do Carmo Vidigal, Alzira de Souza, Lormina Coelho e Ida Souto; as senhoras Euridice Alvarenga, Sophia M. de Souza Neves, Leonor D. Coutinho, Marianna Lima, Rita Mello, Isabel Seixas, Irene Seixas Lemgruber, Marilena Lemgruber, Torquata Pessôa, Anna de Barros Cardoso; as senhoritas Maria José Ramos, Laís Horta Barbosa, Analia Medeiros e Maria Medeiros.

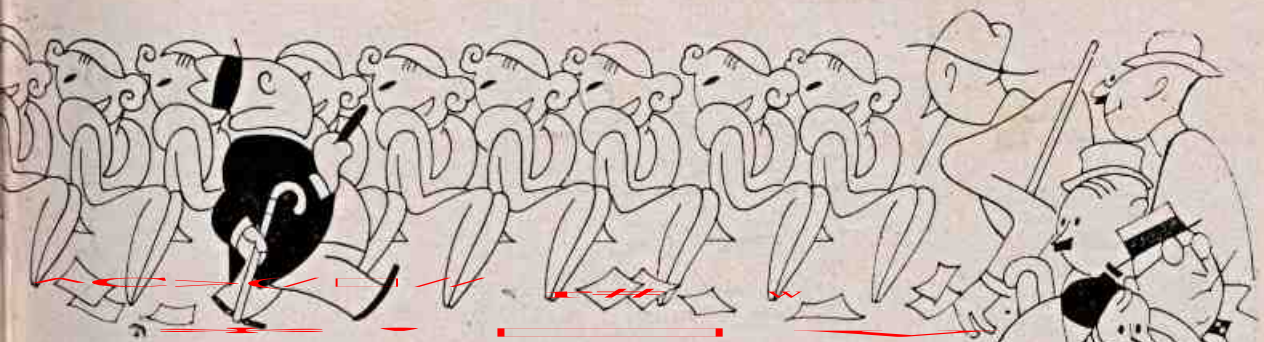
* * *

Só no sabbado, a cidade sorriu ao sol. Um sol convalescente e apathico. As previsões do tempo até a vespera, entretanto, não eram favoraveis. E a collecta não se realizou... Mas, vae realizar-se, mobilizando o exercito das gentis afilhadas de Nossa Senhora.

PAGINA ESQUECIDA

O elogio da belleza é um voto de devoção esthetica. No altar dessa religião officiam em vestes talares os homens de sensibilidade, que têm amado, ou soffrido muito.

Quando as rajadas do scepticismo varrem as aléas do nosso jardim interior, despetalando as rosas do sonho, a inspiração daquelle culto, como o refrigerio do orvalho da manhã, saúda e glorifica a floração das nossas almas.

A belleza, como as outras religiões, tem os seus martyres, a sua agiologia, o seu fios sanctorum, dentro em cujas paginas se consagra a memória dos seus penitentes. E são estes mesmos o suppliciados da gloria, espiritos tutelares, numes abençoados que, tendo morrido com a ansia de tocar a Perfeição, illuminaram a marca dos pés na via crucis, por onde

NO GRILL ROOM, DO COPACABANA-PALACE

NOITE de sabbado. Jantar a rigor. O *grill* era bem um *coin de Paris*. Uma animação extraordinaria. E o ambiente civilizadissimo de uma elegante sociedade.

O *grill room* estava numa de suas noites de *féerie*.

* * *

Na pista illuminada, dançava-se. E o salão apresentava um aspecto de *glorious day*.

De relance, pude ver: a senhora Oscar Costa, a senhora Catta Preta, a senhora João de Mello Franco, a senhora Pimenta de Mello a senhora Mayrink Veiga, a senhora Juvenal Murtinho Nobre, a senhora Franklin Sampaio Filho, a senhora Carlos Saboya; as senhoritas Adelmar de Mello Franco, Costa Motta, Gonçalves da Cunha e Mauricio de Medeiros.

* * *

A u'a mesa caprichosamente florida, sentavam-se os casaes: Carlos Veiga Lima, Armindo Rangel, Amaryllio de Noronha e Oswaldo Rosado. Bebeu-se á saude do casal Armindo Rangel. O autor de "Outros poemas" fazia annos, ao sabbado.

E a homenagem ao illustre poeta, resultou numa linda festa, com o *legitime décor d'un coin de Paris*...

COPACABANA

O carioca é voluvel. Desprezou o posto 6. Eu estive lá domingo e ouvi queixas amargas. Era talvez isso o que diziam as senhoritas Arlindo Leoni, á espera do bonde, depois do passeio na praia. Agora o centro de attenção é o O. K. Basta ser novidade... E o O. K. estava uma decoração. Não faltava nada. Ao meio dia, tomavam apperitivos a Bella e a Fera, isto é, uma elegante senhora que teve o capricho de levar ao collo um filhote de onça... Ouvi a denominação da bocca de um escriptor, que a transmittiu a conhecido jornalista carioca...

* * *

Nas *terrasses* do bar-restaurante, vi: senhora Sergio Silva, na companhia de seu filho Ary Sergio da Silva e da senhorita Lucy Tavares; o casal de escriptores academico Filinto de Almeida e senhora Julia Lopes de Almeida; a esculptora e diseuse Margarida Lopes de Almeida; a senhora Pernambuco Filho; a senhora Arthur Gomes Pereira; a senhora Povina Cavalcanti; a senhora Bertha Pinto de Moraes; a senhora Fernandes Dias; a senhora Pedro Brandt; a senhora Moema Manhães; a senhorita Marina Rodrigues; a senhorita Octavio de Almeida Gama; as senhoritas Ronalie e Edila von Buttner; a senhora Cecy F. Souza e a senhorita Julita Vieira da Rosa.

* * *

Na sua bella *limousine* as senhoras Vital de Castro e Mario de Castro, com as senhoritas Luizinha Vital de Castro e Lourdes Nelson Machado, faziam o seu habitual passeio dos domingos. Mlle. Lourdes vestia uma linda *toilette* branco-marinho, *chez* Imperial.

— Este anno, Copacabana monopolizará todas as elegancias do verão.

— Copacabana fez este milagre: matou o decantado calor do Rio.

transitaram com os olhos pregados nas estrellas.

Finis a velhos ritos pagãos, — no tempo em que os apaixonados romanticamente pastoreavam o manso rebanho de suas ovelhas, e as rosas de Anacreonte coroavam as timidas zagalas, no mais propicio remanso das aguas de Juventa, — os antigos sacrificavam aos deuses o cordeirinho mais tranquillo do redil.

Os poetas ainda hoje praticam essa prova de fidelidade e esponsaes mysticos ás suas musas predilectas: sacrificam ao seu Amor as ternuras da sua virgindade emocional. Uns e outros, tontos do vinho da contricção, que é uma forma da embriaguez divina; remotos pagãos e não — Dyonisos da poesia consagram a flor symbolica da piedade na milagrosa transfiguração dos holocaustos!

LUCIANO

EXPOSIÇÃO

NO Palace Hotel ha uma pequenina-grande tela: *Chez Dostoiewski*, de Ismailovich. Vi a senhora Olga Praguer Coelho observando, longamente, esse primoroso trabalho. A sala, ás 5 da tarde, apresentava algumas figuras representativas da sociedade e das letras: senhora Raul de Araujo Maia, senhora Alvaro Moreyra, senhora Jorge de Lima, senhora Marcos Carneiro de Mendonça, senhora Luiz Bezerra Cavalcanti, senhora Luiz Medeiros de Oliveira, senhora Sylvia Meyer, senhora Ophelia do Nascimento, senhorita Rosalina Candido Mendes, etc, etc.

* * *

IPANEMA

DOMINGO, depois da missa, a praia de Ipanema se povoou de uma revoada de gentis senhoritas.

Ipanema é um bairro encantador. Tem uma distincção aristocratica, mesmo quando se apresenta simplesmente sportivo.

Mais tarde, os attractivos sociaes se multiplicarão e Ipanema, como aconteceu a Copacabana, será um bairro autonomo. Bairro que se basta a si mesmo, como uma pequena cidade.

* * *

Depois do officio religioso, um passeio pela Avenida Vieira Souto é outra obrigação. Nem sempre se resiste ao encanto do Arpoador. Foi numa ronda matinal que minha Kodak apanhou: as senhoritas Elza Kastrup, Pontes de Miranda, Sylvia Gomes, Eletra Leonessa, Maria Cecilia Rego, Ercilia de Carvalho, Maria Stella, Edy Costa, Nelly Leite, Maria Ferreira, Angelina e Djanira Leonessa, Elvira Baroni, Albertina Tavares, Cininha Ferreira, Marilia Marina, Liége Gomes, Maria de Lourdes Alves, Solange Barreiros, Laura Assis, Lou Amado, Ermelinda Baroni, Beatriz Helena, Yolanda Willmann, etc, etc.

* * *

O mar tinha scintillações de prata. Lá longe, a pedra da Gavea lembrava uma descoberta recente de signaes phenicios, gravados no dorso da montanha.

A praia do Arpoador era um cantinho de cinema: um quadro de imaginação romantica...

AUDIÇÃO DE CANTO

A audição de canto da senhora Léa Azeredo Silveira, na ultima quarta feira, foi motivo para um encontro social de brilhante exito. E uma excellente opportunidade para a illustre professôra juntar aos triumphos do seu Curso as crescentes victorias das senhoritas Edda Silva, Zilda Diniz, Juracy Ribeiro, Elza Oliveira Konder, Ignezita Pacheco, Rachel Remér, Lia e Luiza Pederneiras, Olympia Chermont, Lucia Lobo, Maria Luiza Teixeira e Flavita Azeredo da Silveira.

CINELANDIA

A cidade elegante frequenta os cinemas como um divertimento, ou como um passa-tempo. Nem sempre o *film* satisfaz. A sessão cinematographica satisfaz sempre. Por essa razão, psychologica, são incontaveis os *habitués* do cinema.

* * *

O Rio social póde ser visto na Cinelandia. A' tarde, para fazer hora para o chá; á noite, depois do jantar, a procissão de elegantes é interminavel em frente aos principaes cinemas da cidade.

* * *

Tenho visto assim: senhora Phocion Serpa, senhora Raul Machado, senhora André Bellucci, senhora e senhorita Nelson Pinto, senhoritas Regina e Maria Amelia Thompson Motta, senhora Heitor Motta, senhoritas Primo Motta, a escriptora Ernesta von Weber, a poetisa Hyldeth Favilla, etc., etc.

O GENIO AMERICANO

UMA correspondencia jornalistica dá noticia das proporções assombrosas da Feira de Chicago, ora em pleno funccionamento.

A civilização americana causa uma sensação de espanto ao mundo. A realidade cyclopica dos Estados Unidos ameaça o equilibrio universal com os seus avanços phenomenaes.

Em tudo, o genio americano bate records. Não conhece meio-termo esse povo formidavel.

Diz a correspondencia referida para uma folha desta capital: Dois mezes depois de inaugurada a Feira, o total dos visitantes attingiu a 10 milhões. A media diaria das pessôas que, actualmente, transpõem as borboletas é aproximada de 200 mil. Calcula-se que em novembro, ao encerrar-se o certamen, a verba de entradas tenha produzido 167.000:000$000.

Um detalhe curioso: Ha pistas de automovel para corridas em grande velocidade e uma Villa "habitada por milhares de almas, com palacetes e castellos pittorescos".

O americano não conhece limites á sua ambição.

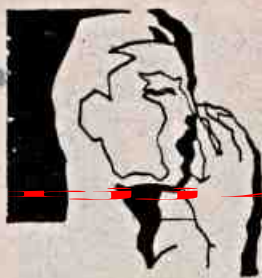
Faz milagres com a força do seu dinheiro e o poder de sua imaginação. Não é possivel a gente ficar indifferente á obra herculea do seu genio.

Principalmente nós brasileiros precisamos contagiar-nos da graça creadora do seu espirito para equilibrar a immensa dadiva da natureza prodigiosa e a acção multiforme do nosso valor humano.

A civilização americana deve ser um espelho do Brasil, onde a intelligencia ainda não foi sacudida pelas suggestões da poesia industrial, da poesia virgem e milagrosa da terra em funcção do progresso e da belleza.

LUCIANO

A nova entidade sportiva Federação Brasileira de Foot-ball foi solennemente installada sabbado á tarde, na séde da Liga Carioca, onde se reuniram, para esse fim figuras destacadas dos sports do Rio e de São Paulo. O nosso «cliché» focaliza um detalhe dessa reunião. Em cima, os fundadores da Federação reunidos no Copacabana Palace Hotel, por occasião do banquete alli offerecido aos embaixadores do football paulista.

O Tijuca Tennis Club inaugurou, na semana passada, com uma brilhante reunião sportiva, os novos melhoramentos introduzidos na sua linda séde, por iniciativa da actual directoria presidida pelo dr. Heitor Beltrão, o incansavel animador do gremio tijucano. O «cliché» representa um aspecto da assistencia a essa festa.

Alto-Falante

CANÇÃO SEM PALAVRA

MEUS olhos illuminam-se de uma luz nova, irradiante, e cheia de estranho resplendor quando, fitos nos teus, cantam em teu louvor a canção sem palavras da fascinação e do deslumbramento em que me trazes.

* * *

A canção sem palavras de meus olhos... A pequena canção de creança deslumbrada e feliz que elles rythmam na luz dos teus numa supplica de quem reza pedindo alguma coisa...

* * *

Mas, tu és apenas a bonequinha sem coração e sem alma, que não tem nem olhos nem ouvidos para ver e para escutar a suave canção sem palavras, toda luz, toda chamma inquieta, dos meus olhos fascinados pelo estranho deslumbramento da tua belleza...

* * *

E não comprehendes, e não sentes, e sequer não vês como em meus olhos se faz lagrima, muita vez, a silenciosa canção feita de luz com que elles supplicam um pouco do teu amor, um beijo da tua bocca de boneca, uma caricia de tuas mãos de azas de borboleta...

A TERRA QUE O CORAÇÃO DESEJA...

—"E' por alli... Segue sempre, sempre em frente, e encontrarás a felicidade que vens perseguindo tão ansiosamente."

E o caminheiro partiu, de novo, palmilhando, já exhausto e tropego, a estrada sem fim da sua peregrinação pela vida.

Adeante, já longe, vislumbrou, esfumada na luz indecisa do crepusculo que descia, alguma coisa que lhe fez palpitar mais forte o coração.

Uma olencia subtil de jardim em flor fazia-o aspirar a largos haustos o ar fresco da tarde que se velava de sombras.

Sorriu quasi feliz e apressou o passo em busca do paiz de encantamento onde deveria encontrar a sua felicidade.

As terras que o seu coração desejava — como ficavam longe, tão longe! — pensou.

E se não as attingisse antes que a noite descesse de todo, antes que as sombras, que se condensavam mais e mais, de todo o envolvessem e lhe não permittissem proseguir na jornada?

Dominou-o uma grande angustia, uma torturante afflicção.

Como era horrivel a solidão que o cercava!

Sequer já não ouvia seus passos na areia em que afundava os pés.

Seus olhos velavam-se tambem e suas palpebras pesadas pareciam querer fechar-se para sempre.

Sentiu que já não poderia marchar. Fugiam-lhe as forças. Quiz gritar, chamar alguem. E seus labios apenas murmuraram: — Mais uma vez enganaste-me, com uma nova miragem!

— Não. Agora não te enganei, não. Agora vaes encontrar a tua felicidade.

— Onde?

— No somno eterno da morte. No repouso que vem depois que os olhos se fecham para sempre...

— E' o paiz das somdade, a terra do encantamento, a terra que o meu coração desejava?

— E o paiz das sombras que te envolvem, onde tudo é mais bello do que aqui.

E o peregrino exhausto dormiu o seu ultimo somno, e sonhou o seu ultimo sonho de felicidade...

MAX LINDER

Com a recente reforma da Directoria da Instrucção Municipal, agora transformada em Departamento da Educação, acaba o dr. Anisio Teixeira de prestar notavel serviço á organização do ensino no Districto Federal. A amplitude e complexidade dos problemas que vinham reclamando essa remodelação partiam, póde-se dizer, de uma necessidade fundamental: a de se dar ao antigo apparelho de direcção da instrucção municipal uma funcção tão autonoma quanto possivel afim de que lhe fosse permittido realizar, ampla e efficientemente, e com unidade de acção, os objectivos essenciaes da sua finalidade technico-educativa. A antiga organização, centralizadora e burocratica, já não correspondia ás necessidades e ao desenvolvimento do ensino, nesta capital. E foi assim que, preparado o orgão technico inicial, indispensavel, o illustre director do Departamento da Educação levou a effeito essa grandiosa obra de remodelação, dando áquelle apparelho directivo a feição nova que lhe imprimiu de orgão technico-especializado, coordenador e orientador do ensino. Aliás, a acção dynamica e renovadora que ha dois annos vem desenvolvendo o dr. Anisio Teixeira á frente do departamento da instrucção publica do Districto Federal visava, no seu plano geral de reforma, o objectivo agora felizmente attingido e realizado. Sob as inspirações e a sabia orientação do distincto e culto patricio, o ensino municipal com a sua actual organização já póde servir de padrão para o resto do paiz. E' essa a obra magnifica, de relevante bem publico, que vêm realizando, com geraes applausos, a intelligencia, o esforço, o fecundo dynamismo e a dedicação do illustre director do Departamento da Educação do Districto Federal.

O TIO

Flor de 15 anos, ouve... Não quiséra
Ser teu amor, que é tarde!... Mas teu tio...
Ser-te estima confiante, doce e pura.
Ser irmão de teu pai... Sentir teu beijo
Num instante de abelha, em minha mão...
Dar-te a bençam ao chegar á tua casa,
Corrigir-te os cadernos de colégio...
Ser um conselho bom junto de ti...
Sentar-te nos meus joelhos como filha...
Afagar-te a cabeça com ternura,
Dizer-te versos... E levar-te rosas...
E ouvir, a cada passo, num gorgeio,
tua voz musical de passarinho,
Como um canario quando chega o Estio
Tio... Tio... Tio... Tio...

Adelmar Tavares

Caverna de Ali Babá

O dr. Hernani de Irajá está de novo nas vitrines das livrarias com mais uma obra de sua preciosa collecção scientifica, onde se enfileiram, entre outros volumes de alto successo, «Psychoses do Amôr», «Sexualidade e Amôr» e «Morphologia da Mulher». O ultimo livro de Hernani de Irajá intitula-se «Psycho-Pathologia da Sexualidade» e apresenta interessantes observações em torno dessa these de pura sciencia. Não cabe aqui, por desnecessario, o elogio do autor e da obra, dignos, ambos, do apreço dos circulos scientificos. Limitamos, pois, esta nota ao registro do apparecimento de «Psyco-Pathologia da Sexualidade», que se destina, sem duvida, ao mesmo successo das obras anteriores de Hernani de Irajá.

LIVROS E LEITORES

LA BRUYÉRE, com aquella profunda tristeza que Taine demoradamente analysou e que era resultado da sua condição de homem de letras, deixou-nos bem patente quanto fôra digna de lastima semelhante profissão no seu tempo. O critico illustre achava no autor dos "Caracteres" o sorriso contido e amargo da alma superior que vê que a desdenham e paga, com risos, embora em silencio, todo o despreso de que é victima.

E Taine, emfim, acaba por affirmar que, em La Bruyére, se sente o homem que merecia muito e foi obrigado a contentar-se com pouco.

Queria que La Bruyére, passados tantos annos, resuscitasse no Brasil para que visse que a vida dos homens de espirito não melhorou relativamente á sua época. Elle soffrêra o despeito que professavam os fidalgos pergaminhados, os homens de guerra e os ricaços insolentes pelos que pensavam, trabalhavam e escreviam. Na França do seu tempo, o escriptor ou poeta tinha que ser uma especie de propriedade dos grandes.

Estes dispunham delles como dos seus bobos, dos seus lacaios, dos seus macacos e cães de estimação, ou dos negrinhos de turbante que serviam para erguer do chão as longas e pesadas caudas de suas damas.

Diz Taine, a proposito: "Os grandes, então, consideravam os homens de letras como uma especie de criados que os divertiam.

O Papa pedia ao rei "que lhe emprestasse Mansard", exactamente do mesmo modo que pediria a um amigo que vos emprestasse seu cavallo ou seu cão." E o proprio protector de La Bruyére, em cuja casa elle era preceptor, o sr. Duque, primo do Rei, esse transformava Santeuil em seu chocarreiro e matou-o, fazendo-o beber vinho com rapé.

Não permittem mais as circumstancias semelhantes miserias; mas os grandes do dia continuam, por inveja sobretudo, a affectar desprezo pelos que escrevem.

Quando se quer dizer que uma cousa não tem alcance, no nosso paiz se affirma logo: "aquillo é literario." O politicoide e o politicão procuram por todos os meios diminuir o prestigio dos homens de letras, acalcanhál-os e afastál-os. Elles lêem os discursos que estes fazem ou escrevem; comparam-nas com os que pronunciam em desembarques e banquetes, sentem a differencia e queimam-se. Entretanto, como um livreiro rico deixou dinheiro para a Academia, os membros desta fez, farda dourada nas costuras e alto

(Conclúe na pag. 41)

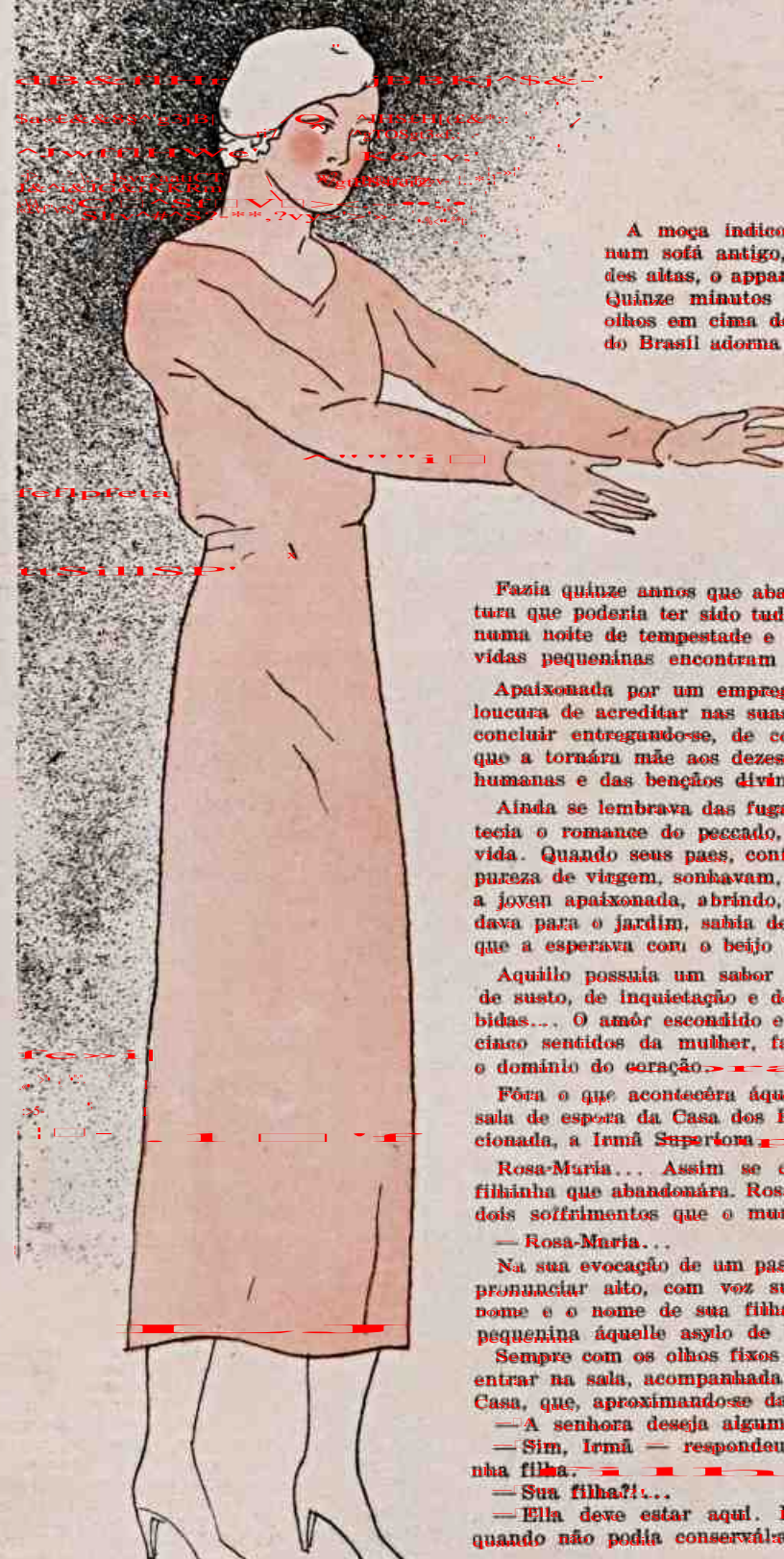
Continuando a publicação de obras de divulgação scientifica, destinadas á mocidade que estuda para a carreira medica, o dr. Cezar Salles, que ha tempos publicou um trabalho sobre «Asteologia», offerece-nos, agora, um novo tratado sobre «neurologia». Medico de grande cultura, professor ha longos annos, conhecedor das necessidades do ensino na especialidade a que se consagrou, o dr. Cezar Salles soube fazer do trabalho que ora apresenta um repositorio precioso de sciencia pura, cujo valor jamais se enaltecerá o bastante.

O dr. Segismundo C. Ratto, que se formou recentemente pela Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, tendo sido um dos mais brilhantes elementos de sua turma, acaba de installar seu consultorio nesta capital, dedicando-se á especialidade que escolheu e estudou no Curso do prof. Clementino Fraga a tuberculose.

(Photo Annunciato).

A caminho da terra Norte-Americana

Os excursionistas brasileiros da caravana turistica organizada pelo Touring Club do Brasil, que já a estas horas devem pisar as terras trepidantes de Tio Sam, divertiram-se muito a bordo do «American Legion», na viagem para os Estados Unidos, promovendo, entre outras festas sociaes e sportivas, um baile á fantasia e um campeonato de «deck-tennis», alcançando, ambos, brilhante successo. São aspectos desses dois acontecimentos a bordo do navio norte-americano o que focalizam as nossas photographias, enviadas especialmente a FON-FON pelo nosso confrade Adolpho Aizen, representante do Comité de Imprensa do Touring Club na excursão turística á America do Norte.

A filha abandonada

UM vulto pállido de mulher subia a grande escadaria de pedra e entrou, medrosamente, no velho edificio da Casa dos Expostos.

— Quero falar com a Irmã Superiora — disse a recem-chegada á primeira pessôa que encontrou no *hall*, uma joven enfermeira de olhos azues como o céo daquella deslumbrante tarde de julho.

A moça indicou-lhe a sala de espera, onde, sentada num sofá antigo, a mulher aguardou, olhando as paredes altas, o apparecimento da directora do recolhimento. Quinze minutos ficou ali, trémula de emoção, com os olhos em cima de um grande quadro onde o imperador do Brasil adorna uma scena de captiveiro. Como aquillo augmentava a sua melancolia e o seu remorso! Aos pés de D. Pedro, uma escrava embalava, maternalmente, a criança que tinha nos braços. A figura gloriosa da mãe preta estava tão expressiva naquelle retrato! E ella, mãe branca, nunca tivéra aquelle carinho e aquella doçura para a unica filha que Deus lhe déra... Infeliz!

Fazia quinze annos que abandonára ao seu proprio destino a creatura que poderia ter sido tudo para ella, si não a houvesse deixado numa noite de tempestade e de frio, na famosa "roda" onde tantas vidas pequeninas encontram salvação e amparo.

Apaixonada por um empregado de banco, commettêra a impensada loucura de acreditar nas suas promessas e nas suas mentiras, para concluir entregando-se, de corpo e alma, áquelle amôr impetuoso, que a tornára mãe aos dezeseis annos e fóra da protecção das leis humanas e das bençãos divinas.

Ainda se lembrava das fugas nocturnas em que a sua ingenuidade tecia o romance do peccado, vendo na paixão a unica verdade de sua vida. Quando seus paes, confiantes nas virtudes da filha, e na sua pureza de virgem, sonhavam, talvez, com um futuro lindo para ella, a joven apaixonada, abrindo, mansamente, a janella do quarto, que dava para o jardim, sahia de casa, e ia para os braços do amante, que a esperava com o beijo de Judas da volupia material.

Aquillo possuia um sabor especial, porque era feito de desejo e de susto, de inquietação e de peccado... O sabor das coisas prohibidas... O amôr escondido e assustado é um amôr que empolga os cinco sentidos da mulher, fazendo-a perder o controle da razão e o dominio do coração.

Fóra o que acontecêra áquella mulher pállida e medrosa que, na sala de espora da Casa dos Expostos, aguardava, impaciente e emocionada, a Irmã Superiora.

Rosa-Maria... Assim se chamava ella, e era esse o nome da filhinha que abandonára. Rosa-Maria encerrava dois destinos inuteis, dois soffrimentos que o mundo não comprehendia.

— Rosa-Maria...

Na sua evocação de um passado infeliz, a mulher pállida chegou a pronunciar alto, com voz suffocada pela angústia, o seu proprio nome e o nome de sua filha, que não conhecia, porque entregára pequenina áquelle asylo de bondade.

Sempre com os olhos fixos no quadro do imperador, ella não viu entrar na sala, acompanhada de duas outras freiras, a directora da Casa, que, aproximando-se da visita, lhe perguntou:

— A senhora deseja alguma coisa?

— Sim, Irmã — respondeu a mulher. — Desejava conhecer minha filha.

— Sua filha?!...

— Ella deve estar aqui. Deixei-a na "roda", ha quinze annos, quando não podia conserval-a commigo. Abandonei-a depois de ter abandonado meus paes, meus irmãos, meu lar... Abandonei-a porque ella era uma prova innocente e viva do meu erro. Pequei, mas, vaidosa e fútil, não queria que o mundo visse o fructo do meu peccado...

— A senhora tem documentos que possam identifical-a?... Ou, pelo menos, será capaz de lembrar alguns detalhes que provem ser a mãe da asylada que procura?...

A interrogação da Irmã Superiora soou como uma accusação aos ouvidos da mulher pállida, que, após um minuto de silencio, respondeu:

— Ella vestia, na noite tempestuosa do abandono, uma camizinha azul celeste e sapatinhos da mesma côr. Preso á camisa, um papel com o seu nome e a data do nascimento: "Rosa-Maria... 7 de julho de 1917..." O resto, está aqui neste cartão...

A religiosa leu o cartão e passou-o a uma das duas irmãs de caridade, que a acompanhavam, ordenando-lhe fôsse chamar a asylada Rosa-Maria.

Cinco minutos depois, a filha da mulher pállida estava ali na sala de espera, deante do retrato do imperador. Era uma joven de olhos claros e tristes como o seu destino. Chegando á presença da directora, exclamou:

— A Irmã chamou-me?

— Sim, Rosa-Maria... Você conhece esta senhora? Não. Não conhece... Não póde conhecer... Pois é sua mamãe... Ella veiu vêl-a...

A mulher, interrompendo a freira, e avançando para a moça, gritou, num soluço commovente:

— Rosa-Maria! Minha filha! Perdôa-me! Perdôa a tua desgraçada mãe!

Mas a joven deteve-a, com um gesto, e respondeu:

— Eu... sua filha? A senhora... minha mãe? Não! Deve estar enganada. Eu não tenho mãe. Eu não sou filha de ninguem. Abandonaram-me pequenina e eu me criei sem saber quem me deu o ser. Criei-me como um pássaro captivo. E agora, que já sou quasi mulher, tambem tenho a minha liberdade. Não me sinto desventurada. Deus acolheu-me e eu cresci sob a sua divina protecção...

— Mas eu sou... tua mãe, Rosa-Maria... Já provei á Irmã que o sou... Perdôa-me, filha! Tem pena de mim!

— Pena de quem não teve pena de mim?... De quem me desamparou quando eu mais precisava de amparo? De quem passou quinze annos sem se lembrar que eu existia?... Ter pena da mulher que me abandonou?... Minha verdadeira mãe é esta Irmã, que sempre me dispensou o carinho que eu nunca tive da senhora... A senhora só me deu a vida para augmentar o numero dos que não têm mãe... Eu nasci para este destino humilde de abandonada... Quem me criou, e me protegeu, e me ensinou a ser resignada e a ser bôa é que merece o meu amôr filial. As Irmãs desta casa são, todas, minhas mães, porque a ellas devo os quinze annos de solidão e de anseio em que se ergue a minha breve e longa existencia de filha abandonada... Não quero outra mãe além dellas... Estou satisfeita assim. Adeus!

E Rosa-Maria deixou a sala onde a mulher pállida diluiu a sua emoção e a sua angústia em vinte minutos de esperança e cinco de desillusão.

A mãe castigada pela revolta da filha despediu-se das Irmãs e desceu de novo a escadaria da Casa dos Expostos, em cujo pateo amplo e sem arvores começavam a cahir as sombras do crepúsculo.

Lá em baixo, no portão de ferro colonial, ella parou e dirigiu, amargurada e arrependida, um derradeiro olhar para o edificio que guardava um pedaço do seu coração e da sua vida. E chorou o seu passado perdido.

A rua Marquez de Abrantes, movimentada e rumorosa, extendia-se aos seus olhos como um convite profano para a realidade do amôr.

Rosa-Maria tomou um *taxi* vazio, que passava, e disse ao *chauffeur*:

— Avenida Mem de Sá...

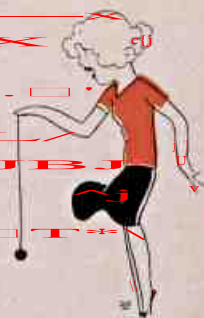
MARTINS CAPISTRANO

BONECAS

HELENA MOREIRA DE SOUZA é uma nova poetisa, que surge aos 15 annos, escrevendo com um talento fórte de mulher. Carioca de nascimento, a joven autora destes versos lindos foi criada e educada em Recife, onde ainda reside.

Eu tinha uma porção de bonecas...
sentadas no sofá... sentadas pelo chão...
tinha bonecas louras e morenas...
bonecas da China... bonecas do Japão...
bonecas Russas... Mulatinhas...
E tinha tambem um boneco...
P'ra quem todos os olhos se voltavam...
Era um louro boneco hollandês,
a quem todas as bonecas adoravam...
Todas não!...
Uma turca de olhos sonhadores,
preguiçosamente reclinada no sofá,
vivia a pensar nos seus amôres:
não trocava, pelo hollandês, o seu pachá...

Mas... todas essas bonecas não bastavam:
eu queria outra boneca mais bonita,
que havia de ser a favorita,
havia de fazer ciume ás outras...
Havia de ser a querida... a preferida...
Sabe quem era essa boneca... que eu queria ter?
Essa boneca... era você,
você, moreninha feiticeira,
que enche toda a minha vida de esplendor...
Você, bonequinha brejeira...
Você, que é todo... todo o meu amôr!...

HELENA MOREIRA DE SOUZA

UMA PLACA SOBRE O PORTAL

Tristan Bernard, certa vez, passeava pelas ruas de Paris, acompanhado de um escriptor, ao qual, com justiça, não se poderia chamar de modesto.

Ao passarem em frente da casa onde viveu Huysmans e ao verem a placa collocada sobre o portal, perguntou o escriptor em questão:

— Quando eu morrer, que legenda collocarão sobre a minha porta?

— "Aluga-se um apartamento", respondeu-lhe Tristan Bernard"

FILIGRANAS

Em tudo e por tudo, a revolução communista russa se parece com a Revolução Franceza, menos numa cousa. E' que não gerou um Napoleão e parece que o não gerará. Felizmente, porque um genio militar como o Corso á frente dos aludes de homens da estepa seria, lançado sobre a Europa, novo Atila, novo Gengiz-Kan, novo Taverlão.

Tivesse o communismo esse homem e o mundo estremeceria abalado nos seus alicerces e, espavorida, a humanidade inteira levantaria as mãos tremulas para a abobada celeste, pedindo misericordia contra o Flagello de Deus!...

O pintor Alvaro de Almeida e um dos quadros («Ipanema», marinha) que figuram na sua exposição de arte, realizada, com éxito, no salão do Lyceu de Artes e Officios. Alvaro de Almeida, que é um artista muito interessante, foi premiado, com este trabalho, no Salão de 1933.

Caverna de Ali Babá

(Conclusão)

prestigio social, não ha politiqueiro analphabeto que não queira fazer parte daquella casa, roubando aos que fazem prosa ou verso a unica recompensa que podem almejar neste paiz. E, emquanto são candidatos, têem para os seus eleitores os sorrisos mais humildes e tentadores deste mundo.

La Bruyère haveria de sorrir com amargura desta situação dos seus confrades brasileiros e choraria, quando lhe dissessem que ha na população do Brasil noventa por cento de analphabetos, e que os restantes lêem pouco ou lêem mal, de maneira que nem o consolo do publico aqui o homem de letras tem. A primeira edição dos "Caractéres" deu ao livreiro Michallet um lucro de cerca de trezentos mil francos, lucro que La Bruyère havia offerecido, sem contar com o exito de livraria, para o dote da filha do livreiro. Aqui quem ganha trezentos mil réis num volume ganhou muito...

SESAMO

Senhorita Leonor Dimas e o sr. João Naves, que se casaram em Uberaba, Estado de Minas Geraes.

A senhorita Guajarina Paiva e o sr. José Basile, cujo enlace se realizou nesta capital, onde os noivos são figuras de destacado relêvo social.

Enlace da senhorita Ada Massa com o sr. Leovy Granja dos Santos.

FILIGRANAS

Pela velocidade adquirida em quarenta annos e pico da Republica Velha, respeitavam-se no Brasil leis enfraquecidas, olhava-se como um dever acompanhar de queda em queda a fortuna decrepita do regime, sustentava-se como um fardo pesado a sombra da nação e, mais por habito do que em consciencia, iam-se aguentando bem ou mal os vicios do envilecimento.

Fatalmente tinha de vir um movimento insurreccional que varresse tudo isso. Veiu com effeito e varreu. Mas, coisa inexplicavel! tudo, segundo diz o povo, ficou como dantes no quartel de Abrantes...

Enlace da senhorita Rita de Andrade com o sr. Humberto Barbosa.

(Photos Cerri — S. Paulo).

A sociedade hollandeza desta capital reuniu-se quinta-feira penultima, na séde do Club Suisso, para commemorar, com uma brilhante festa social, a data natalicia de sua magestade a rainha Guilhermina, tão estimada pelo seu povo, que este escolheu o dia do anniversario da nobre soberana para nelle realizar a sua festa nacional.

DA AMBIÇÃO

Não direi que o desejo ardente de triumphar seja um mal. Ao contrario: felizes os que desejam galgar as alturas, distribuindo um pouco do seu poder com os que o solicitam.

Mas nem todos são dessa opinião: uma vez realizada a ascensão, não olham para baixo, afim de dar a mão direita ao companheiro atrazado na encosta da montanha ingreme, que é a vida.

Olham uns indifferentes para os que escorregam; outros, com um pé, — e não utilizam os dois porque têm receio de rolar tambem, — interceptam a escalada, e ainda alguns deixam rolar um calhão, que os esmaga.

O potentado não poude impedir que o sol fôsse indistinctamente util a todos, mas conseguiu levantar grandes edificios, ao lado de pequenas casas. A sombra forçada e permanente é combate á luz, que é meio caminho para a victoria.

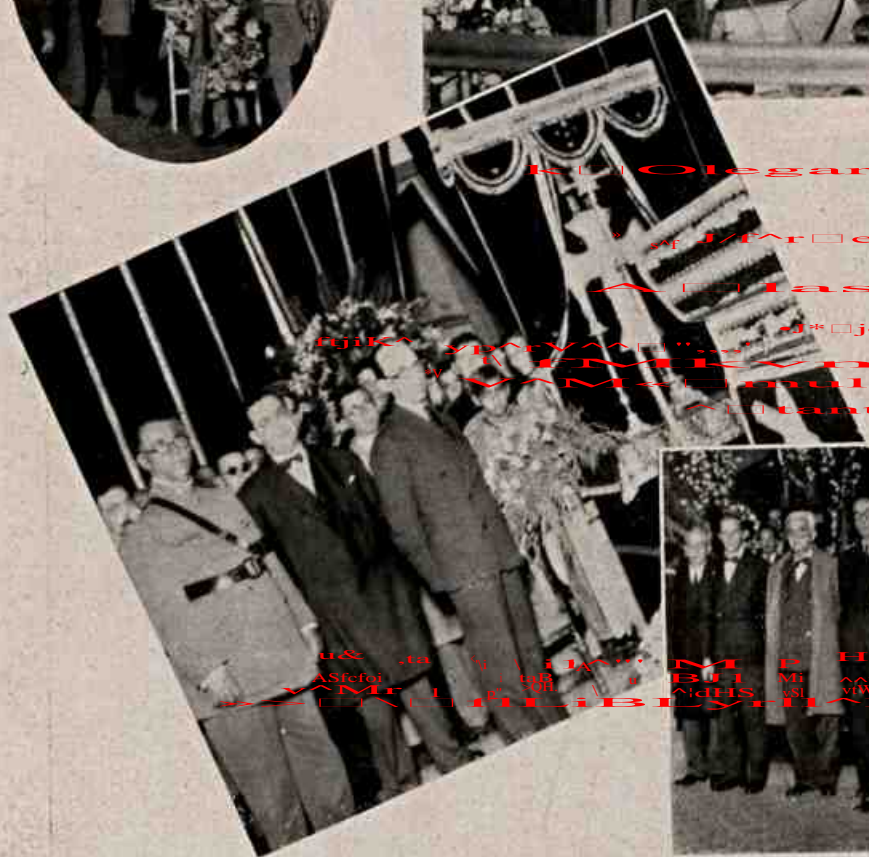
Deve-se tolerar a ambição, que, além de não vir acompanhada de egoismo, tenha em mira coisas confessaveis.

ALEXANDRE PASSOS

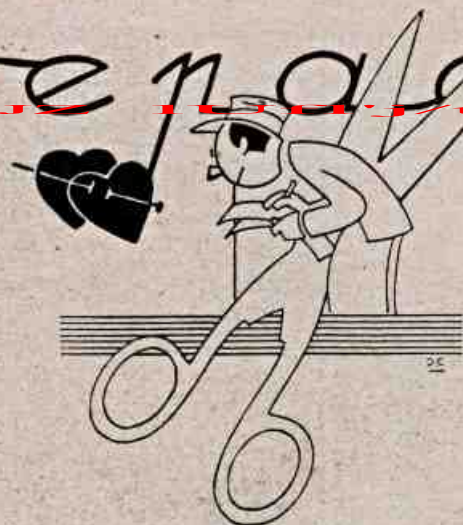
Nos salões do Country Club, realizou o Texaco Athletico Club o seu baile de setembro, que decorreu cheio de alegria e de brilho mundano. O «cliché» focaliza um lindo aspecto dessa elegante festa.

O Lyceu Litterario Portuguez, uma das mais antigas e prestigiadas collectividades portuguezas do Rio de Janeiro, commemorando o 65.º anniversario de sua fundação, lançou a primeira pedra do seu novo edificio social, cujo projecto de construcção o tornará uma das obras mais perfeitas e grandiosas da cidade. A festiva data e o acto que se realizou revestiram-se de grande imponencia, estando presentes os srs. interventor do Districto Federal, embaixador de Portugal, consules daquelle paiz amigo e varias personalidades de destaque na colonia portugueza.

«FON-FON» EM MINAS

Os funeraes do presidente Olegario Maciel

O enterro do saudoso presidente Olegario Maciel, realizado na penultima 5.ª-feira, em Bello Horizonte, foi uma cerimonia de rara e tocante imponencia funebre. Minas em peso, representada pelas suas varias classes sociaes, acompanhou, enlutada, os despojos do seu venerando filho á sua ultima morada. A' beira do tumulo do inesquecivel varão que tanto honrou e enalteceu as vir-

tudes da nobre gente mineira e os idéaes republicanos que, no momento, agitam a alma brasileira, falou, entre outros oradores, o dr. Gustavo Capanema, illustre substituto interino do presidente Olegario Maciel no governo do grande Estado montanhez. Nestas duas paginas, FON-FON offerece a seus leitores vários aspectos das ultimas e commovedoras homenagens prestadas em Bello-Horizonte ao saudoso e venerando estadista, desde o velorio e visitação publica do seu corpo, no Palacio da Liberdade, ao sahimento do feretro e seu enterramento.

Trepações

A semana passada foi positivamente *pesada* para a interessante morena, de grandes olhos negros. A chuva impiedosa impediu os seus passeios matinaes á praia, onde *elle* sempre comparece para dois dedos de prosa deliciosa. Não podendo realizar os encontros praianos, a morena teria de suppril-os de qualquer outra maneira, com uma sessão de cinema ou um chá, por ahi além.... Mas, *elle* não póde telephonar para a casa da linda morena, sob pretexto algum, a menos que ambos fossem livres. Ella, mais audaciosa, procurou atenuar os seus dias de tristeza, indo ao telephone, por vezes, para vêr si conseguia dar-lhe uma palavra ligeira. Porem, nunca teve a sorte de ouvir, do outro lado, a voz quente do nosso amigo. Parecia coisa feita... Quem attendia sempre era a esposa delle, e a morena desligava o telephone, desculpando-se. Era engano...., não queria falar para aquelle apparelho..., E descompunha as pobres telephonistas...

O *azar* é um facto, porque a semana correu sem a possibilidade do encontro desejado, e que agora está difficil. A linda morena anda doida para tirar a fórra, mas isto somente será possivel depois do concerto de zangas intimas, visto a esposa do rapaz ter ficado desconfiada com a insistencia das ligações erradas.... *Madame*, que é intelligente, affirma que a voz dos telephonemas mysteriosos era sempre a mesma, e o pirata do marido está agindo com muita cautéla para não estragar o caldo.

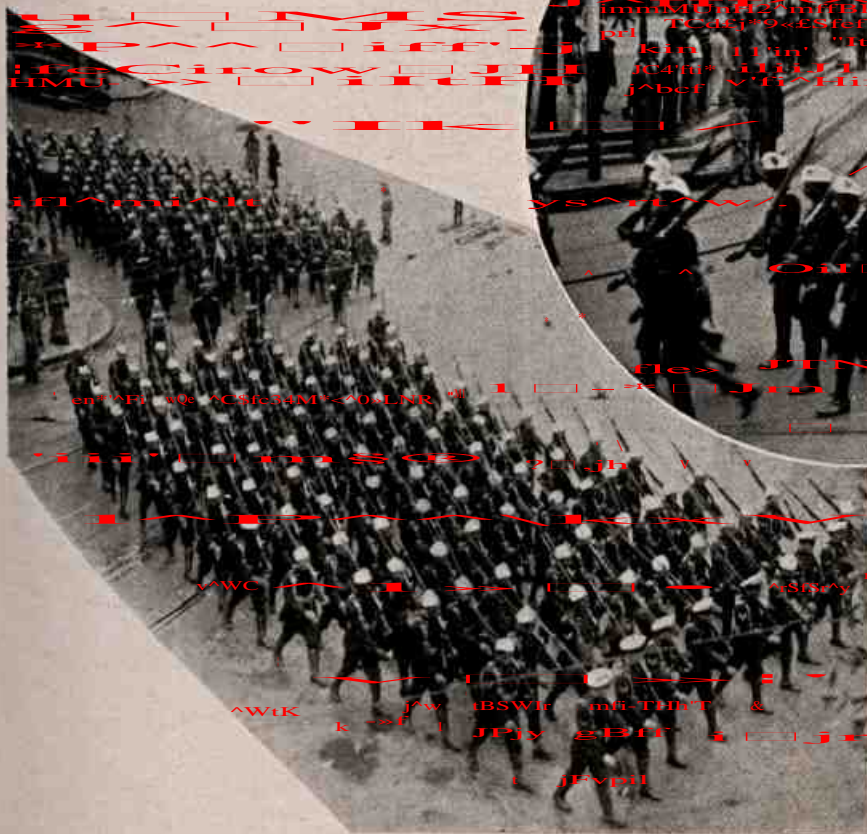
Antonia Mercé — «La Argentina» —, a notavel ballarina que no proximo dia 20 se apresentará no Municipal. «La Argentina», festejada em todo o mundo civilizado, conquistou a celebridade deante das platéas de Paris, Londres e Nova-York, e agora levou ao Colon toda a população de Buenos Aires, que a applaudiu com delirio.

O joven militar deve estar espantadissimo com a attitude de *madame*, que não dá uma folga.... Uma conquista galante empresta certo encanto á vida. Naturalmente, *madame* recebeu forte impressão, deante do physico do guapo militar, e não sabe viver sinão ao lado do bem amado. Mas, os encontros não são faceis, nem o joven militar póde fugir da caserna a cada instante, para ficar ás ordens de *madame*. D'ahi o nervosismo que se apodéra da dama enamorada, a ponto de esquecer determinadas conveniencias, descuidando-se mesmo na maneira de apresentar-se em publico, ao lado do rapaz. Por isso, ali no ponto mais concorrido aonde afflue a massa humana para a conquista de um logarzinho nos bondes da Jardim Botanico, debaixo do aguaceiro de uma das tardes da semana passada, era notada a insistencia de *madame* prendendo ao seu lado o *amorzinho*, que estava louco para dar o fóra.... A cada movimento delle para partir, ella deitava-lhe um olhar de peixe morto, dizia-lhe palavras meigas ciciadas quasi junto á bócca, cobria-o com o guarda-chuva, no interesse manifesto de resguardar a farda, e os minutos corriam, mansamente...

Alheios, não percebiam que estavam sendo observados pelos transeuntes que procuravam a protecção dos toldos, emquanto os bondes não appareciam, e lá ficaram no posto, largo tempo. Emfim, depois que o joven militar prometteu telephonar ao dia seguinte, *madame* resolveu partir com os pacotinhos das compras, pretexto excellente que naturalmente arranjou para sahir de casa, naquelle dia cinzento e molhado, que pedia o aconchego do lar...

SABEDORIA

Tudo o que se diz de nós é falso; porém, mais falso ainda é o que pensamos de nós mesmos. São duas classes distinctas de falsidade.

PAUL VALERY

7 DE SETEMBRO

Em commemoração á data gloriosa de 7 de setembro, o Exercito e a Marinha levaram a effeito varias solennidades civico-militares, que se revestiram do maior brilho. A nossa pagina mostra flagrantes colhidos durante o desfile do Regimento de Fuzileiros Navaes que, nesse dia, offereceu á cidade o espectaculo magnifico do seu garbo e da sua disciplina.

Realizou-se no Instituto Nacional de Musica o concurso de oratoria em que os universitarios cariocas disputaram duas vagas na caravana que irá a Portugal sob a chefia do professor Fernando Magalhães, tendo a commissão julgadora classificado os academicos de direito Araújo Jorge e Celso Timponi, que conquistaram assim a victoria sobre seus collegas.

«LA REVISTA AMERICANA DE BUENOS AIRES»

Por intermedio de Mario Vilalva, nosso illustre collega de imprensa e consagrado escriptor, recebemos um exemplar do numero de agosto ultimo de La Revista Americana de Buenos-Aires.

Magazine literario de grande circulação na capital argentina, La Revista Americana, de que é mui digno director o conhecido escriptor platino V. Lillo Catalán, tem em Mario Vilalva, seu representante nesta capital, um excellente elemento de ligação entre a intellectualidade brasileira e a argentina, taes a intelligencia, o esforço e o interesse com que o querido poeta patricio vem aqui realizando essa obra de intercambio espiritual.

Esta edição de La Revista Americana apresenta-se com o seguinte e interessante summario:

Manuel Dominguez: Aragua y Paragua I; Abel Pleon: Los cantos obreros de los negros del Norte; Elsie Magno Dufort: Ventanilla — Mi mundo serás tu (versos); Francisco Lombardo: La noche en la selva; Marin Alex Urrutia Artieda: Ofertorio a la vida, Dolor, (versos); V. Lillo Catalán: Un grand pintor peruano: Salvatierra. Mercedes D'Abondio: La enseñanza primaria y el amor al libro; Horacio H. Dobranich: Las charlas del zuglar, etc.

Photographia tirada no pateo do Quartel do 4.º Batalhão da Policia Militar, por occasião da ceremonia de entrega das divisas aos novos cabos da turma recentemente approvada, no ultimo exame para aquelle posto. Entre os presentes, estão o coronel Manoel da Rocha Silva, commandante do 4.º Batalhão; major fiscal Pedro Delfino; o director geral da Instrucção da Policia, major Antonio Soares dos Santos; o representante do general Lucio Esteves e outras altas patentes da Policia Militar do Districto Federal.

FON-FON no cinema

CALOUROS ENDIABRADOS

"RACKETY RAX"

com

Victor Mac Laglen,
Greta Nissen,
Allan Dinehart
e
Neil O' Day

Da FOX

MAC GOIN, o "punho de aço", é o destemido chefe dos mais perigosos "gangsters" norte-americanos, temidos mesmo pelos seus valentes adversarios. A sua organização é tão perfeita que não ha consumidor que resista aos seus "rogos", muitas vezes synchronizados a "pistola". Sentindo a perseguição tenaz de seus inimigos e da policia, que cada vez mais apertava o cerco contra elle, Mac Goin, que no seu grupo contava com elementos preciosos, dispondo mesmo de varios departamentos, inclusive uma publicidade intensa, resolve, num relampago genial, comprar uma universidade afim de, com essa idéa, despistar a policia e os seus rivaes. Famosos "treinadores" foram contractados para a "equipe" do collegio Canarsie, titulo com que o departamento de Propaganda, pomposamente, o chrismou. Estava Mac Goin no apogeu de seus desejos, quando Gilotti, o seu mais terrivel antagonista attrahido pela fama crescente do collegio Canarsie, resolve por sua vez tambem comprar um, afim de "disputar" varios *matches*. Frente a frente agora em pleno grammado, as duas universidades medem forças numa disputa de vida e morte sendo que o encontro, que tivéra o seu inicio em bolas, acaba em metralhadoras, pistolas, carros de assalto, deante de uma "numerosa" e ardente "assistencia" aos valorosos "players" que divertiam de um modo inedito um jogo que era desconhecido por todos os amantes da boa bebida...

VIAGEM DE GALA

(Melody cruise) — Producção da RKO-RADIO

Com CHARLIE RUGGLES, PHIL HARRIS, GRETA NISSEN e HELEN MACK

ALAN Chandler (Phil Harris) é um millionario joven e alegre, de amôr facil e ephemero, que vive de aventura em aventura. Tem uma aversão instinctiva e profunda ao matrimonio e espera não encontrar jamais uma mulher fatal, definitiva, que possa conquistal-o. Possúe o temperamento rebelde de um nomade de amôr. Assim como os verdadeiros ciganos vão de cidade em cidade, sem que se enraizem a nenhum ambiente, sem que se integrem em nenhum meio, elle ia de amôr em amôr, de idyllio em idyllio, sem uma unica affeição solida e perenne. Uma certa pequena, mais perspicaz e positiva do que as outras, não se contentou com o deslumbramento dos beijos e das palavras de amôr; e quiz attrahir Alan, impondo-lhe o matrimonio. Então elle, logo que presentiu o perigo, tratou de mudar de ambiente, de viajar para bem longe. Embarcou num branco, donairoso "yatch", com o projecto de um longo passeio pelos mares. De antemão, estabelecêra a resolução de procurar, em cada porto, um typo de mulher, uma aventura galante. Deixou Nova-York em companhia de Pete Wells (Charlie Ruggles), seu amigo inseparavel. Antes do embarque, Alan impõe que o companheiro jure, por todas as entidades humanas e divinas, que tudo fará para afastal-o do matrimonio. Pete submette-se ao compromisso exigido. Mas Alan, requintando as suas cautelas, concebe um novo e infallivel meio de assegurar a solidariedade incondicional do amigo. Assim é que escreve uma longa e detalhada carta á esposa de Pete, na qual ennumera, com impressionante colorido e notavel opulencia de detalhes, as façanhas donjuanescas do marido. Concluida a carta, Alan diz:

— Essa carta será entregue á tua esposa no dia em que me casar. Trata de evitar, portanto, com todos os meios humanos e divinos, de que me case. A tua salvação está em que me conserve celibatario.

Alan falou com certa bonhomia, mas Pete viu claramente que elle seria capaz de cumprir o que promettia. O incidente da carta, no emtanto, devia cahir no olvido, pois, pouco depois, o *yatch*, rythmico e sereno, fendia as aguas oceanicas.

Em pleno alto mar, ha, no bar de bordo, uma vibração electrizante de festa. Os dois amigos estão sozinhos. Acontece, porém, que, logo ás primeiras horas de viagem, tiveram a precaução de beber. Enlouquecidos pelo vinho, cantam, dançam e fazem um barulho infernal. Quem estivesse a distancia, julgaria tratar-se de um baile completo, com uma multidão de allucinados. Já alta noite, Pete recolhe-se. Foi então que descobriu, no camarote, a presença de Vera (Shirley Chambers) e Zoe (June Brewster) duas lindissimas jovens. Uma e outra haviam embarcado ás escondidas.

Eram, portanto, clandestinas. Pete ficou perturbadissimo. O alcool fazia com que excedesse os limites impostos pelas leis da civilidade. Foi ahi que o commissario de bordo (Chick Chandler) intervem para resolver a conjunctura. E Pete recorre a uma mentira e diz-se tio das duas moças.

(*Continúa na pag.* 58)

CABELLEIREIRO PARA SENHORAS

(Coiffeur pour Dames) — DA PARAMOUNT

E' arranjando de um modo decorativo a lã dos carneiros do pae Guilloux que Mario tem pela primeira vez, na provincia, a revelação da sua verdadeira vocação. Mas não sympathizando o pae Guilloux com os pendores artisticos do pastor, e dahi resulta ser elle despedido, com grande mágoa de Aline, sua companheira na herdade, que o ama em segredo. Nem por isso se abate o animo de Mario, e logo elle resolve ir tentar a vida em Paris, onde espera dar corpo e realidade á sua vocação.

Não lhe são favoraveis as primeiras tentativas, mas, afinal, graças a um audaz estratagema, elle consegue entrada na loja do senhor Pluvinat, um modesto cabelleireiro estabelecido num dos mais obscuros bairros da cidade. Colette, a creada da mundana Edmonde de Monplaisir, que móra defronte da loja, é a sua primeira fregueza e o aráuto da sua primeira creação: *le mouton folichon*. A novidade desse penteado causa verdadeira sensação, e dentro em pouco, entre o pequeno circulo das freguezas do sr. Pluvinat, Mario não chega para as encommendas. A Colette, succedem Muchette, Georgette, Yvette, e, afinal, a propria Edmonde a amante do abastado commerciante Louvet, a qual sympathiza com Mario e pretende obter delle alguma coisa mais que os seus serviços profissionaes...

Aline, tambem despedida pelo pae Guilloux, vae reunir-se a Mario em Paris, e alli chega precisamente na noite em que Edmonde conseguiu attrahir Mario a sua casa, sob pretexto de ir penteal-a. Mario descarta-se habilmente da linda campezina, e já está elle em *tête-à-tête* com Edmonde no seu elegante *boudoir*, quando, inesperadamente, apparece Louvet. Para não perder o seu generoso protector, outro remedio não tem Edmonde senão desterrar Mario, em trajes muito summarios, para um balcão que dá sobre a rua, onde elle fica exposto ao frio e á curiosidade dos papalvos, intrigados com tão estranho espectaculo. A titulo de compensação, depois que Louvet se retira, Edmonde declara-se a Mario, mas este lhe impõe o rompimento com Louvet, que Edmonde não acceita por muito boas razões.

Em meio de tudo isto, Mario continúa a fazer carreira, mas os exitos obtidos estão muito longe de o satisfazer. Elle anseia brilhar num circulo maior, num circulo de gente chic que consagre perante Paris inteira os primores da sua arte. Aline, a quem Deus dotou de uma linda cabelleira, servir-lhe-á de thema, de estudo, e, para mais segurança, o artista capillar se une a ella pelos laços do matrimonio, assim enchendo de felicidade o coração da ingenua pequena.

Certo dia, na loja, Mario recebe a visita de Mme. Louvet, que alli penetra para espreitar a casa fronteira onde mora a amante do seu consorte. Palavra puxa palavra, Mario recebe as confidencias de Mme. Louvet, que não se conforma com a frieza e desamor do marido. Mas disso só ella é culpada, diz-lhe Mario, pelo pouco caso que faz dos seus attractivos. As mãos do artista operarão, porém, milagres, si ella quizer, e Mme. reapparecerá ao marido tão linda que elle mal a poderá reconhecer. A realidade excede por muito a promessa e Louvet tão seduzido fica, que logo parte com a esposa numa segunda lua de mel, a que deram origem os seus resuscitados encantos, fructo da pericia e dos conselhos de Mario. Em recompensa, Mme. Lou-

(*Conclúe na pag. 56*)

ARTISTAS QUE

Os últimos tempos têm decorrido funestos para o cinema. Um numero invulgar de artistas, muitos dos quaes forem célebres e iam, pouco a pouco, cahindo no esquecimento do publico, desappareceram para sempre da vida agitada dos studios, onde conheceram as misérias e grandezas da carreira artística.

O principal foi, sem duvida, Roscoe Arbuckle o inesquecível "Chico Boia", que durante tantos annos alegrou o mundo com o riso sympathico e sádo do seu enorme carão redondo. Morreu sem agonia, docemente, numa residencia modesta de Nova-York.

"Chico Boia" foi perseguido, na sua agitada e dolorosa existencia, por uma sombria fatalidade. Conheceu a fama e uma publicidade formidavel consagrou-o durante muito tempo na admiração do publico. Só hoje, porém, o seu verdadeiro valor como comico genial, de transbordante phantasia, começa a ser justamente comprehendido.

Há doze annos, encontrava-se em pleno êxito. O mundo inteiro saboreava guloso as imprevistas aventuras desse gorducho, cujo espirito animado se debatia contra a obesidade, numa luta de irresistível comico. No decurso duma festa, em que as bebidas espirituosas correram abundantes, "Chico Boia" foi testemunha da morte duma joven actriz de nome Virgínia Rappe. Embora nenhuma culpabilidade lhe coubesse no trágico acontecimento, foi citado perante os tribunaes como presumido autor dum crime. A marcha do processo provou que a morte da actriz fôra natural e "Chico Boia" foi, por consequencia, absolvido. Mas a enorme popularidade que o cercava causou a sua desgraça. Enorme campanha se desenvolveu contra o infe[liz] actor. Como Charlot e outros gran[des] comicos, "Chico Boia" tinha con[tra] si o odio das sociedades puritanas da America do Norte, cujo espirito estreito elle mais duma vez satyri[zára]. Foi isso que o perdeu. Artigos na imprensa, comicios e outros meios de propaganda criaram-lhe uma si[tuação] insustentavel. Uma após ou[tras], todas as portas dos studios se lhe fecharam, impossibilitando-o de reconquistar a posição perdida.

Para viver, "Chico Boia" fez-se realizador. Sob o pseudonymo de William Goodrich dedicou-se á encenação de films comicos, no que, graças á sua longa pratica, adquiriu grande reputação.

Há dois annos, annunciára a sua intenção de voltar ao cinema, para tentar mais uma vez recuperar a posição tão injustamente perdida. E assim fez. Alguns amigos dedicados cotizaram-se para subvencionar um film interpretado por elle. O resultado foi tão satisfatorio, que a "Warner Brothers" decidiu offerecer-lhe um contracto para a producção de seis pelliculas. Mas a fatalidade continuava a persegui-lo e "Chico Boia" em breve reconheceu que o seu exito estava muito longe de assumir as proporções de outr'ora.

Uma embolia cardiaca pôz ponto final nessa luta cruel contra o destino. Addie Mac Phail, artista de theatro, que com elle se casara ha pouco mais de annos, foi encontral-o morto com uma profunda expressão de serenidade no rôsto gordo que tanto fez rir o Mundo.

* * *

No mesmo dia em que «Chico Boia» desapparecia do numero dos vivos, os jornaes annunciavam a morte de Harry Langdon, outro comico célebre.

Quem não se recordará ainda desse singular artista cujo olhar sonambulo parecia desafiar o destino?

Uma fatalidade, que tem estranhas semelhanças com o de "Chico Boia", pesava sombriamente sobre a vida de Harry Langdon. Ha cerca de [illegible] annos, o infeliz comico procurava por todos os meios consolidar a sua

O «realismo» de Carole Lombard, da Paramount, é perturbador.

Hollywood está surprehendida com a amizade profunda, inabalavel que liga Lee Tracy a John Barrymore. Os dois "astros" parecem inseparaveis. São vistos em longas palestras ou em passeios quasi interminaveis. No seu periodo de ferias, Lee Tracy esteve em Nova York e fallou a um jornalista sobre os costumes de John Barrymore: "Pessoas innumeras fazem de John uma idéa inteiramente falsa. Assim é que o julgam um homem intratavel, cheio de preconceitos e dado a attitudes violentas. Mas é um engano. Commigo pelo menos, elle se tem mostrado um companheiro adoravel, pleno de cordura, de elegancia, de espirito. John teve, sobre mim, uma grande influencia benefica. Após uma phase de labor excessivo, em que fiz quinze films em trez mezes, experimentei um esgotamento quasi mortal. Perdi quasi

SE FORAM

posição no cinema, bastante abalada após o advento do sonoro. Sob uma falsa accusação de roubo foi preso, conseguindo a breve trecho provar a sua innocencia. Esse desagradavel incidente foi, comtudo, um rude golpe nas suas ambições. Harry e sua mulher intentaram, então, um processo contra o queixoso, exigindo-lhe uma forte indemnização. Depois veiu o divorcio e agora, finalmente, o commerciante que o perseguira injustamente perante o tribunal acaba de ver julgado a seu favor o processo de indemnização que Harry Langdon intentara contra elle.

A morte rematou a tragedia do infeliz comico, que a viu de certo approximar-se com esse mesmo olhar inexpressivo e resignado que o celebrizou.

* * *

A accrescentar a estes temos ainda Ernest Torrence, o excellente actor americano que consagrou toda a sua carreira artistica á composição de figuras grosseiras e primitivas, a que soube imprimir um extraordinario cunho de realidade. Ernest Torrence succumbiu a uma doença que o minava implacavelmente havia muito tempo. Tinha acabado de interpretar "I cover the waterfront", e foi enterrado no proprio dia em que esse film se exhibia pela primeira vez.

A sua morte deixa em aberto uma vaga no cinema norte-americano. Como actor caracteristico, difficilmente poderá ser substituido. E' justamente nesse genero de papeis de segundo plano que a falta de bons actores se faz sentir.

* * *

Outro actor que desapparece, deixando atraz de si um passado glorioso, é Prince. Quando o cinema francez se achava no apogeu de sua popularidade, Prince foi o artista querido das multidões. Comediante de admiraveis qualidades, produziu uma serie de curtas comedias que fizeram epoca. Não nos occorrem os seus titulos, tão recuada é já a epoca em que ellas brilharam nos écrans. Mas

ainda hoje evocamos com saudade a sua figura de comico tão original.

Durante os ultimos annos do cinema silencioso, Prince tinha desapparecido por completo dos écrans. Vivia á sombra da celebridade que conquistára com as suas famosas comedias curtas. Quando o phonocinema veiu, alguem se recordou que elle havia sido actor de theatro, estando por isso qualificado para defrontar o microphone. Foram buscál-o e o reconduziram ao studio. Tomou parte na realização de diversos films, em papeis modestos, sem grande relevo. A sua época passára. Representava agora figuras de velhos aristocratas elegantes. E fazia-o com essa comprehensão admiravel da arte scenica que o tornou célebre.

A morte, consequencia dum antigo padecimento, poz termo á sua carreira. E o cinema perdeu nelle um dos grandes comicos primitivos e espontaneos que, com Max Linder e Carlitos souberam, antes de ninguem, comprehender o profundo sentido da arte cinematographica.

* * *

No cinema, como em tudo, artistas que desapparecem são artistas que se esquecem. Hoje detemo-nos ainda um momento a evocar as sombras que elles animaram no écran, phantasmas claro-escuros de sêres que nunca conhecemos. Amanhã, outros nos farão rir e a elles consagraremos a nossa admiração.

A morte é, sem duvida, destino commum a todos os homens. Mas do que fica relatado se conclue que o mundo é muitas vezes cruel e ingrato para aquelles que procuram divertil-o e ajudál-o a esquecer as pequeninas miserias da vida.

julgado por Lee Tracy

quer animo e nada sobrerestava do meu antigo requinte artistico. A minha efficiencia, como era natural, resentiu-se. Foi John que me animou, despertando o meu amor proprio e fazendo com que me entregasse de novo ao trabalho. E, graças a elle, fui reconquistando minha elasticidade e energia. O que me impressiona mais em John Barrymore é a sua probidade artistica. Elle vive absorvido no estudo dos typos que encarna; procura assimilar todos os valores do papel, ainda mesmo as mais fugitivas nuances psychologicas. Nos intervallos dos films não descança e estuda os effeitos das proximas scenas".

Eis ahi Barrymore julgado por Lee Tracy, o companheiro de Lupe Velez, em "A Verdade semi-nua", o film da RKO que veremos breve.

Adrienne Ames, da Paramount... na intimidade.

Lionel Barrymore no film «Victoria Amarga», de RKO.

CABELLEIREIRO PARA SENHORAS

(Conclusão)

vet facilita ao artista a inauguração de um salão modelo ultra-moderno e luxuosissimo, que passa a ser um dos grandes centros de reunião de todo o *grand-monde* da Cidade-Luz.

Desde esse dia, só se *flirt*, só se janta, só se dansa *chez Mario*. Tão grande e lisongeira notoriedade adquire o famoso *maître coiffeur*, que todas as mulheres o amam, notadamente Aline, Edmonde e a propria menina Louvet, Denyse, que, sahida ha pouco do collegio, se tomou por elle de um verdadeiro rabicho.

Dias depois, descobre Mario que Edmonde o atraiçôa, mas essa revelação, longe de o irritar, dá-lhe o irrecusavel testemunho de que elle chegou, finalmente, a ser, como queria, um verdadeiro *homme du monde*: tem um salão que toda a alta roda frequenta, possúe um palacete encantador, tem tres automoveis, uma esposa legitima e uma amante que o cigana como succede a Louvet e aos demais *gros bonnet* da finança, das artes, do commercio.

Para cumulo, Denyse, a filha do commerciante, o vence pela somma de encantos que a sua mocidade torna irresistiveis e Mario se dispõe a casar com ella, muito embora para isso tenha que divorciar-se de Aline. Mas supportará a fiel companheira golpe tão cruel?

Nessa altura, intervem um medico, grande amigo de Aline, que desvia o bote planejado por Mario, convencendo-o de que elle está soffrendo de mil e uma enfermidades. Do mesmo argumento se serve o grave esculapio para fazer ver a Denyse que funebre perspectiva lhe offerece o tão desejado enlace.

Denyse logo desiste do seu proposito, e, cedendo ao conselho medico, Mario se retira para o campo, com Aline, a sua dedicada enfermeira, e manda ás ortigas a profissão que lhe deu nome, fortuna e gloria.

Puramente imaginaria como é a molestia de Mario, a vida no campo só traz alegrias ao casal. Falta talvez um pouco ao grande *coiffeur* o exercicio da sua arte que lhe permittia crear belleza e fascinação á volta de si; mas de tal se consola o artista, pondo na mesma trilha que o tornou glorioso as duas tenras creaturinhas que lhe vieram do céo para alegrar o doce retiro de paz onde o amor de Aline poz a garantia de uma felicidade sem fim.

VOCÊ SABE?

Você sabe que Neil Hamilton, astro de RKO-Radio e que veremos ao lado de Ann Harding em *Um pouco de amor não é amor* (Animal Kingdom), já estudou para ser padre? Que trabalhou numa fabrica de munições? Que já foi indicador de lugares num cinema? Que já vendeu cigarros? Que foi empregado numa loja de ferragens? Que trabalhou nas officinas de Henry Ford, em Detroit? Que adoptou uma meninazinha e que agora está procurando um menino para formar o casal? E que, finalmente, nas suas interpretações, tem beijado as mais lindas estrellas, taes como: Norma Shearer, Joan Crawford, Contance Bennett, Helen Hayes, Irene Dunne e Ruth Chatterton?

JOEL JÁ É QUERIDO

Joel Mc Crea, em quem os musculos de athleta não prejudicam a esplendida espiritualidade, está desenvolvendo uma grande actividade. Brevemente, elle apparecerá em "*The Doctor*" ao lado de Lionel Barrymore e Dorothy Jordan, film da RKO-Radio, cujo argumento é humano e inesquecivel. Joel Mc Crea, que, ultimamente, tem apurado bastante as suas virtudes de interprete, obtem, no decorrer da acção, a mais bella "performance" de sua carreira.

O filho de Lon Chaney: Creighton Chaney, — que actualmente trabalha para a RKO-Radio.

Escriptores e livros

Adelino Magalhães — OS MARCOS DA EMOÇÃO — Editor A. Coelho Branco F.º — Rio — 3$

SEIS são os capitulos deste volume: *A historia; Os livros, os momentos da arte; O mundo actual; O Brasil; O universo* e *A vida*.

O autor define a intenção da obra, nestas palavras: "A sensibilidade e o pensamento em vivazes instantes, vadios. Um breve, um offegante dizer. Os marcos da maior emoção espiritual, no transcurso da vida."

Pura gymnastica do pensamento, philosophia, de permeio. Emfim, genero difficil de exhibição, accessivel apenas ás intelligencias de escól.

Da empreza, Adelino Magalhães desempenha-se com brilho. São muitos os marcos da emoção do escriptor. Destacamos alguns, para o encanto do leitor.

"Como em odos os factos da humanidade, o Christianismo não estaria completo, de accôrdo com a natureza, si a mulher não interviesse preponderantemente nelle. A *Virgem Maria* satisfaz a uma das necessidades mais profundas do equilibrio humano, mesmo organicamente falando; sem, todavia, se descer a requintes freudianos.

— E' necessario á humanidade um firmamento geral de utopias, como é necessario o firmamento celestial das religiões.

— Os que, em cada paiz, preconizam legislar-se e administrar segundo as realidades nacionaes, esquecem-se frequentemente de que tambem é necessario attender á elevação do nivel dessas realidades em relação ao quadro da civilização universal.

— O tédio! ... Desde que a consciencia nasce, nasce a idéa-fixa da morte. Não poderia faltar á morte uma ante-camara sombria.

— Si a monarchia correspondeu mais á nossa psyché negra ou lusa de *obedecer*, a republica diz brilhantemente com o nosso feitio mestiço de anarchisar, e deixar anarchisar-se.

— Em geral, são os astronomos que mais hymnos entôam á gloria do Creador; ao contrario, é frequente a palavra dos naturalistas que negam a existencia de Deus. Questão, talvez, de telescopio e de microscopio. Ou, mais symbolicamente, hábito de olhar para cima, ou hábito de olhar para baixo..."

Emfim, uma deliciosa collecção de maximas e reflexões, que dão ao leitor a medida do talento de Adelino Magalhães, cuja bagagem literaria já é bastante apreciavel.

Cid Corrêa Lopes — A RECONQUISTA DO PODER — Ariel, ed. — Rio — 6$

AINDA um volume acerca do movimento revolucionario de 1932. O autor, que escreve com ardor e facilidade, defende o ponto de vista dos que combateram S. Paulo. Certo ou errado, o autor tem a virtude de confessar: "Ao concluir este livrinho, onde reponta a nossa sinceridade e o nosso patriotismo, não diremos que fomos imparciaes porque, como personagens, tomámos parte nos acontecimentos, e a alma humana é imperfeita para impedir que a paixão não a empolgue." Obra de moço.

Julio Hauer — A DESINTEGRAÇÃO ATOMICA — Ed. Alba — Rio — 5$

TRATA-SE de um estudo critico de valor, cuja leitura desperta vivo interesse. Os capitulos do volume são os seguintes: *O problema da desintegração; Experiencias sobre a desintegração; O papel do helio nas desintegrações; As leis da desintegração; Modelo teórico da série do uranio; O "fim" do radio, e o chumbo; As outras séries e a isotopia; Transformações seriadas; Desintegrações artificiaes; Conclusão.*

O livro contem uma série de gravuras explicativas, e a parte material é excellente.

Veiga Miranda — IMBITUBA — Ed. Alba — Rio — 5$

IMPRESSÕES de uma excursão a Santa Catharina, esse lindo pedaço do sul do paiz, eis, em synthese, o livro.

Imbituba é um porto que surge, devido á energia moça de Henrique Lage. Ali, o grande armador brasileiro criou um formidavel empório de trabalho. O sr. Veiga Miranda, enthusiasmado com o que viu, aproveitou as notas de viagem para escrever um livro util, cuja leitura desperta o maior interesse. Diniz Junior abre o volume com um prefácio vigoroso, evocativo, esboçando em largos traços a personalidade do autor.

Mario Poppe

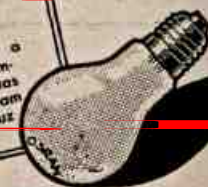
"VIAGEM DE GALA"

(Conclusão)

Estava sanada a difficuldade e, em seguida, Vera e Zoe integram-se no ambiente de bordo. No dia seguinte, Alan fazia o seu passeio pelo convez, quando se encontra com Laurie Marlowe (Helen Mack), um typo formosissimo de mulher. Elle fica impressionado com o perfil puro, heraldico, que ella mostrava. Embora pouco ou nada conhecesse da gentilissima viajante, presentiu que era um desses typos de graça e pureza impostos ao culto de todos.

Pela primeira vez na sua vida, sentiu-se interessado, realmente, por uma mulher. Comprehendeu, antes mesmo de trocar as primeiras palavras com Laurie, que ella poderia ser, perfeitamente, a mulher suprema, definitiva, que o escravizasse. Quiz fugir, mas não encontrou, em si, forças humanas que o libertassem do encanto. Approximou-se e, insensivelmente, por um impulso immediato e irresistivel, ambos mergulhavam na doçura de um idyllio inesquecivel. Começava o romance...

Pete observa as attitudes de Alan e acredita na necessidade de uma intervenção que o afaste de Laurie. Assim sendo, combina uma farça com Anna Rader (Greta Nissen) e faz com que esta se occulte no camarote. Em seguida, Pete attrahe Laurie que vê a sereia na cabine do bem amado. Laurie fica desesperada e passa a considerar Alan um simples devasso, um caçador de emoções, sem qualquer cunho de generosidade e incapaz de um sentimento perenne. Dest'arte, começa a evital-o e não o vê mais até que chegam ambos ao seu destino. Alan está intrigadissimo e sem saber como explicar a attitude de sua amada. No desembarque, Laurie consegue evital-o, ainda uma vez, embarcando num automovel. Nessa perseguição, elle passa por Santa Barbara, Riverside, Yosemite, Lake Arrowhead, Los Angeles, Del Monte e Palm Springs. Nas pausas da sua angustia, vê, através as janellas do automovel, o desdobramento de paizagens inesqueciveis, o recorte de praias luminosas, a sombra de cordilheiras azues. Por ultimo, Alan alcança Laurie. Ella tem a face molhada de lagrimas, estrellejantes. Com tremores na voz, elle supplica que justifique a sua esquiva. O desespero venceu Laurie, e ella chora por longo tempo. Julgava irreparavel o caso e derramava lagrimas sobre a melancolia dos proprios sonhos abatidos. Como Alan continuasse pedindo uma palavra reveladora, ella contou, já irritada, que vira uma mulher alegre sahindo do seu camarote. Então elle comprehende tudo. E fez ver que se tratava apenas de uma farça preparada por Pete.

Laurie tem uma especie de alleluia em todo o ser. E recomeçou a chorar. Esta vez, porém, era o pranto da felicidade. Elle a estreitou nos braços. E, suavemente, num silencio de adoração, foi bebendo, uma a uma, todas as lagrimas da bem amada...

PHILOSOPHIA DE CACHORRO

SOU um cachorro intelligente. Graças a Deus... Muitos acharão que um cachorro não pode e não deve ser philosopho. Não penso assim. Os pensamentos que brotam do cérebro de um cão podem ser mais elevados que os oriundos da cabeça de um homem.

* * *

Ha cães de todos os feitios. Raro, porém, é aquelle que sabe onde tem o focinho.

* * *

Muitos homens procuram os amigos entre os seus semelhantes. Acertariam mais se procurassem entre os cachorros.

* * *

Não sou casado. Considero o casamento uma instituição anachronica, feita somente para os homens honestos.

Na sociedade dos cães, o amôr deve ser livre como o ar que respiramos.

* * *

Si os homens soubessem que existe o deus dos cachorros, não espancariam impiedosamente os cães famintos.

* * *

Na Inglaterra existem cemiterios para cães. O Brasil devia seguir o exemplo da velha Albion, construindo tumulos para o nosso eterno somno.

Talvez os nossos legisladores ainda pensem nestas coisas.

Muito confio na Constituinte e nos futuros paes da patria.

* * *

A vida tem sido para mim um osso duro.

Eu faço da minha dôr meu grande poema.

* * *

Alguns homens que se dizem sabios, julgam mal os cachorros, costumando dar-lhe pontapés.

* * *

A minha alma está cheia de coisas elevadas. Sou, não ha duvida, um cachorro philosopho. Para educação dos meus semelhantes, escrevo estas maximas.

* * *

O cachorro vrdadeiramente feliz é aquelle que não acredita na felicidade, deixando assim de correr precipitadamente atraz della.

* * *

Tudo que se obtem não vale. O osso que um dia, em ansias, a gente alcança, fica sendo, apenas, depois do momento lindo da volupia, uma sombra do osso idealizado.

A realidade é sempre triste.

PAULO FREITAS

O UNICO AMOR DE CASANOVA

ESTÃO ainda vivas, na memoria de todos, as tormentas da ultima revolução hespanhola. Contam as chronicas que, entre as coisas de grande valor que desappareceram, tambem foi destruida, em parte, a notavel bibliotheca do visconde Ramiro de Velaz, por correr fama de que lá estivessem escondidos documentos de subido alcance para os revolucionarios.

Perderam-se assim muitas obras rarissimas e manuscriptos de importancia, entre os quaes um grosso fasciculo de cartas assignadas por nomes illustres assim como os *in-folios* recatados, que constituim uma fonte de noticias interessantes sobre os vinte e nove annos de reinado de Carlos III, ou seja, sobre um dos periodos mais curiosos da historia de Hespanha e do mundo.

Ferninando VI morria após alguns mezes de reinado, deixando o poder ao irmão Carlos III, que subia ao throno em 1759, animado dos mais deslumbrantes projectos para o engrandecimento de sua Patria. Alliou-se immediatamente á França para mover guerra contra a Inglaterra, que estava, naquelle tempo, fundamente empenhada em formar o seu vasto patrimonio colonial. Foram numerosas as guerras, com victorias e derrotas alternadas, acabando com o triumpho final da Inglaterra, que lográra augmentar assombrosamente o numero das suas colonias, embora as ratas financeiras do rei Jorge servissem de estimulo á revolta norte-americana, que realizou, emfim, a sua prospera independencia por ter aniquilado o jugo britannico. A Hespanha foi de rastão, cahindo então na mais catastrophica decadencia, não somente pelas victorias das armas inglezas, mas tambem pelo successo das intrigas diabolicas urdidas pelos *machiavels* da côrte de Inglaterra, como se lia justamente no precioso fasciculo que se perdeu agora.

Principalmente interessantes eram certas cartas que desvendavam os mysterios da politica secreta da Inglaterra, e nas quaes se relatava tambem o papel importante que representou Giacomo Casanova, uma das personagens mais romanescas daquelle tempo.

* * *

Uma noite do mez de agosto de 1772 chegava Casanova em Madrid, após uma viagem cheia de perigos. Vinha elle a Madrid incumbido de uma missão secreta e delicadissima, que o proprio rei Jorge lhe confiára. O celebre aventureiro já tinha completado 47 annos de idade e, si bem que estivesse um pouco arrefecido o fogo dos galanteios que o tornára tão famoso, estava ainda no pleno poder da reputação que havia ganho cultivando as relações mais desencontradas. Adulado e adulador, servo e patrão, hoje querido e amanhã enxotado, elle sabia manter-se com bravura, aproveitando-se das mais surprehendentes intrigas.

Depois de tantas peripecias e de haver lutado com unhas e dentes para sahir da mediocridade anonyma em que nascêra, elle estava emfim muito perto de chegar ao cume maximo de sua extravagante carreira.

Até a potente Inglaterra recorria aos seus prestimos. O gabinete negro de Londres confirára-lhe um encargo tão difficil quanto confidencial.

A cubiça do triumpho ampliava o animo desse homem singular e o orgulho cortava-lhe quasi a respiração — chegou noite escura a Madrid. Pulou da berlinda e gritou para dentro da estalagem:

— Olá! Aprompte um bom quarto no fundo da casa, onde eu não veja nem ouça ninguem! Estou estafado. Preciso dormir.

Quando se viu em segurança, fechado no seu quarto isolado, tirou do esconderijo no fundo da mala uma folha de papel onde estavam traçadas, em poucas linhas, as ordens que devia executar na capital da Hespanha. O encargo era difficillimo, mas claro.

Era mister apoderar-se de certos documentos secretos relativamente á defesa militar da Florida que estavam em poder do conde Torres, general hespanhol. D. Torres, descendente directo de Luiz Torres, audaz navegante, que em 1605 descobriu e conquistou a Nova Guinéa para o seu paiz, era o maior confidente do soberano hespanhol, o rei Carlos III. Seria necessario entrar nas graças do homem, ser facilmente acolhido no luxuoso palacete do immenso senhor, e depois...

Depois, Casanova acharia certamente as artimanhas precisas para roubar os documentos que estavam tanto ao peito dos generaes inglezes. Poz em campo dois amigos poderosos. O pintor Meng, celebre retratista, acolhido nos circulos fechados da mais carrancuda aristocracia hespanhola e o Squillace, o astuto napolitano que tinha chegado a ser ministro das Finanças hespanholas.

* * *

Mas é principalmente a sorte que protege os audazes. Trez dias depois, o esperto Casanova já estava informado de muitas coisas interessantes. Sabia, além do mais, que o general conde Torres tinha uma unica filha. Uma rapariga feia e que por isso mesmo estava sedenta de amor... Um sorriso sarcastico de triumpho torceu os labios do aventureiro.

— Uma mulher feia? Por que não? Por uma vez póde-se fazer uma excepção. Vamos a ella. Aos 47 annos, um homem da sua tempera anda não esqueceu certa...

O pae (*ao pretendente á mão de sua filha*). — Sinto muito, mas, no momento, o senhor não me convém para genro. Em todo caso, póde deixar o seu endereço, pois si não apparecer outro melhor...

De Itala Gomes Vaz de Carvalho

mente, as artes da mais apurada seducção. Seria a propria filha do general que serviria de agente para fazêl-o chegar a seus fins, e o astuto Casanova ja imagina apertar em suas mãos os famosos documentos.

Chega emfim o dia suspirado em que, graças aos amigos, elle consegue entrar nos sumptuosos salões do Palacio Torres. E' um deslumbramento! Seu nome, envolto numa aureola de lenda dourada, o brio incomparavel, a finissima habilidade de homem soberbamente mundano o tornam hospede muito ambicionado e quando, bem tarde na noite, elle deixa emfim o palacio Torres, vae com a certeza de ter sido o triumphador do brilhante sarau.

Num quarto do austero palacio, uma moça feia não consegue dormir. Deante de seus olhos encantadores está fixada claramente a figura do irresistivel cavalheiro, embora já maduro, que soube murmurar-lhe palavras jámais ouvidas até então.

O timbre daquella voz harmoniosa resôa sem cessar aos seus ouvidos e ainda vê as pupillas penetrantes envolvendo-a toda como numa caricia de fôgo. Passa um mez... um longo mez, em que diariamente Casanova frequenta o palacio do conde. Já era largo espaço de tempo em que poderia ter agido. Mas elle não se podia decidir. Sabia bem, no emtanto, que a filha do Torres só vivia, só pensava e só agia por elle. Josepha estava perdidamente enamorada do habilissimo aventureiro.

Josepha era o nome feio de uma pobre pequena, mulher feia, cujo coração só palpitava por Giacomo Casanova.

Josepha... Josepha é um nome qualquer, sem elegancia, nem historia illustre, que poderia facilmente ser banal, mas que aos olhos do aventureiro cynico se tornou subitamente ninguem sabe porque, muito diverso de todos os outros nomes de mulher que lhe encheram a vida.

Josepha... Trez syllabas melodiosas que elle acariciou, soletrando-as com carinho, emquanto esmagava sua bocca contra uma grossa trança de cabellos negros. Lembrava-se bem que, ao sussurrar aquelle nome, sentira na garganta a impressão de uma caricia avelludada. As mãos tremiam-lhe, assim como a voz, e algo de novo, de infinitamente doce apertava-lhe o coração... aquelle velho coração de aventureiro.

Mas a Inglaterra esperava, implacavel, o bom exito da grave missão que lhe confiára. A missão que elle tanto ambicionou e que significaria o almejado triumpho de sua bizarra existencia.

— Coragem, velho Casanova. Tu, que dilaceraste sem piedade tantos corações, não saberás hoje resistir ás palpitações do teu? Coragem! A victoria está ao teu alcance! Basta uma palavra e Josepha te obedecerá cegamente!... Essa Josepha tão feia, que todos recusaram. Lembra-te que acaricias-te as mais bellas damas da Europa; que ouviste os soluços de uma imperatriz... E hoje tremes covardemente deante da insignificante filha de um soldado hespanhol?!

Mas o amor é um insondavel mysterio.

* * *

A catastrophe não se fez esperar. Cento Richard, do serviço secreto francez, de ha muito tempo suspeitava das visitas tão frequentes de Casanova, tanto mais porque alimentava o projecto de casar com Josepha, a riquissima herdeira do conde. Descobriu o namoro dos dois, assim como a razão exacta da permanecia do Casanova em Madrid. Colheu provas e revelou tudo ao general Torres, que, em signal de gratidão, lhe concedeu a mão da filha. Dois corações atrozmente apunhalados. Giacomo Casanova, o brilhante aventureiro, vergonhosamente desmascarado, fugiu, desesperado, da capital hespanhola, onde havia emfim conhecido a incomparavel docura de amar! Tudo desmoronou ao redor delle; estava batido e nem ousou mais voltar a Londres, onde sonhara entrar como triumphador. Mas o que mais o cruciava era a impressão falsa que deixára na alma de sua bem amada, antes de partir, escreveu a Josepha uma carta estranhamente timida para um homem de tal envergadura.

"26 de outubro de 1773... Tratastes-me com desprezo a ultima vez que tive a honra de estar ao vosso lado! O desprezo offende mesmo aos philosophos, senhora, e suggere aos desprezados a tentação da vingança! Esse, porem, não é o meu caso — ou antes, vingar-me-ei multiplicando o respeito que vos devo."

* * *

E' uma tarde de outubro. Chove. Curvo, o andar tropego, Giacomo Casanova sobe com difficuldade os degraus da diligencia que o levará além dos Pyrineus, e vae esconder-se no canto mais obscuro do carro. Ninguem reconheceria naquelle senhor tão cançado o petulante cavalheiro que chegára havia tão pouco tempo a Madrid, sedento de gloria e de triumphos. Como mudára tão rapidamente!... O tinir dos guizos das colleiras dos cavallos, impacientes de partir, resôa na bruma do crepusculo como uma risada de escarneo! Alguns minutos depois, o carro passa entre o arvoredo do bosque que se estende até as terras dos condes Torres. As ramadas, já sem folhas, deixam entrever, ao longe, o palacio... Madrid! Josepha! O aventureiro deixa, emfim, cahir sobre o peito a cabeça altiva. E chora...

— Mostrei a papae os versos que me mandaste.
— Que disse elle?
— Ficou contente por verificar que eu não me iria casar com um poeta...

O AUTOMOVEL

— COMPRO ou não compro automovel? Eu acho que devo comprar... — dizia o marido.

— Será bom que compre? Eu acho que não... — retorquia a esposa.

Nesse tom, falavam discutiam.

O homem ambicionava possuir o vehiculo moderno, e apontava e descrevia as vantagens resultantes.

A senhora discordava, fazendo vêr que ha perigos immensos no uso daquelle meio de locomoção.

Tornava-se difficil um accôrdo entre o casal.

Afinal de contas, entre elles, nunca houvéra identidade de opiniões, e nem de desejos.

* * *

O sr. Ramalpho manteve-se inabalavel no seu ponto de vista e na sua idéa. Queria e queria ter um carro typo novo, excellente, esplendido.

Fez negocio com um, na agencia daquella cidade onde elle e a consorte residiam. Seis contos e tantos mil reis.

* * *

O sr. Ramalpho Arruda teve de aprender a guiar, com um motorista da praça. Aprendeu.

* * *

Aconteceu, então... Ah! manobra fatidica! Excedia-se o "chauffeur" estreante em esforços possiveis para que o carro se desviasse de um ébrio, em plena rua central. Neste lance, eis que a machina apanha uma menina que por ali ia passando, uma linda menina, de traje modesto, que levava a marmita contendo o almoço do pae, velho machinista de estrada de ferro... A menina morreu instantaneamente.

* * *

O novel automobilista pagou uma fiança de quinhentos mil réis e esteve preso durante tres mezes.

* * *

— Vou vender este maldito trambolho! — bradava o marido.

— Eu não disse que não devia comprál-o? Você teimou... — ponderava com azedume a mulher.

ASSIS MORAES

— Animo, homem! Lembra-te de que recebes vinte por cento da receita!

— E'... E, tambem, noventa e cinco por cento dos soccos!...

O NOME E A MARCA

TEXACO

Peça nos Postos Texaco, um Mappa Texaco de Estradas de Rodagem.

SÃO A GARANTIA DE SATISFAÇÃO, SEGURANÇA E ECONOMIA NA MANUTENÇÃO DO SEU AUTOMOVEL E IDENTIFICAM

GASOLINA TEXACO
que forma Gas Secco

TEXACO MOTOR OIL
Mais Duravel, Mais Resistente.

TEXACO LUBRIFICAÇÃO ESPECIALIZADA. O systema moderno de lubrificação do chassis.

OS POSTOS DE FLAMENGO E COPACABANA TÊM GARAGE PARA ESTADIA.

A OBSESSÃO

— DOUTOR! — supplicou o senhor Tardieu — Diga-me a verdade!

— Francamente, querido amigo...

— Sim, quero saber! Hontem á noite, quando perguntei a minha esposa o que lhe havia dito o senhor, ella me respondeu com evasivas, com meias palavras...

— Não podia dizer-lhe nada de positivo, pois eu tambem nada lhe adeantei.

Então é grave? — balbuciou.

O especialista alisou, com os dedos, sua barba negra e, dogmatico como sempre, declarou:

— O caso não é realmente alarmante... No emtanto, se trata de um estado que requer serios cuidados... Sua senhora não apresenta nenhuma affecção caracterizada, mas atravessa uma phase intensa de nervosismo, que exige as maiores precauções, uma continua vigilancia...

— Vigilancia! — repetiu Tardieu, impressionadissimo.

— Sim... Sua esposa está sob o dominio de uma terrivel neurasthenia... Manifesta a mania de perseguição. E pouca distancia ha entre isso e...

— E que, doutor?! — interrogou Tardieu, ansioso e pállido como a morte.

— O suicidio!

A palavra cahiu como uma martellada na cabeça do desditoso homem. Ficou por um momento com os hombros baixos. Depois, meio tonto ainda, se despediu do medico.

Na rua, tratou de recuperar sua presença de espirito, afim de, tranquillamente, considerar a situação. Sentia-se aniquilado. De sorte que — conjecturou — após quinze annos de vida conjugal, durante os quaes não surgira entre os esposos a menor dissenção, a mais leve sombra de desgostos, Elvira pensava... pensava em pôr termo á existencia! Elle fizéra o possivel para que ella vivesse feliz, assegurando-lhe uma existencia cheia de commodidades, cercando-a de attenções, testemunhando-lhe uma completa fidelidade... Que razão de queixa podia, pois, ter ella delle?

— Por que levas sempre essa mulher em tua companhia, quando vaes caçar?
— E' para inspirar confiança ás victimas, pois ella pertence á Sociedade Protectora dos Animaes...

Ao regressar á sua casa Tardieu procurou simular uma perfeita tranquillidade. E, dahi em deante, redobrou as gentilezas, o affecto, os mimos que dedicava a sua esposa. Esta, porém, á medida que augmentavam as solicitudes e os carinhos, mais irrascivel e melancolica se tornava. E quanto mais taciturna a via, mais elle se esforçava na sua dedicação e na sua doçura, sem perceber que, com sua forçada attitude, lavrava a infelicidade de ambos. Essas subtilezas escapavam a seu bom senso, a seu humilde coração de marido amoroso e abnegado.

O receio de que Elvira se suicidasse lhe martyrizava a existencia.

Sua vida era uma continua ansiedade e um continuo martyrio. Ante as attitudes languidas e sombrias de Elvira, elle se desesperava. Fazia tudo para arrancar-lhe a confissão de sua tragica idéa. Mas ella permanecia silenciosa, prostrada, como que entregue a seu inevitavel destino.

Tardieu daria todo o seu sangue, sua propria alma, para salvál-a. Passava o dia inteiro pensando em punhaes, venenos, cordas com laços escorregadios, e, á noite, não sonhava com outra coisa... E nada mais triste do que o espectaculo daquelles dois sêres que se adoravam e morria um pelo outro... Uma tarde, retido no escriptorio por um cliente, Tardieu voltou á sua casa mais tarde do que de costume. Era precisamente o

De Albert Teneuille

dia de folga da criada. O apartamento, ás escuras, silencioso, produziu-lhe, ao penetrar nelle, uma impressão cruel. Com a cabeça transtornada, com o presentimento de que a tão temida desgraça se houvesse consumado, o homem se precipitou de aposento em aposento. A sala de jantar, a cozinha, o quarto de dormir e o quarto de vestir estavam desertos... Só faltava a sala para elle revistar. A porta estava entreaberta. Approximou-se. Passou a mão pela cabeça banhada de suor... e tratou de fixar na mente o horroroso quadro que havia de se lhe deparar. Afinal, empurrando a porta... e teve, para não cahir, que se apoiar num movel.

Numa poltrona, com a cabeça pendida para traz, uma larga lamina de aço entre os dedos e um mancha vermelha no pescoço jazia, aos olhos do marido, a senhora Tardieu, livida, inanimada, envolta na penumbra da habitação. A seus pés estava um livro aberto.

O desgraçado soltou um grito de horror e desespero:

— Elvira!

A esposa estremeceu, abriu os olhos e, assustada, perguntou:

— Que é? Que aconteceu?

— Nada, meu amor, nada... Loucura minha... Francamente, não sei...

E Tardieu abraçou-a febrilmente, e a beijou, como si realmente sua esposa houvesse resuscitado. Comprehendeu, então, seu engano: o somno subito, que dominára a sua esposa, emquanto lia, e o corta papeis, que tanto se assemelhava a um punhal, a mancha vermelha no pescoço — mancha que era apenas uma petala de rosa cahida de um floreiro que estava ao lado da poltrona... E elle chorava e ria ao mesmo tempo, sem que sua esposa adivinhasse o motivo daquella commoção. Nunca elle havia experimentado uma alegria tão grande!

A imagem da catastrophe ficou, porém, gravada no espirito daquelle homem. Desde então, a cada momento se lhe representava o espantoso espectaculo. A obsessão se apoderara delle. No emtanto, sua esposa ia melhorando, e nada indicava que pretendesse pôr em pratica seu sinistro projecto. Seguia escrupulosamente o regimen do medico, e começava a comprehender que devia reagir, por si mesma, por seu marido.

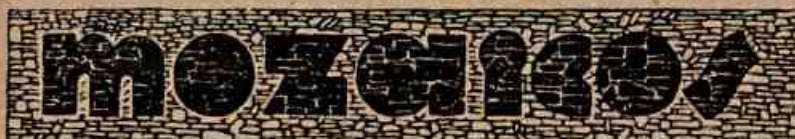
A's occultas, quiz experimentar um novo tratamento. Mas, em tudo o que ella fazia, seu marido via, unicamente, a simulação, a intenção de preparar o "golpe" definitivo. Tornou-se indifferente a tudo o que não fosse "aquillo". E na persistencia de seu olhar brilhavam scentelhas de loucura...

Elvira, entretanto, continuava seu tratamento. Notava uma sensivel melhora, e saboreava antecipadamente o ditoso momento em que pudesse dizer a seu companheiro que se achava completamente curada...

Um dia, depois da consulta medica, e das affirmações do facultativo, que não admittiam duvida, a senhora Tardieu viu chegado o momento que tão ansiosamente esperava. Entrou em sua casa radiante, alvoroçada de jubilo.

— Que grande noticia, meu amor! — foi logo dizendo a seu esposo. — Estou cura...

Não concluiu a palavra. Tardieu jazia estendido sobre tapete, morto, com uma pistola ao lado. De sua fronte brotava um fio de sangue. O desgraçado não pudéra resistir á terrivel idéa de que sua esposa se suicidaria quando menos elle esperasse. E a obsessão lhe havia armado a mão.

FORÇA DE HABITO — O marido, (cochilando, não percebe que é sua propria mulher quem está sentando-se sobre seus joelhos) — "Prezados senhores: Accuso o recebimento de sua estimada, datada de..."

Em uma universidade de Nova Escocia realizou-se, com grande exito, notavel experiencia: tiraram o coração de um gato, substituindo-o por um artificial, de gema, que funccionava electricamente. O animal viveu varias horas com o coração artificial, o que veiu abrir novos caminhos á uma série de interessantes investigações scientificas.

* * *

As partes do corpo humano guardam entre si uma proporção exacta. Assim, o tamanho do rosto é, geralmente, igual ao comprimento da mão. Sabe-se, tambem, que a altura de uma pessôa é, mais ou menos, igual á medida existente entre as pontas dos dedos, de uma a outra mão, mantendo-se os braços bem distendidos, horizontalmente.

* * *

As mulheres nascidas no inverno e no outomno crescem menos que as nascidas na primavera e no verão. Geralmente, as mais altas são as nascidas em fevereiro.

* * *

De todas as regiões habitadas da terra, o logar mais frio é a provincia de Werchojansk, situada a éste da Siberia. Nos dias mais quentes do anno o thermometro marca dois gráos abaixo de zéro...

* * *

Os tigres e os leões correm tanto quanto um cavallo veloz.

Ao cabo, porém, de uma carreira de 1 kilometro, perdem o folego, pois essas duas féras têm os pulmões pouco resistentes.

* * *

Dos proverbios chinezes mais conhecidos, este encerra grande sabedoria: "Uma molestia inquieta mais que uma dôr. Um mosquito atormenta mais com o seu zumbido que pela dôr causada por sua picada. Uma bofetada nos dóe muito mais moralmente que physicamente."

* * *

O uso dos tambores nos exercitos data do seculo XVIII. No principio certos preconceitos impediram tal uso, pois, os janizarros, renegados christãos ao serviço dos turcos, foram os primeiros soldados que marcharam ao som do tambor. Não obstante, a moda foi copiada pelos austriacos, e, logo depois, pelos francezes e prussianos.

* * *

As pessôas mais entendidas em trabalhos de agulha são as mulheres russas e os homens japonezes.

* * *

Os hollandezes affirmam que em seu paiz ha, proporcionalmente, uma vacca para cada habitante.

* * *

Existe no Vaticano uma Biblia manuscripta, em hebreu, que é considerada a maior do mundo.

Pésa mais de 145 kilos.

* * *

A aguia póde viver vinte e oito dias sem alimento, e o condor, nas mesmas condições, resiste até quarenta dias.

* * *

Já houve quem propuzesse usarmos a cratera do Vesuvio como forno crematorio de todos os cadaveres do mundo.

Um homem que não mentia...

ERA um desses homens voluntarios, energicos, cheios de orgulho e de milhões de dollars, que adquirem castellos como qualquer um de nós compra uma caixa de phosphoros e alugam um trem especial como quem toma um *taxi*.

Chamava-se Tom Hottphar.

Aconteceu que fui convidado, não sei por que, a jantar em sua casa. Eramos umas trinta pessôas; terminado o jantar, passámos ao "fumoir" para tomar o café. Espalhados pelo amplo salão em pequenos grupos, conversavamos a meia voz, quando Tom Hattphar, deante do fogão, gritou com um tom que mais parecia ordem do que pedido:

— Um pouco de attenção e silencio, meus amigos! Vou contar-lhes uma coisa interessante.

As conversas foram cortadas e nos aproximámos delle.

— Minha narração — disse-nos — não será longa, porém necessito não ter interrompido. Nada me aborrece tanto como isso.

Comprometemo-nos a permanecer mudos, e Tom Hattphar começou:

— A historia é realmente engraçada; passou-se ha alguns annos, em Chicago. Todos os que intervieram nella estão mortos, especialmente James Paddock, um antigo jockey, cujas loucuras são innumeraveis.

— Perdão! — interrompeu alguem.

Tom Hattphar virou-se, furioso, para o atrevido.

— Não me córte a palavra!... Já disse, que é coisa que não posso tolerar...

De Jean Bonot

Mas o outro insistiu; este era tambem um americano, chamado Johnston.

— Permitta-me, caro amigo, interrompêl-o; quero rectificar um erro que commetteu.

— Nunca me engano!

— Enganou-se, dizendo que James Paddock morreu.

— Não senhor. Estou bem informado e affirmo que James Paddock está morto.

Johnston replicou:

— Está tão morto que justamente esta manhã o vi nesta rua.

Tom ficou perplexo.

— Está certo de o ter visto?

— Perfeitamente, Tom.

Este, livido de raiva, não soube o que responder, e, passado um instante, disse, dirigindo-se a nós.

— Senhores, sinto muito este incidente, porém, depois do occorrido, não posso continuar minha narração. Falo-ei amanhã com mais calma, e peço a todos que venham á minha casa ás seis e meia em ponto. Conto comtigo, Johnston.

E sahiu da sala, visivelmente contrariado.

....

No dia seguinte, muito intrigados, voltamos á casa do americano. Uma surpreza nos esperava... Qual seria a vingança que ia tomar contra o imprudente que o humilhára publicamente, na noite anterior?

Nossa espera não foi longa. Emquanto nos installavamos no salão em volta de Tom Hattphar, este assim falou:

— A historia que lhes ia contar passou-se ha poucos annos, na cidade de Chicago. Todos os que tomaram parte nella, como disse hontem, estão mortos, especialmente James Paddock, antigo jockey.

— Isto é demais! interrompeu Johnston. — E's um teimoso... Repito que James vive...

— E o que sabe?

— Affirmo que o vi. Digo mais uma vez que hontem me encontrei com elle; portanto existe!

— Pois estás enganado. James Paddock está morto... Garanto que sei, pois esta manhã lhe metti seis balas na cabeça!...

Depois, satisfeito de ter razão, Tom acabou sua historia e foi á policia pôr-se á disposição da justiça.

— Por que está tua mulher tão zangada?

— Porque deu cem mil reis para uma casa de caridade, "com a condição de não publicarem" o seu nome, e não o publicaram mesmo.

UMA TEMPORADA NO CAMPO

FERNANDO SIQUELET, coberto pelo que elle chamava um pyjama, e que consistia em um velho par de calças e uma blusa fóra da moda, beijou, timidamente, a face de sua esposa adormecida.

— Mathilde — disse-lhe — acabo de receber uma carta.

A senhora Siquelet tinha o costume de adormecer languidamente, mas não por muito tempo. Primeiro, olhou seu companheiro com uns olhos envoltos em sonho; depois, com olhar sombrio, e, afinal, se sentou no leito, dizendo-lhe, violenta:

— E não podias despertar-me antes de abril-a?

Ella sentia o pequeno instante de breve curiosidade, tão agradavel áquelles que não têm costume de receber cartas, o exame minucioso do subscripto: "De onde vem?... De quem póde ser esta carta?..."

Fernando, porém, não se prestava a filtrar as alegrias ineditas. Era grosso, volumoso, burguez, detestava o imprevisto e vivia no repouso, como os fosseis...

— Adivinha, si pódes o que ella contém.

— Não no sei... E olha: tu me aborreces!... Ouviste?

— Ha um convite para irmos ao campo!... Ouves? Um convite que nos fazem os Manidoux. Ouve...

E leu:

"Meu querido amigo.

"Hontem, estavamos, como todos os dias, em nosso jardim, que é feerico nesta época do anno, quando todas as flores parecem dizer-nos: "Esperem um pouco, que os fructos já virão". A belleza antes da realidade. Como vês, depois que começámos a viver em plena natureza, eu me senti poeta. Mas, si nossos meios nos permittem viver durante seis mezes do anno longe dos omnibus, isso não nos impede de pensar em nossos amigos da rua Paradis-Poissonière. Minha mulher me fez sentir que vocês não tinham nem cheiro de primavera em seu quarto. Conheço as primaveras de Paris, com seus borrachos nas veredas dos cafés. Numa palavra: temos aqui, nós outros, crepusculos... E não te digo mais, porque vocês podem verificar "de visu" tudo o que ha de esplendido nestes tres pontos suspensivos. Venham respirar o ar embalsamado. Esperamol-os e não acceitaremos nenhuma negativa. Offerecemos-lhes uma semana de perfume. Apressem-se, pois. Toda vez que uma petala cáe ao solo, pensamos commosco: "Uma petala que os Siquelet não aproveitarão."

— São muito amaveis! — murmurou a senhora Siquelet, enternecida — A idéa é delle. E' um pouco estupido, mas nem por isso deixa de ser uma bôa pessôa. E estou quasi segura de que nos convida a ir vêl-os porque muito se deve aborrecer com o camello de sua mulher. Partiremos amanhã.

Viajaram toda a tarde e parte da noite e cahiram, afinal, numa aldeia que lhes recordava os arredores de Paris. Manidoux recebeu-os como si recebem salvadores. Sua mulher mostrou-se mais reservada. Era uma mulher alta, branca, débil e de cabellos claros, emquanto que a senhora Siquelet era baixa, gordinha e morena. Fizeram-nos jantar e depois os levaram a um quarto que cheirava a cretone e sabão. Antes de deitar-se, o casal se debruçou á janella.

O empregado (descontente). — O meu ordenado não é o que deveria ser, seu Domingos.
O patrão. — Disso sei eu. Mas, si o fosse, já terias morrido de fôme, ha muito tempo.

— E' lindo, apesar de tudo, o campo — disse a senhora Siquelet, — mormente quando não se vê nada e a gente póde imaginar o que julgava melhor. Que a empregada não se esqueça de dar de comer ao nosso gatinho, e tudo estará muito bem!... Como se respira bem! Tu viajaste de guarda-pó?... São muito bons os Manidoux, apesar de tudo. Carlota quiz sorrir. Viste?... Faz o que póde; mas são apparencias, apenas... Intimamente, juro como está contente de poder olhar-nos de cima.

— Crês tu? insinuou Siquelet.

— Fala em voz baixa quando tiveres coisas desagradaveis para dizer! — Ordenou Mathilde. — Seria encantador que nos ouvissem! Quanta tristeza! Por oito dias, vá. Passam depressa. Mas eu não poderia viver seis mezes aqui... Morreria de tédio, de melancolia. Ha um animal que faz um ruido mortificante.

Nisto, ella fechou a janella e não se surprehendeu com o beijo pouco habitual, no qual Fernando poz toda a febre que devem sentir dois esposos depois de olhar, unidos, da janella, o mysterio estremecedor de um jardim...

A's seis da manhã, a criada trouxe-lhes café com leite. Mathilde, então, se sentiu lyrica:

— Recebeu-nos muito bem, não se póde negar! Viste que leite?... E que abundancia!... Que bôa manteiga!... E o pão era maravilhoso!

A's seis e meia, Manidoux bateu rudemente, á porta.

— Estás prompto?... Quero que vás pescar commigo.

— Nunca pesquei — balbuciou Siquelet. — As Iscas me repugnam e o pescador me causa piedade...

Deante, porém, da insistencia do amigo, não teve outro remedio si não resignar-se e acompanhal-o. A's sete da manhã apparecia-lhe Manidoux, vestido de pescador e com as mãos carregadas de instrumentos de pesca.

— Vamos, homem! Partamos! Vou mostrar-te uma pesca como nunca terás visto...

Emquanto caminhavam, Siquelet manifestou o commovido agrado que lhe tinha causado a recepção affectuosa e immensamente captivante feita a elle e a sua esposa, mas declarou que entre velhos amigos não era necessario andar com cerimonias e que elles estariam mais á vontade si Ma-

De Henri Duvernois

nidoux consentisse em receber delles uma pequena indemnização: "A comida, numa palavra, para que não se dissesse que estavam completamente nas suas costas."

Manidoux protestou e affirmou que tão longe de Paris os viveres não custavam quasi nada. Mas o outro insistiu, e elle acabou cedendo.

— Pois bem: dar-me-ás um franco e meio por dia. Estás satisfeito?

Com grande surpreza de Fernando, em vez de se dirigir para o rio, entraram nos confins da aldeia, num dédalo de ruas ingremes.

— Levo-te a uma pesca pouco commum — repetia Manidoux, satisfeito.

Subito, se deteve deante da porta de um café que tinha este letreiro na fachada: *"Estaminet Lantaneux"*.

Abriu a porta e empurrou para o interior seu companheiro. Ali encontraram outros tres "pescadores" que haviam posto de lado seus apparelhos, e que estavam preparando fichas de osso, de papelão e de botões. Misturavam cartas, e manifestaram grande satisfação com a chegada dos dois amigos. Siquelet comprehendeu tudo, então. Ali estava a chave do mysterio. Todas as manhãs, desde que o dia clareava, fugindo de suas esposas com o pretexto de pescar, e durante tres horas seguidas, se entregavam aos prazeres do pocker. O dono do café procurava-lhes os pescados que elles tinham que levar para casa... Estes senhores jogavam numa sala reservada, longe de todos os olhares indiscretos.

E Siquelet perdeu sessenta francos, sem alegria. A' noite, Mathilde mostrou-se encantada.

— Si nos convidassem para ficarmos uma quinzena, não hesitariamos. Ao menos aqui Carlota é supportavel. E nos tratam realmente. Nunca comi uns guisados melhores. E, depois, gosto muito dos vinhos que têm...

— Mecha... — começou Fernando.

E a esta palavra terna, que seu esposo só usava quando tinha alguma coisa de que se arrepender — a esta palavra, Mathilde se ensombreceu e ficou attenta.

— Mecha — continuou Fernando — eu estou certo de que me approvarás. Propuz a Manidoux pagar-lhe tanto por dia pela comida que lhe consumimos.

— E elle acceitou?

— Sim.

— Quanto lhe vaes pagar? — perguntou Mathilde, com tom, breve, seccamente.

— Um franco e meio por dia.

— Pois não perde nada. E' o que vale.

— Achas, Mecha?... Por tres refeições ao dia...

— Não perde nada, nada... Aqui tudo é barato. Sua mulher m'o disse.

No dia seguinte, a senhora Siquelet examinou com olhos severos o almoço que a empregada trouxéra.

— Senhorita, quer trazer-me um pouco mais de manteiga? E como o café com leite é pouco alimenticio para meu marido, você me fará o favor de trazer-me amanhã uma taça de chocolate e dois ovos quentes.

E, voltando-se para o marido:

— Não te incommodes por pedir, Fernando. Aqui ha um gallinheiro cheio de gallinhas.

Como na vespera, Manidoux veiu buscar Siquelet. E os dois foram ao *Estaminet Lantaneux*, onde Siquelet recuperou quarenta francos dos sessenta que perdêra no dia anterior. Ao almoço, sua mulher fez uma observação a proposito da salada, que não tinha sufficiente carne de carneiro, quando a de vacca era muito mais fortificante. A' noite, revistou a carteira do marido.

— Mechita...

— Jogaste! Confessa-o, que não te farei nenhuma reprovação.

— Si é assim, confesso-te. Joguei...

— Crápula!

Ao mesmo tempo, a senhora Manidoux dizia a seu marido que, deante de uma nova observação da senhora Siquelet, ella lhe diria que quem não quer passar mal não sahe de sua casa.

Manidoux declarou, então, que seu amigo pagava um franco e cincoenta por dia. A mulher ficou fóra de si:

— Não devias acceitar nada, ou então o bastante para pagar os gastos!... Um franco e meio!... Só um miseravel como tu era capaz de fazer isso!... Eu os conheço! Conheço-os muito bem! São capazes de pensar que estamos vivendo á sua custa!

Houve uma ultima refeição tumultuosa. Mathilde fazia allusões ironicas com qualquer pretexto.

— Senhor Manidoux, o senhor, que é pescador, conhece a pesca da phoca?

— Não, minha querida senhora. Como é?

— Vamos!... Vamos!... Mostre seu jogo...

E ella riu a gargalhadas. Como a interrogassem, quiz explicar que essa carne de carneiro de todas as refeições, essa carne de carneiro eterna e fazia rir enormemente.

Então, a senhora Manidoux explodiu:

— Minha querida amiga, si quizer comer bem, vá para sua casa, onde poderá escolher...

Mas, a senhora Siquelet moveu negativamente a cabeça, e disse:

— Não, minha bôa amiga! Não voltaremos por emquanto á nossa casa. Vamos fazer uma viagemzinha a Biarritz. E saiba de uma coisa, que não é dita para offender: quando a gente está disposta a pagar, é preferivel ir ao hotel...

(Continuação do numero anterior)

— Está tudo prompto? perguntou esta.

— Sim, minha senhora. Estão lá todos.

— Pois bem, vigia com cuidado. Este senhor, disse ella apontando para Holmes, é perseguido pela policia. Passará a noite comnosco.

Penetraram depois num estreito corredor, que ia dar a um pateo.

A lady abriu uma porta, penetrou numa segunda sala, desceu uma escada mal illuminada e, defrontando com outra porta, disse para Walker que havia parado atraz della pallido e em silencio.

— Até que emfim chegamos.

A porta abriu-se deixando ver uma sala bem illuminada e bastante confortavel. Ao meio estava uma grande mesa posta, com tudo preparado para uma refeição. Em volta havia bancos onde estavam sentadas meia duzia de pessoas, quatro homens e duas mulheres com os rostos macilentos e tristes.

A' entrada da lady todos se levantaram.

— Viva a liberdade! repetiram em unisono os assistentes.

Holmes relanceou a vista por todo esse estranho quadro. A porta tinha sido fechada á chave sem o menor ruido.

— Meus amigos, trago-vos um homem que como nós é perseguido pela policia. Procurava um asylo e eu recolhi-o. Estou certa de que quando elle souber que ainda esta noite deixaremos a Inglaterra num navio fretado por mim e iremos para a America, nos seguirá, a não ser que estreitos laços o detenham.

— Nada me prende, respondeu Holmes com voz calma, sentir-me-ei feliz em fazer a viagm em tão excellente companhia.

— Muito bem, replicou a sra. Likeness. Como se chama, senhor?

— Smithfield, disse o policia sem a menor hesitação.

A lady tomou logar á mesa entre Walker e os dois remadores, convidando Holmes a fazer o mesmo.

— Já comeram? perguntou ella aos outros convivas.

— Sim, respondeu um dos homens.

— Pois bem! tragam-nos agora o que comer, disse ella á porteira. Um bom jantar ouviste? Necessitamos comer bem antes do embarque.

Então as tres mulheres puzeram-se a servir o jantar. Entretanto conversava-se.

— O capitão do "Business" tem tudo arranjado?

— Está tudo prompto. Só falta o piloto Jack. Mas está a chegar.

— E não ha que temer a policia?

— Absolutamente!

— E as rondas da alfandega?

O SUBTERRANEO
(SHERLOCK HOLMES

— Deixar-nos-ão passar.

— E os meus valores já estão a bordo?

— Já lá está tudo.

— E estão já convencidos que estamos livres de policias e agentes e de toda essa canalha?

Um dos remadores corou.

— Que tens, Burton? perguntou-lhe a lady.

— Sherlock Holmes! o famoso policia está aqui, disse o outro cheio de colera. E com elle corremos grande risco de sermos apanhados.

Um murmurio de odio e de vingança perpassou pelo auditorio.

— Sherlock Holmes! hum! Esse nome é, com effeito, muito conhecido, disse a senhora Likeness. Tem ouvido falar nelle, sr. Smithfield? perguntou ella ao policia, que numa admiravel fleugma, comia com appetite.

— Holmes? respondeu elle com o ar de quem procura recordar-se... Não me lembro de o ter visto. Apenas tenho ouvido pronunciar algumas vezes este nome...

— Também eu tenho ouvido falar nelle e mais vezes que o sr., disse a lady no meio do maior silencio.

"Holmes, é o espião miseravel que segue os meus passos, que observa todos os meus actos, e que, sem duvida, teria muita vontade de me prender. Mas apesar da astucia e habilidade, sempre lhe tenho escapado, e ainda agora acabo de lhe fazer uma das minhas partidas.

"Admira que o sr. Smithfield venha de Londres e diga que não conhece Sherlock! Elle está em toda a parte e sobre tudo onde se não esperar encontral-o. Por exemplo, neste momento está num logar que elle vê pela primeira vez, certamente, mas tambem pela ultima.

Holmes havia sido descoberto e tinha cahido na cilada." Metteu a mão na algibeira para tirar o revolver. Mas era já tarde. Os dois remadores tinham-no agarrado fortemente e paralisavam-lhe todos os movimentos.

— Este sr. "Smithfield", disse a lady sorrindo, é o proprio Holmes, nosso terrivel inimigo, que nos queria prender, mas que por uma justa inversão das coisas é agora nosso prisioneiro.

Um murmurio de espanto e de colera percorreu a assistencia.

— Exijo que me levem daqui sem me tocar! disse Holmes com o seu semblante habitual.

O sangue frio do policia crescia com o perigo.

— Sim, vamos conduzil-o, mas por um caminho que o senhor não conhece, nem desejaria conhecer, exclamou a lady aproximando-se delle enraivecida.

"Meus amigos, continuou ella num tom de zombaria, sinto-me feliz por, antes de deixar a Inglaterra, prestar este serviço á humanidade desembaraçando-a deste homem cujas qualidades presto-lhe esta homenagem, constituem um perigo para heroes como nós.

Nesse momento batiam no tabique precipitadamente.

— Descobrir-nos-iam? exclamou a lady.

A porteira espreitou.

— A policia está aqui perto.

— Fujamos daqui! e depressa, disse a lady com voz baixa mas firme.

No pateo ouvia-se um ruido de vozes e um tilintar de armas.

MYSTERIOSO

POR CONAN DOYLE)

Num abrir e fechar de olhos, as luzes apagaram-se, excepto uma lampada. A mesa e as cadeiras foram encostadas ás paredes. Rapidamente e sem barulho, os convivas desappareceram por um alçapão.

Apenas tinham ficado em cima a senhora Likeness, Sherlock Holmes e os dois remadores.

— Apressem-se, lá estão elles! disse a porteira.

— Levem-no, ordenou a lady imperiosamente, indicando Holmes. E' preciso que o não encontrem aqui. Vamos para baixo!

Os dois vigorosos remadores pegaram no policia bem amarrado e desceram...

A lady lançou um ultimo olhar em redor de si. Estava tudo em ordem. Ninguem poderia suspeitar duma fuga...

Alcançou a escada, desceu, deixou cahir o alçapão e fechou-o com uma comprida e grossa tranca de ferro.

No quarto tudo estava em socego. A porteira tinha tornado a pôr a mesa num instante e tirado os guardanapos.

Fortes pancadas abalavam agora a porta. Esta voou em pedaços e uma duzia de guardas munidos de luzes e armados de sabres penetraram na casa, ficando espantados de a encontrar vazia.

Fizeram minuciosas observações sobre as paredes para descobrir alguma sahida secreta. Mas tudo foi trabalho perdido; as grandes janellas gradeadas não podiam dar passagem a ninguem.

As investigações dos guardas duraram vinte minutos.

Mas nenhum delles pensou em examinar o soalho; o compartimento tinha já um aspecto de subterraneo e elles estavam longe de calcular que pudesse haver outra sala por baixo dessa.

Alem disso mesmo que dessem com ella, seria já tarde. Havia já muito tempo que os fugitivos tinham alcançado o Tamisa, onde o vapor "Business" os esperava.

A noite favorecia-lhe a fuga.

CAPITULO X

FINALMENTO SALVO!

Sherlock Holmes tinha perdido os sentidos, suffocado pela mordaça. Mas curta foi a syncope. Quando voltou a si andavam os guardas pesquizando no compartimento superior.

Quiz chamal-os, mas era impossivel. A mordaça abafava-lhe os gritos.

Apesar de toda a sua energia, de novo perdeu os sentidos, esgotado de forças.

Quando readquiriu o uso da razão, reinava ali a mais completa obscuridade.

As suas mãos estavam presas. Tinha perdido a noção do tempo. Voltando á consciencia da sua situação foi tomado duma crise de colera ao reconhecer que tinha sido o joguete duma mulher e que esta lhe tinha fugido com os seus cumplices. Certamente aquella hora já teria alcançado o mar e portanto estaria livre da justiça.

Pouco a pouco retomou o sangue frio e uma idéa começou a preoccupar Holmes. Como libertar-se daquella prisão, ligado de pés e mãos e demais amor-

Em vão procurou um meio de quebrar as cordas que o manietavam. Então arrastou-se com immenso custo até á parede. A sua cabeça tocou ali. Depois continuou a arrastar-se ao longo da parede, adquirindo assim a noção que esta devia ter uns tres a quatro metros de comprimento. Conseguiu pôr-se de joelhos, e depois com grande custo, em pé. Mas a sua cabeça não alcançava o tecto.

Na casa não havia nenhum movel. Caminhando sempre encostado á parede, que lhe parecia guarnecida de vigas, não encontrou nada que pudesse dar-lhe a impressão duma sahida.

Tinham tirado a escada. Certamente havia no solo uma outra sahida pensou Sherlock Holmes.

Então deitou-se no chão, de costas, e apalpando com as mãos, procurou um alçapão; effectivamente não tardou muito que não encontrasse uma fenda. Era sem duvida a outra sahida.

Mas como abril-a?

Se elle ainda tivesse as mãos livres!

Torcendo-se sobre si conseguiu alcançar a algibeira do seu casaco, tinha ali uma navalha; com o dedo minimo da mão direita tentou tiral-a. Mas impossivel.

Teve outra idéa. Erguendo-se sobre a cabeça e sacudindo o corpo, poude após grandes esforços fazer cahir os objectos que tinha nas algibeiras. Primeiro cahiu a lanterna electrica, depois a navalha; o revolver já lh'o tinham tirado.

Exgotado de energia e meio asphyxiado deixou-se cahir no chão; depois dum curto descanço arrastou-se até ao logar onde estava a navalha. Collocou-a entre os joelhos e com os dentes conseguiu abril-a. Mas era perigoso servir-se della na escuridão.

— A lanterna!

Procurou-a, com um dedo que havia ficado livre carregou o botão.

A chamma illuminou a casa. Uma grande alegria então lhe inundou o coração.

Agora via bem!

Olhou em redor de si.

A casa estava completamente fechada e inteiramente vazia.

Approximou da navalha as suas mãos fortemente ligadas; collocou-se de modo a receber de lado a luz da lanterna. Depois procurou apoiar sobre a lamina a corda que lhe ligava as mãos. Só depois de dolorosas contorsões conseguiu isso; passou innumeras vezes a corda sobre a lamina.

O esforço necessario para fazer isso era esgotante.

Mas elle continuava sempre.

Empregou muitas horas entrecortadas de fugazes descanços.

Emfim, depois de cortadas em varias partes a corda cedeu.

Immensamente fatigado, cahiu com os braços estendidos, ficando immovel.

Esperou que a circulação do sangue se restabelecesse e que os musculos recuperassem as forças.

O mais difficil estava feito.

Tirou a mordaça, cortou a corda que lhe ligava os pés. Começou a ter esperança...

— Vejamos um pouco, disse elle, pesquizando o alçapão do soalho. Ah! está fechado por dentro. Já o calculava. Mas é impossivel levantal-o. E o outro? Mas o tecto estava muito alto para que lhe podesse chegar.

Não havia naquella casa nada que o pudesse auxiliar.

Que fazer?

Occorreu ao seu espirito uma idéa.

Tirou o casaco, e servindo-se da navalha cortou-o em tiras estreitas. Ligou-as entre si e usando, como de uma corda, fez um nó corredio e poz-se a lançar esse laço improvisado de modo a alcançar um gancho de ferro que pendia do tecto.

Não foi facil tal tarefa. Mas afinal o conseguiu.

Então içando-se com o auxilio da improvisada corda conseguiu abrir o alçapão do tecto.

Com mas um bocado de esforço conseguiu attingir o pavimento da casa onde a senhora Likeness e os seus cumplices tinham comido.

Sentou-se e respirou a plenos pulmões.

Tratava-se agora de sahir daquella casa.

A unica porta que havia estava solidamente fechada por fóra.

Quanto ás janellas, estas eram de grades.

Sentiu-se um tanto desconcertado com mais esta difficuldade.

Mas de repente a porta abriu-se.

Appareceu uma mulher, provavelmente a proprietaria deste retiro de bandidos.

Parou na soleira da porta, com uma lanterna na mão.

Tomada de grande espanto, perguntou a Holmes.

— D'onde vem? D'onde sahiu?

— Por esta infernal porta, respondeu-lhe Sherlock Holmes. E agora dê-me uma pinga de vinho para restaurar as forças e um fato qualquer. Depois ha de indicar-me a estrada.

— E' ainda muito cedo, resmungou a velha. Tem que ficar aqui até o romper do dia. E, alem disso, não tenho em casa vinho nem fato de homem.

— Que quer isto dizer? Pois tenho eu que ficar aqui ainda este dia? Mas ainda agora são quatro horas, disse consultando o relogio e levantando os olhos para a luz baça que se escoava pelas grades. Por acaso, tenciona reter-me aqui pela força?

— Sim! si o puder fazer.

— Gostava de ver isso!

— Como quizer, respondeu a velha.

— Costume, continuou o policia, fazer sempre o que me agrada, e agora apraz-me sahir daqui.

— Pois daqui não sae, replicou a velha.

— E é você quem m'o impede?

— Sim, respondeu ella levantando a mão onde luzia o cano de um revolver.

Sherlock Holmes não manfiestou a menor emoção.

— Com esse brinquedo? disse elle apontando para a arma.

— Não se chegue. Elle faz buracos muito perigosos. Se quer bater-se commigo, veremos quem vence, si a mulher si o homem.

Sherlock Holmes não disse nada, e poz-se a assobiar em surdina.

— Com que então resignou-se?

— Não! respondeu com vivacidade e decisão.

Tinha o canivete e a lanterna na algibeira das calças e a corda na mão.

— Fica pois sendo o meu prisioneiro?

— Mas, por que?

— A lady necessita que o senhor aqui permaneça porque o senhor é da policia ou emfim seu inimigo, e ella não deseja que lhe entravem a viagem. Emfim, o senhor quer queira quer não queira tem de ficar aqui ainda algumas horas.

— E se eu não quizer?

— Nesse caso far-lhe-ei um presente de... ameixas.

— Ah! é isso, então chamarei por Jack, replicou calmamente Holmes. E lançando um olhar para o alçapão, gritou:

— Eh! Jack, attenção.

A mulher não esperava por isso. Voltou a cabeça aterrada, para aquelle logar.

Sherlock Holmes aproveitou esse instante. Com a corda que tinha na mão deu-lhe uma formidavel pancada na cabeça, quebrou-lhe a lanterna e saltou para a porta.

Num abrir e fechar de olhos correu para o pateo que horas antes atravessara com a senhora Likeness.

Um cão pretendeu embargar-lhe a passagem. Mas Holmes deu lhe tão forte pontapé que o animal cahiu para o lado, uivando.

Porem a mulher tinha-se levantado depressa e apparecendo á porta com o revolver na mão, gritou:

— Se dás mais um passo, mato-te como um cão.

O policia deu um pulo para traz. O tiro partiu errando o alvo e logo a velha cahiu por terra atordoada por um formidavel socco que Holmes lhe applicara.

Fria e calmamente, o policia arrancou-lhe da mão o revolver.

— Para mais segurança, disse Holmes.

Depois atravessou o pateo e dirigiu-se para a estrada.

CAPITULO XI

O PILOTO

Na occasião em que chegava á estrada deu de cara com um homem que sahia duma cabana.

Robusto, forte, de barba em ponta, e o rosto tisnado pelo sol deixava logo perceber um authentico

maritimo. Encaminhou-se para a casa donde Sherlock Holmes acabava de sahir.

Este pensou logo que seria conveniente seguil-o. E na verdade não se arrependeu. O homem chegou á porta do quintal e entrou na primeira casa. Era certamente um frequentador da loja.

Sherlock Holmes viu-o aproximar-se da mulher ainda desfallecida e sacudil-a dizendo:

— Ainda dura a bebedeira, estafermo? Eh! velha do inferno, dize-me lá...

Ella a custo abriu os olhos.

— Responde-me depressa! Já se foram?

— Ha muito tempo.

— Oh que raio? A que horas?

— Devia ser meia noite.

— Já irão longe?

— Eu sei lá!

— E' forçoso que eu os alcance, disse o homem. Demais, elles não podem ir longe sem piloto, talvez ahi pelas alturas de Sherness...

— Mas porque vieste tão tarde?

— Uns malditos policias pilharam-me e sabe Deus o que me custou a safar. Bem, nada de demoras agora. Vou tomar o comboyo para ver se os encontro ao largo em Sheerness.

Sherlock Holmes ao ouvir isso escondera-se logo. Estava á espera do piloto por detraz da cabana d'onde elle havia de sahir.

O maritimo dirigia-se a passos rapidos para a cidade quando Holmes o agarrou de surpreza.

O homem cahiu logo.

O policia com um joelho sobre o peito do piloto, ameaçava-o com o revolver.

— Ouve, disse Holmes. Morrerás si não me dizes já como posso reconhecer o "Business".

— Nada responderei. Primeiro diz-me quem és?

— Não precisas sabel-o. Fala depressa!

— Não.

— Pois então irás morrer.

— Não, lá isso é que não. Não sou tão estupido que queira ficar para aqui estendido de morte macaca! Demais elles não esperam por mim!

O "Business"? E' um vapor pequeno com o costado pintado de vermelho e negro, chaminé amarella com um "L" no cano. Tem o pavilhão inglez e um outro verde.

— Bem, obrigado. Vou deixar-te. Mas, espera, ainda não... Uma coisa, dá cá a tua mão direita. Agora a esquerda... O policia tinha tirado umas algemas com as quaes ligou as mãos e os pés do marinheiro. Depois tirando do bolso uma tesoura começou a cortar a barba ao piloto rente com o queixo.

— Agora vou vestir o teu fato... Tenho muita pena de nada te poder dar em troca... Mas não te faças esperar, do contrario estamos mal.

O homem não se demorou em satisfazer os desejos de Holmes.

Este enrolando tudo num embrulho, dirigiu-se apressadamente para a estrada.

Ainda não tinha um plano fixo. Mas começava a entrevel-o. Primeiro que tudo era necessario alcançar Londres rapidamente. A buzina dum automovel veiu tiral-o das suas cogitações. Em vez de se desviar, atrapalhado, o policia lançou-se para a carruagem de braços cruzados.

A estrada não era larga. O conductor verdadeiramente admirado gritou-lhe:

— Você está doido? Vá desvie-se.

— Não estou doido, não senhor! Sou Sherlock Holmes. Necessito dum logar neste automovel.

O dono da carruagem que ia assentado na parte de dentro, deitou a cabeça fóra da janella.

Era um rico habitante da cidade que voltava do campo.

Sherlock Holmes proferiu de novo o seu nome.

— Suba, senhor, disse o sujeito do automovel.

Já na carruagem, o policia poz este ao facto do que se passava.

— Mas, isso é interessante, disse Sherlley, tal era o nome do dono do automovel e o que tenciona fazer?

— Ainda não sei bem. Mas espero alcançar o navio ao largo de Sheerness, graças a um fato de piloto que levo aqui.

— Se eu lhe puder ser util...

— Oh!... Receio abusar da sua bondade.

— Mas não, caro senhor, não, pelo contrario, tenho muito gosto. Em que lhe posso ser agradavel?

— Pois bem, já que assim o deseja. Esta carruagem é boa?

— Tenho em casa uma melhor, mais leve e mais rapida.

— Muito bem, dentro de meia hora partiremos para Sheersness. Entretanto, vou prevenir a policia e disfarçar-me. Quer ir deixar-me em casa?

— Com todo o gosto.

Holmes não perdeu um segundo. Primeiramente mandou Harry Taxon, seu fiel secretario, com uma nota á policia, depois vestiu depressa o fato de piloto, collou a barba deste ao longo do rosto e pintou o cabello.

Quando meia hora depois, um leve automovel guiado pelo proprio senhor Shelley parou deante da porta, este não reconhecia o policia.

— E agora, toca para Sheerness!!

Havia apenas setenta kilometros a percorrer. Uma hora depois, os viajantes chegaram ao porto.

— Ora vejamos! disse Holmes, partiram á meia noite, são seis horas da tarde. Das duas uma, ou já passaram e então nada ha a fazer, ou veem devagar, por qualquer razão e, nesse caso espero apanhal-os.

— Quaes são os signaes do navio? perguntou o senhor Shelley.

Holmes descreveu-lhe o vapor.

— Não é aquelle que está lá adeante?

Ao largo um pequeno vapor com os signaes indicados por Holmes, parecia esperar.

— E' elle effectivamente, ou pelo menos parece sel-o...

— Ouça, senhor Shelley. Olhe o meu plano. Eu vou a bordo só.

— Só?

— E' absolutamente indispensavel. De contrario seriamos recebidos a tiro. O senhor toma o automovel, e segue o mais que possa o navio.

— Bem.

— E quando o veja aproximar-se de terra, vae ao porto mais proximo, freta um barco com remadores. Comprehendeu?

— Perfeitamente.

— Se encontrar um posto de policias ou marinheiros do Estado, requisite-os.

— Entendido.

— E agora, até á volta.

Holmes, encontrando logo um barco, subiu só a remou para o "Business".

Quando chegou ao alcance da voz era quasi noite. Ouviu gritarem-lhe:

— Oh! da canôa! Quem vem lá?

— E' o piloto, Jack, respondeu Holmes.

— Até que emfim.

Foi o proprio capitão quem recebeu Jack, contando-lhe este as suas aventuras. Mas o seu olhar perspicaz desconfiou do disfarce de Holmes.

— Conheces bem a costa? prguntou-lhe o capitão.

— Muito bem.

— Tanto melhor! vou dormir um bocado. Ha vinte e quatro horas que estou de pé, e já não posso mais.

— Era já noite; reinava uma claridade propicia. Era preciso agora manobrar com prudencia.

O falso piloto que sabia manobrar muito bem a roda de um leme, fez-se á terra tomando o sul.

Guiava-se pela luz dos pharóes.

A bordo tinha-se accendido os pharolins. Shelley devia estar attento.

— Terra a bombordo! gritou o marinheiro de quarto.

Dahi a pouco este dizia na mesma toada:

— Canôa a bombordo!

O olhar de lince de Holmes distinguiu no claro-escuro da noite uma canôa tripulada por umas dez pessôas. Era certamente Shelley.

A embarcação approximava-se.

— Mais depressa, ordenou pelo porta voz da machina...

Mas logo, sentiu-se agarrado, ao mesmo tempo que certa mão, pequena mas energica, lhe arrancava a barba.

— O' demonio! disse a voz da senhora Likeness, sempre elle!

E procurou apoderar-se da roda do leme.

Mas Houmes não lh'o consentiu.

— Soccorro! gritou elle, soccorro!

Uma grande confusão se levantou no vapor a este grito.

Mas graças á sua crescente velocidade, o "Business" estava já muito perto da canôa. Ia abordal-a.

Depois Holmes foi arrancado do banco de quarto, emquanto o capitão procurava afastar o navio de terra e pôl-o a navegar para o norte.

Mas era muito tarde.

A canôa, uma baleeira do Estado, tripulada por marinherios e agentes, acabava de abordar ao vapor, agora immovel.

— Em nome da Rainha! gritou uma voz de bordo da canôa.

A senhora Likeness lançou um grito de colera. Precipitou-se para Sherlock Holmes, que manietado de pés e mãos jazia a um canto. Queria matal-o.

Mas éra muito tarde. A ponte havia já sido invadida pelos marinheiros e guardas de segurança. Ruth e Walker foram logo agarrados. Sherlock Holmes, cortadas as cordas que o manietavam, foi muito felicitado pelo senhor Shelley, a quem respondeu:

— E' ao senhor que eu devo agradecer. Sem a sua dedicada collaboração nunca teria conseguido deitar a mão a esta gente.

. . . .

A senhora Likeness, Walker e todos os fugitivos do "Business" foram levados para Londres.

Todo os passageiros do maldito vapor eram temiveis criminosos.

Esperava-se um processo escandaloso, especialmente no que dizia respeito á senhora Likeness.

Qual não foi o espanto de Holmes ao saber, uma bella manhã, que essa mulher e Walker se tinham evadido de noite.

Ruth conseguira seduzir o carcereiro e nunca mais foi agarrada apesar de todos os esforços da policia ingleza e americana.

Annos depois os jornaes annunciavam a morte de uma mulher chamada Hartwich, e de seu marido, deportados na Siberia por um crime politico.

Tratava-se ainda, e pela ultima vez, de Ruth Likeness e de Walker. Refugiada em S. Petersburgo, tinha cahido nas desconfianças da policia e, por denuncias e intrigas, havia sido arrastada até á Siberia onde succumbira, arrastando até á morte a sua infeliz victima, o desgraçado Walker.

FIM

No proximo numero, do mesmo autor:

A HONRA DOS MALCOLM

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 ») .... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 ») .... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 115$000
Semestre (26 ») .... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

F O N - F O N

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso — THESOUREIRO: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

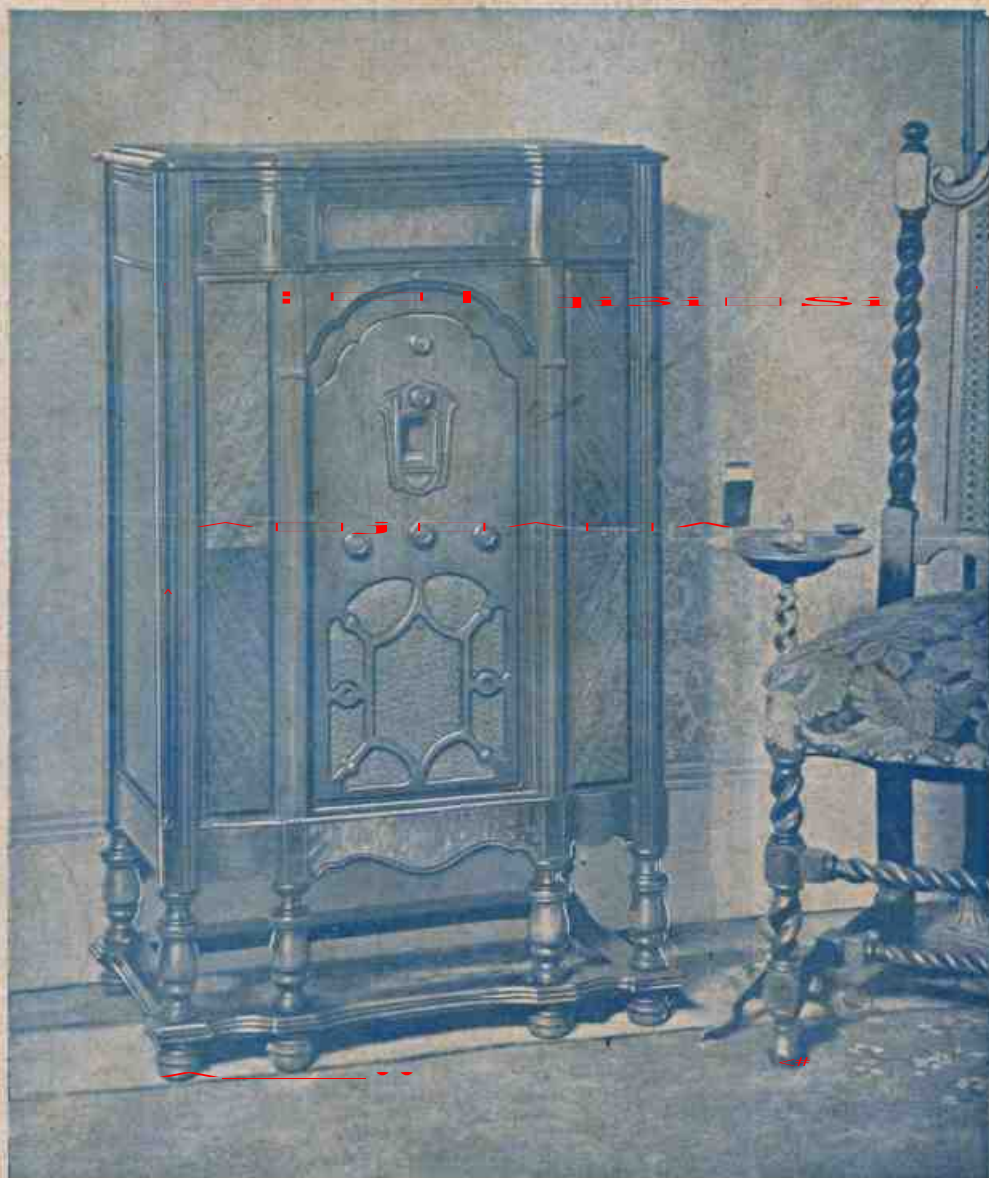
EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

Comptoir International de Publicité Garçon & Levindrey Rue Tronchet, 9 — France — Paris VIII Ludgate Hill. Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ...... 1$500

RADIO ELECTROLA RCA VICTOR

Modelo RE-80

Um bellissimo movel e um instrumento incomparavel. A mais perfeita electrola em combinação com um radio de 8 valvulas, possante e de grande selectividade.

Vendas em 10 prestações ou no Christoph Club em 50 prestações com dois sorteios semanaes.

Paul J. Christoph Company

Ouvidor, 98	S. Bento, 35
Gonç. Dias, 64	Direita, 25
Av. Rio Branco, 122 - Rio	S. Paulo